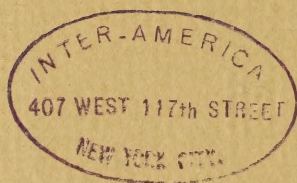
PROPAGANDA LEAL DA CUNHA

Pela independencia economica e emancipação commercial do Brasil

Assumptos e projectos de reformas de politica economica e alta finança

São Paulo 1912
Estabelecimento Graphico Universal
Rua do Theatro, 40 e 42

PROPAGANDA LEAL DA CUNHA

PELA INDEPENDENCIA ECONOMICA

— E —

EMANCIPAÇÃO COMMERCIAL DO BRASIL

Assumptos e projectos de reformas de politica economica e alta finança

S. Paulo 1912
Estabelecimento Graphico Universal
Rua do Theatro, 40 e 42

A' S. Ex.ª,

O Ill.mo Snr. Cons.ro Francisco de Paula Rodrigues Alves, estadista notavel, por seu vasto descortino e potente envergadura, que, alliando a peregrinos dotes pessoaes grande saber, alta capacidade administrativa e a serena energia dos fortes pelas virtudes possuidas, se tem revelado na Presidencia do Estado de S. Paulo e da Republica the right man in the right place — *ao eminente compatriota que se constituiu no actual momento critico da vida nacional o penhor seguro das esperanças dos verdadeiros patriotas, que anceiam por ver a patria redempta da servidão economica e commercial, que a avassalla, e da anarchia politica, determinada pelo tumultuar constante de ambições desregradas, por parte do pessoal dirigente, e sobretudo pela imperícia, imprevidencia e tibieza, com que se tem procurado no Governo Nacional encaminhar as soluções de importantes problemas, attinentes á vida, á segurança e ao progresso da Republica — em homenagem aos preclaros meritos de S. Ex.ª, hoje, mais do que nunca, considerado um grande homem, necessario á nossa amada patria, tem a honra de dedicar-lhe o presente trabalho,*

O auctor.

Aos meus compatriotas

Nesta peça de iniciação do meu livro, que menos deve parecer um simples proemio e mais depressa um vibrante manifesto á Nação Brasileira, ver-se-á claramente, após attenta e meditada leitura, que ella é de facto verdadeira guarda avançada da minha combatividade tenaz, de politico nacionalista e liberal, nos nefastos tempos que perpassam.

Não me julgaria, pois, nunca no direito de prefaciar o livro, começando por dizer, como o fizera Teixeira Bastos, em sua obra sobre a "Crise Portugueza" que elle é um mero depoimento, embora sincero, imparcial e veridico, acerca das causas determinantes e accessorias da decadencia accentuada de nossa Republica.

Elle é mais do que isso; porquanto em muitas de suas paginas estridulam e resoam clangorosamente successivos toques de clarim, que só os peiores surdos não ouvirão, pondo em rebate as consciencias, alarmando-as com seguros avisos do perigo commum imminente, armando-as de resolução firme para fazer alçar os braços dos patriotas em attitudes de legitima reacção e defesa contra os seus adversarios naturaes, felizmente já bem reconhecidos.

Perlustrando essas paginas, os meus compatriotas se vão compenetrar de duras e dolorosas verdades, quanto ás nocivas lacunas de nossa vida collectiva; e se convencerão, de pouco em pouco, de que estamos nós, os brasileiros, vivendo perennemente sob a malefica suggestão das mais falaciosas e perfidas illusões, embaida a maioria

do povo de que a vida nacional deve ser sempre assim anomala, como é, despreoccupando-nos por completo do estudo integral das condições especiaes em que se passa a nossa existencia, dia a dia, deixando-nos levar de roldão, assoberbados e inertes, no exame e discussão do nosso problema economico-financeiro, por umas tantas noções falsas, advindas do outro lado do Atlantico, infelizmente com curso corrente na Republica, e cuja applicação, em nossos institutos legaes e medidas governativas como nos nossos habitos e costumes, só graves males causam á Republica. empobrecendo-a, infelicitando-a, derruindo-a, mais e mais.

Procurassemos, nós os brasileiros, nos conduzir na labuta quotidiana por criterios proprios, utilitarios, por observações meticulosas e acuradas de nossos phenomenos economico-sociaes, para d'ahi resultarem salutares illações, fomentadoras da genuina politica do bem publico; adoptada essa intelligente directriz de nossa actividade, marchando a nação firmemente orientada para a obtenção da mais efficaz laboriosidade, porque consentanea e garantidora dos mais legitimos interesses dos productores e da população em geral, exercida em observancia plena e fiel aos preceitos cardeaes da sciencia das riquezas; e essa crise que tanto nos acabrunha e envergonha, e essa situação constatada de decadencia politica e miseria social, logo teriam definitivo termo, passando nós immediatamente a ser um povo livre e progressista e não a agglomeração infórme de 25 milhões de sul-americanos, dominados em sua terra natal como se servos da gléba fossem, não podendo gozar o verdadeiro amor da patria nem o exercicio de livre soberania, porque influencias extranhas á Republica de facto a dominam, a constrangem, a subjugam, extendendo pelo paiz inteiro a servidão economica e commercial.

Para conseguirmos a realização de tão nobre desideratum, a posse da Nação em si mesma, o livre e integro exercicio de sua soberania, são necessarias refórmas que modifiquem profundamente a vida nacional? Porque não as decretaremos solemnemente em lei? Porque não as havemos de emprehender, se é até o caso do *Salus populi . . . ?* E se estamos verdadeiramente em difficil

conjunctura, se a vida nacional se converteu numa constante e infinda odysséa de dôres gravativas, de estereis labutas, de luctas inglorias e extremos sacrificios, se mesmo dentro do paiz os embaraços para as reformas habeis e salvadoras são oppostos pelos principaes figurantes da politica, ignorantes na maioria, inertes quasi todos, parecendo pelos actos de maior relevo que conspiram realmente contra a patria, atraiçoando-a na defesa do interesse collectivo, com a mira unica do interesse pessoal, pondo-se em franca alliança, salvaguardando-os e servindo-os, com interesses extrangeiros, radicados no paiz; porque não se appellar para uma Revolução, que, orientada e resoluta, obedecendo a um programma liberal e de regeneração de costumes politicos, faria surgir ovante, forte e gloriosa das ruinas do Brasil de hoje, a patria revigorada, rejuvenescida, illuminada e livremente procurando servir aos seus excelsos destinos? Mãos á obra!

Não percamos tempo.

Precisamos fazer nós os brasileiros alguma cousa de proveitoso para nós e a Humanidade. Por emquanto, temos vivido ingloriamente, desservindo-nos e ao mundo, vivendo só e unicamente ao sabor das conveniencias maximas, das pingues vantagens, que pode e quer sempre auferir o capitalismo cosmopolita da exploração ignobil e usuraria das nações fracas, sobre as quaes exerce diuturnamente a tyrania da astueia, quando não é obrigado a promover as maiores violencias, até as guerras de conquista ou de protectorado commercial.

Força é confessar, porém, que para se tomar efficiente uma Revolução, não basta unicamente reunir os seus numerosos elementos de força, e pol-os em linha de combate. Da sua victoria, quando possivel, resultaria o triumpho egoista de um caudilho audacioso e feliz, sem patriotismo e sem ambições da legitima gloria, ou quando muito a de um grupo de olygarchas, que se constituisse em forte syndicato para explorar as riquezas de sua patria, em seu exclusivo proveito, escravisando a Nação.

Seria em qualquer dos dois casos o successo d'uma revolta contra os poderosos espoliadores do dia, creando-se uma situação politica semelhante, mudados apenas os personagens investidos do supremo mando, transferidas

para outros individuos as diversas parcellas da auctoridade politica.

Para a victoria plena e brilhante de uma Revolução preciso se torna que essa irrompa, no seio de qualquer patria afflicta, enfraquecida e depredada, em nome de um programma regenerador e progressista, que importe a sancção aos immortaes principios de direito e de moral, que regem os destinos da humanidade culta.

E para o successo completo da acção revolucionaria, que os bons brasileiros de hoje entendam de promover e sustentar para salvarem a patria em perigo, não falta já, como em tempo faltou, um programma definido, compendiando um conjuncto harmonico de reformas liberaes e tonificadoras das energias nacionaes, o qual tem sido o meu objectivo constante de propaganda pela tribuna popular e pela imprensa, em indefessa agitação civica pelo bem publico.

Eil-o, illuminando as paginas d'este livro, buscando inspirar a consciencia nacional para com segurança agir contra as influencias deleterias do meio social e implantar os alicerces de fecundas obras e portentosas reconstrucções, propiciando-nos sem demora uma vida inteiramente nova e promissora, que levará a Republica em seus movimentos de gradual e ininterrupta evolução até o apogêu da gloria, impondo-se ao respeito e admiração do mundo pelo seu grande poderio e extraordinaria opulencia, e mais particularmente, á estima dos outros povos pelo grande destaque em que ficarão os apanagios moraes dos cidadãos brasileiros, que, não ha negar, constituem um povo bom, compassivo, fraterno e hospitaleiro, talvez unico no universo.

Numa Republica, como a nossa, em que é falseado o principio basico do regimen, o da electividade da magistratura politica; onde jamais houve eleições livres e onde de facto a cidadania é uma burla, lavrando de norte a sul nas diversas classes da sociedade o mais torpe e crasso servilismo; conversa em um misero e infame simulacro essa pretensa democracia representativa constitucional, que se proclamou a 15 de Novembro de 1889 e que incompetentemente tem governado a nação, reduzindo-a á extrema penuria, avassallada por mil difficuldades e gravames

de ordem economica, vivendo ainda por cumulo de desdita sob o guante ferreo da dictadura de olygarchas, prepotentemente fundada no poder militar da Nação, uns de farda, outros sem ella; seria d'uma ingenuidade pueril o suppôr-se que as reformas necessarias á vitalidade e progresso do paiz podessem ser alcançadas pelos meios constitucionaes. Creiam nisso os credulos em demasia, sonhem, embora de olhos abertos, com essa enganadora miragem esses espiritos infantis, que infelizmente se contam por tres quartos da população, mas a cousa não será possivel.

As reformas liberaes e restauradoras do organismo nacional, peiado e inanido, têm que vir, virão mesmo fatalmente; porque o motivo de ordem superior que as determina — o economico — é imperioso e cruel, como a propria lei da lucta pela vida, e ha de conseguir a sua sancção por meios violentos, com a explosão revolucionaria de grandes forças sociaes, em excesso comprimidas e hostilisadas, pelo *condotierismo*, que charlatanica e criminosamente nos tem governado, cerceando a liberdade, denegando a justiça, eliminando vidas, depredando propriedades legitimamente adquiridas, deixando, em summa, como lhe cumpria, de defender *à outrance* o trabalho nacional, unica condição *sine quà non* da existencia do Estado, da necessidade de Governo.

E quanto mais, por um misoneismo retrogrado e reprovavel, por uma condemnavel imprevidencia ou vil pusillanimidade, por incomprehensivel e excessiva prudencia, que já se confunde com a passividade dos apathicos incuraveis, procrastinarmos o advento das reformas libertadoras, teremos a lamentar maior, mais terrivel e mais duradouro periodo de crise convulsionaria do organismo nacional, cujo mal ainda se poderá curar com o remedio indicado, que é realmente efficaz, mas que nos custará muito caro, em derrames de precioso sangue e em enormes damnos, de todo em todo, inevitaveis.

O *statu quò* que tanto prejudica a existencia da sociedade politica, enfraquecendo-a e degradando-a; esse mar morto em que se converteu a opinião publica; o ambiente mephytico que nos intoxica e corrompe, donde quasi toda a Nação, como victima imbelle, não ha que

fugir á sua acção deleteria, pois a circumda desde o alto capitel do Olympo Republicano até os ultimos alicerces do embasamento municipal; tudo isso, que satanicamente se reuniu em detrimento do paiz, sobretudo pela supina e crassa ignorancia, até dos proprios interesses vitaes, que se vê e lastima em tres quartas partes da população, cujo analphabetismo ainda ascende á mesma pavorosa porcentagem de 75 %; tudo isso, não pode nem deve perdurar por honra nossa, para que não sejamos apontados, nós os brasileiros, como o ultimo dos povos christãos, os homens infames da America do Sul, que perderam a noção da dignidade e do senso moral, que se divorciaram do regimen do direito, que se têm portado como estupidos iconoclastas da liberdade, deixando-se escravisar sem lucta na propria patria, tão digna e merecedora d'uma vida mais suave, mais confortavel, honrosa e feliz.

Porque nos determos, mudos, perplexos, immoveis, sem que nos assome á face a onda rubra, expressiva do pundonor nacional, deante o desmoronamento successivo de tudo que nos habituaramos a ver e a amar na patria, quando somos mais de 25 milhões e os inimigos a combater talvez nem sejam 25 milhares?

Porque a cada passo, todo o dia, se ha de verificar que o povo brasileiro cheio de predicados tão nobres, tão cioso outrora da liberdade e progresso, não obstante, nesses ominosos quatro para cinco lustros de vigencia do pseudo regimen republicano. cada vez mais se distancia da representação de seu idoneo papel, de unico e verdadeiro soberano do regimen, revelando-se até hoje de facto um povo que não defende a sua liberdade, que não tem vontade nem mesmo sabe o que deve querer, que nada diz pela imprensa, nos comicios e em representações e nada absolutamente faz para que se vão realizando no paiz effeitos de maior civilisação e se vão formando as correntes de opinião publica, que devem excitar, tonificando e orientando, a grande vida liberal no Brasil, tal qual se observa no seio das nações cultas?

Nós os brasileiros de hoje temos o dever inilludivel de não gravar enormemente, como infelizmente vamos consentindo, a vida dos brasileiros do futuro; e sob pena de nos infamarmos ante a historia para todo o sempre

nos cumpre, quanto antes, exterminar essa Republica falsa e prostituida, onde as eleições são as farças mais impudentes e ridiculas; onde a Constituição e as leis são constantemente violadas ao alvedrio de despotas de toda a especie, que imperam e tyranisam nas diversas circumscripções nacionaes; onde o trabalho se exerce em condições anomalas, não havendo estabilidade na ordem economica nem garantias efficazes de justiça, para que se apurem equitativamente os valores da producção, tão variada e tão rica; onde não ha em absoluto nem pode haver, sem profundas reformas no organismo economico-financeiro, a legitima defesa commercial, por causa da crise perenne de circulação, em que vive o paiz, a qual é de um escasso milhão de contos de reis, quando já devêra ser pelo menos de 2 milhões e meio, rasão unica do nosso continuo e progressivo empobrecimento, visto que a população augmenta, assim tambem os requintes de civilisação, e o dinheiro necessario á justa remuneração do labôr popular vai ao contrario cada vez mais escasseando.

Urge deitar por terra essa Republica, malefica e deshonrada, que só tem servido para salvaguardar sempre os interesses, ás vezes illicitos, do capitalismo extrangeiro, que tem negocios com o Brasil, preterindo e lesando o legitimo interesse da communhão nacional; e erijamos logo a sumptuosa construcção da Republica do Trabalho ao invez de mantermos com opprobrio semelhante situação politica que nos avilta, em que os personagens egregios, os magnatas augustos, são obedecidos e reverenciados, alguns até com um original culto civico, quando quasi todos esses *soi disant* egregios estadistas são mais ou menos saltimbancos politiqueiros e muitos têm praticado abominaveis crimes; e quanto á sua capacidade governativa o Brasil inteiro deve estar convicto de que jamais elles deram prova real de que a possuissem, e ao contrario sempre se revelaram tibios, ignorantes, rotineiros nas cousas mais melindrosas da administração publica, desprezando a sábia politica do aproveitamento das cousas uteis, como se a vida humana se mantivesse á custa de idolatrias pessoaes e não fosse unicamente uma troca continua, incessante, com o planeta que habitamos.

Dentre nós republicanos, no tempo da propaganda

em pleno regimen imperial, muitos iam á tribuna popular esbofar-se para demonstrar as excellencias do regimen democratico, e enfunavam-se as bochechas sobretudo para fazer calar nas consciencias o conceito de que a vida do Imperio implicava sempre a presença de *deficit* nas finanças, e que só o republicano seria o regimen economico ideal, abandonando a trilha tortuosa dos esbanjamentos dos dinheiros publicos, até então increpados como um apanagio peculiar do governo monarchico, buscando á porfia o equilibrio orçamentario para a extincção do *deficit,* que a monarchia lhe deixasse, como um legado oneroso. Dessa promessa fementida jamais vimos o cumprimento; e o que vemos realmente é que essa maldita Republica, onde não existem todos os homens livres e erectos á dignidade de genuinos cidadãos, sendo a grande maioria dos seus homens tão desprezivel e nulla que se julga propriedade eleitoral de chefes e chefetes, o *deficit* é perenne e de anno a anno vai em assombroso augmento, como no actual exercicio em que já passa a cifra de 250 mil contos, e sabe Deus até onde chegará, se quanto antes o povo brasileiro, num impeto de justa cholera, não derrubar de vez os castellos fortes do despotismo, que assaltou a patria, pouco depois do 15 de Novembro, e que mais e mais se foi arraigando, até os nossos dias, em que uma facção do Exercito, unida a politicos civis sem escrupulos, sem patriotismo e sem dignidade, pela fraude, por violencias successivas, por attentados revoltantes, conseguiu alçar á curul presidencial a figura apagada de um marechal ignorante e fatuo, inteiramente dominado por uma cohorte negra de liberticidas e vendilhões.

Como consequencias logicas e fataes da desidia nacional, da falta de civismo das classes intellectuaes do paiz, onde aliás se vê, de modo deploravel, vultuoso e crescente proletariado a concorrer em grande escala para os empregos publicos de baixa categoria; da nimia longaminidade do povo em tolerar no governo a obra da inepcia, da imprevidencia, do charlatanismo, resultou a actual situação do Brasil de hoje, em que todos se sentem opprimidos por carencia de recursos economicos, todos desanimados e impotentes para calcularem e prepararem um futuro

auspicioso, que pelo contrario se lhes antolha de feia perspectiva, carregado de côres sombrias, rubi-negras, não se sabendo ao certo o que trará em seu bôjo, se a grande Revolução salvadora, se o esphacelamento nacional.

Eis os fructos do regimen de mystificações, de erros palmares, de crimes impunes, a que temos chamado pomposamente Republica, que cada vez mais se divorcia da alma nacional e lesa os legitimos e vitaes interesses do povo, que, por amor á ordem e á paz, por sua indole bondosa e seus sentimentos religiosos de confraternidade ainda não se quiz revoltar contra os seus tyranos; mas a continuar, como tudo nos indica, toda essa anomalia de vida, a augmentar o peso de sua immensa desgraça, elles que não se aprecatem, que não fujam em tempo para paizes extrangeiros em gozo da prosperidade tão criminosamente adquirida, que terão de tremer no *dies iræ*, terão de perder a ultima gota de sangue das faces e sentirão a consciencia conturbada pela lembrança de sua obra nefasta, dos seus imperdoaveis attentados, nesses terriveis momentos em que o povo, só confiante na sua força, como a avalanche que cáe do alto das montanhas, levar por deante todos os seus planos de vindicta, esmagando os inimigos da patria e da Republica, que conseguir apanhar com as suas mãos callejadas e fortes, ao serviço de consciencias em furia.

Os Pinheiros Machados, presentes e futuros, que fiquem sabendo que já é assombrosamente grande o numero de casos de suicidios, de loucuras, de crimes de toda a especie, determinados pela miseria. Que isso lhes sirva de aviso e possa contribuir para que mudem de rumo, envidando todos os esforços para se regenerarem, recommendando-se d'or'avante á estima publica. Que se capacitem, de vez, de que breve terá de desapparecer esse Brasil-colonia, que tanto exploram, deixando ignobilmente que maior quinhão dos lucros immoraes e criminosos de sua politica industrialista se passe para o extrangeiro; esse Brasil da jogatina desenfreiada, animada por toda a parte pelos figurões do officialismo, o paiz das patotas e das pataratas, a terra bemdita e fecunda, mas cujos fructos bellos e valiosos são vendidos por preços de usura, porque não acham defesa commercial, senão por parte dos

monopolistas e traficantes que os revendem, embolsando avultados lucros; todavia, o governo brasileiro cerrando sempre os olhos para não ver essa série ininterrupta de espoliações do trabalho nacional, que caracterisam a nossa vida moderna, e que fazem o paiz perder todos os annos muitas dezenas de milhões esterlinos.

Mas não ha meio algum de impedir a sancção pratica da lei do progresso.

O Brasil-colonia tem que ceder fatalmente o passo ao Grande Brasil, que fará avultar no inventario do seculo XX, bem apurado pelos futuros hstoriadores, o seu opulento cabedal de inventivas uteis, de glorias artisticas e scientificas, de riquezas preciosas com que se terá de augmentar e enriquecer enormemente o patrimonio integral da Humanidade. Os futuros dirigentes do Brasil hão de tornal-o a verdadeira Chanaan, porque seguirão no governo uma directriz intelligente, com a adopção de uma politica sábia, de orientação economica e de expansão commmercial pelo mundo, procurando aproveitar todos os valores da producção colossal; cortando o territorio de estradas de ferro em todas as direcções, para que as grandes reservas do paiz central possam ir sendo opportunamente utilisadas, melhorando as antigas estradas de rodagem e construindo novas, magnificas, que se prestem ao mais intensivo automobilismo, fazendo canaes, melhorando a navegabilidade dos maiores rios, construindo no littoral as obras necessarias ao nosso objectivo commercial e á defesa da immensa costa; derramando, finalmente, á mão espalmada, a instrucção por todas as camadas da sociedade, afim de que todos se convençam de que o caminho do engrandecimento do Brasil é o mar, de que nos devemos tornar sem detença uma nação de forte poderio naval, uma potencia commercial de 1.ª classe, aproveitando-nos criteriosamente das nossas florestas, das nossas minerações, das 1.200 leguas de costa para crearmos numerosa frota mercante, afim de nos communicarmos largamente com o mundo, levando-lhe triumphalmente as nossas variadas e ricas mercadorias, que tanto devem contribuir para intensificar-se por toda a parte o conforto da vida collectiva, e conseguintemente para tornar cada vez mais querido e respeitado o nosso amado Brasil, ora

decadente, victima da pilhagem, reduzido ás tristes condições de uma China da America, por não ter um governo energico, competente e patriotico que o defenda e o encaminhe para o progresso.

Ha quem affirme, parva e tolamente, que apezar dos erros e crimes dos governos, a Republica sempre algo tem feito a beneficio do paiz, e que elle não deixou de progredir, comparando-se o que temos hoje com o que outróra nos proporcionava a monarchia. O conceito é falso, impelle-nos á illusão.

A menos que fosse possivel a evolução ás avessas, isso não poderia deixar de ser observado. Alguma cousa se fez sempre, podéra! Os industriaes politicos são activos!

Mas por que preço não se alcançou esse falso progresso, apenas material? Com o que se gastou prodigamente, o progresso deveria ser maior.

Releva ponderar que essa effervescencia, para conseguir-se o melhor dos exitos na vida das Capitaes, e das mais populosas cidades brasileiras, contrasta com a estagnação, o atrazo, a penuria crescente dos districtos do interior, onde realmente se trabalha, aturada e improductivamente, vivendo as pobres populações, constrangidas e indefesas, como se fossem grandes levas de prisioneiros de guerra, que se atirassem a labôres afanosos para se salvarem ás injuncções da fome e aos perigos da falta de hygiene.

Compatriotas! Porque vos comprazerdes em viver de illusões? Essa Republica, que ahi na Capital Federal como em todas as regiões do Brasil, se ostenta garbosa e bella, procurando seduzir tantos espiritos ingenuos, não é virtuosa nem fecunda, quando muito nos poderá conceder os prazeres fugazes do amor d'uma torpe messalina.

Os seus fieis servidores são sempre bem aquinhoados em todas as negociatas que fazem, em nome d'uma politica de melhoramentos, de expansão nacional, como no caso da reforma do Banco do Brasil, creando-se a celebre carteira cambial, no da Embaixada de Ouro, nos de diversas concessões a particulares, a emprezas extrangeiras e a monstruosos *trusts*, alguns até sem capital sufficiente, como o do ferro; o publico, porêm, é que ha de pagar

todas as differenças; o povo, o povo de muitos milhões de trabalhadores, essa mansa carneirada é que tem de soffrer maior tosquia, pois a gazúa do fisco, forçando a abertura da porta de todos os lares, para o pagamento de exaggerados impostos, a ninguem poupa, senão talvez aos parasitas sociaes, de collarinho alto, que exploram a fortuna publica, como se fôra propria. E vós, compatriotas, tendes até hoje supportado, com evangelica resignação, todo esse viver angustioso e torturante, aguentando sem gemido o peso descommunal da divida externa, consideravelmente augmentada para esbanjamentos enormes e gordas propinas .. advogados administrativos, a carga deshumana das contribuições fiscaes que ultrapassa de 1 milhão de contos, computando-se o que paga o povo á União, aos Estados e aos Municipios, quando na circulação não existe tanto numerario, e mil outros gravames e perseguições tendes experimentado, meus infelizes compatriotas, sem que de vossa parte se haja notado, até então, o minimo movimento de desagrado e de repulsa, como aliás seria justo e nobre fazel-o.

Mas ainda é tempo. Insurgi-vos! Estaes no vosso direito; e sendo vós a força invencivel, a verdadeira encarnação da soberania nacional, não haveis de aturar por mais tempo a ignominia de parecerdes ao mundo apenas o grande bando de cães submissos ao mando dos salteadores do poder publico. Essa Republica de má vida, que baniu a liberdade, violadora contumaz das leis, que não garante efficazmente o direito dos cidadãos, a sua vida, a sua propriedade, que consente e até estimula a pratica de nefandos crimes pelos seus magnatas, sendo entre elles o maior — a absorpção pacifica, diuturna, do sagrado solo da patria, vendido ao extrangeiro; essa infame Ré-Publica precisa de ser banida quanto antes, a bem do saneamento moral de todos os brasileiros, que só poderá ser conseguido, quando no Poder houver gente honesta, energica e laboriosa, que orientada por principios, pautando os seus actos em normas de franco liberalismo, inspirando-se no patriotismo e nas lições da politica experimental, inaugure a verdadeira Republica, assegurando aos trabalhadores do Brasil, nacionaes e extrangeiros, os direitos imprescriptiveis do Trabalho Livre.

Paulistas! Mineiros! Bahianos! Cariocas! Não lavreis com a vossa indifferença para os negocios publicos, com a vossa inercia deante os males crescentes da Patria, ameaçada de dissolução, o attestado ignominioso de vossa incapacidade e degeneração! Rebellai-vos, honrae as vossas gloriosas tradições liberaes, inscriptas com caracteres fulgurantes nos fastos da Patria. Lembrai-vos das grandes figuras do passado, dos venerandos heróes brasileiros, que jamais recuaram do bom caminho, de amar e servir á sua terra natal com o maior devotamento e abnegação, derramando até o seu sangue generoso em pugnas homericas. — Unidos, vós, Paulistas, Mineiros, Bahianos, Cariocas, não podereis deixar de ser os augustos triumphadores! E a Patria, depois da nobre e gigantesca lucta, abatida de vez a tyrania, estrebuchando no chão, ferida de morte, a hydra da anarchia nacional, ha de resurgir ovante, formosa, irradiando a altivez serena dos bons e dos fortes, como das faces sadias e rosadas de nossas lindas donzellas, sobretudo de seus olhos ternos, se evolarão effluvios de puro amor, levando ás consciencias, mais do que a promessa, a certeza, de que a nossa raça, em proximo futuro, será fecunda, bondosa e robusta, servindo com autonomia ao seu destino superior.

Mais algum sangue é preciso para nutrir e fazer frondejar e fructificar a alterosa arvore da Liberdade? Vertamol-o! A humanidade nos abençoará!

Devemos todos querer um Brasil magestoso, opulento e liberal, o paiz dos Milhões, aproveitando aos brasileiros felicitados e contribuindo para a solidariedade humana.

S. Paulo, Novembro 1912.

DR. LEAL DA CUNHA.

VOZES DE UM ISOLADO

ASSUMPTOS DE
ALTA POLITICA
E FINANÇA

Artigos editados pela
Gazeta de Batataes
Anno 1912

Vozes de um isolado

I

Escrever sobre assumptos de politica nacional, na presente quadra de tremenda e agudissima crise politica, é quasi um acto de temeridade.

Sim, porque á grave responsabilidade dos conceitos e alvitres lembrados, vem irremissivelmente unir-se o perigo infallivel das desaffeições e hostilidades pessoaes, tal é a intolerancia dos politiqueiros dominantes nesta malfadada Republica.

Mas, seja como fôr, ao iniciar esta série de artigos de collaboração, essencialmente politicos, pretende o auctor cumprir apenas o seu dever civico, com a altiva coragem do verdadeiro patriota liberal; e pois não se arreceia da ira dos poderosos da nefasta epoca, nem de que seja ainda acoimada de heretica a doutrina nova, de de que se constituiu firme e inevitavel propagandista, ha alguns annos.

Ao invez de confessar-se homem desilludido e desanimado, como os typos vulgares da politicagem hodierna assim se confessam, deante do descalabro do paiz, crê ao contrario, com ardente fé, de que a nova doutrina, nova apenas para o Brasil, pois é uma velharia no mundo culto, para as nações fortes, em franco progresso, em toda a

expansão da sua poderosa vitalidade e soberania, terá de exercer, talvez mais depressa do que pensem os antagonistas, real influencia sobre os espiritos patricios de escol, e em seguida encarnar-se, com alma pura, em muitas reformas de objectivo economico, financeiro e progressista, para sem demora alcançarmos a desejada regeneração dos nossos costumes politicos e sociaes, a estabilidade e prosperidade da situação economica e financeira da Republica.

E' extranhavel realmente que venha a publico um simples cidadão brasileiro, até então alheio á alta administração do paiz, vinte e tres annos após a proclamação do regimen democratico representativo, aconselhar medidas adequadas, por dizer a verdade inteira sobre as cousas da perenne crise polymorpha com que desde o alvorecer tem vivido a Republica entre nós e que por ultimo nos offerece o triste e degradante espectaculo de sua completa fallencia, atirando-se como torpe barregã aos braços do despotismo militar.

Então o povo brasileiro não tem contado em seu seio estadistas sabios e patriotas, que soubessem e podessem comprehender os problemas attinentes á vitalidade e progresso da Nação, resolvel-os com as suas soluções positivas e de modo habil prover ás necessidades publicas de presente e prever ás de futuro ?

Manda a verdade que se diga — Não.

E esse mal vem desde o Imperio.

O regimen imperial jamais soube attender aos encargos da governação geral do paiz senão alimentando em seu sólo o arvoredo maldicto da escravidão dos negros, que concorria poderosa-

mente para tornar damninho e toxico o ambiente social.

Os seus estadistas, vendo no negro escravo o instrumento facil e modico de producção á sombra da funesta politica que tinha por base tão acanhado criterio, descançavam manutenindo-o e alardeavam vanglorias e ephemero poderio, desdenhando das aspirações do liberalismo nacional, que um dia, deixando de ser simples corrente de opinião publica, para se converter em caudal avassaladôra, luctou, venceu e fez surgir no horisonte politico a fulgurante estrella de 13 de Maio.

Com esse golpe radical na instituição do elemento servil, o Imperio, que com elle vivia affeito, e não soubéra nem podéra, por inepcia dos estadistas, organizar de prompto as condições legaes de franco e solido estabelecimento do trabalho livre, attendidas as naturaes exigencias do regimen de salariato que de chofre se implantava, soffreu profundo e formidavel abálo em todos os elementos cardeaes, perdeu o apoio das classes conservadôras e baqueou.

Foi portanto motivo poderôso de ordem economica que causou a deposição do regimen imperial.

Vejamos como os estadistas da Republica, que succedeu ao Imperio fallido, se têm conduzido no desempenho de sua augusta missão.

II

Trouxe-nos a ridente aurora de 15 de Novembro de 1889, com os seus roseos esplendôres, a proclamação da Republica. Promovida embora pela insurreição d'uma brigada militar, diminuta,

mal armada e municiada, mas em nome da Nação, triumphante o movimento em poucas horas e quasi sem derramar sangue, parecia que a Republica, surta em meio a hymnos e flores, vinha realmente a ser o regimen politico desejado pelo povo brasileiro, devia representar o governo necessario para satisfazer ao nobre ideal de liberdade, justiça e progresso, de que estavam animadas e sequiósas todas as classes nacionaes.

Mas pelos primordios da administração republicana no paiz, logo um observador calmo e sagaz poderia de prompto convencer-se de que o novo regimen deveria trazer ao paiz largo periodo critico e convulsionario e que da Republica nós, os brasileiros, durante muito tempo haveriamos de ter apenas a sua proclamação, como os factos demonstraram e ainda hoje demonstram.

O governo provisorio, constituido logo após o levante de 15 de Novembro, que não passava d'um poder revolucionario e conseguintemente carecia, para legitimar-se ante a opinião publica, de limitar a sua auctoridade a simples medidas de ordem, de segurança, de expediente administrativo, esforçando-se para que, quanto antes, o principio politico que triumphara — o suffragio generalisado — tivesse sancção official e se reunisse uma assembléa constituinte, ultrapassou a sua esphera de acção, protelando em mais de anno a sua existencia como poder politico transitorio.

De afogadilho foram resolvidas por simples decretos do executivo questões sociaes importantes, como a separação da Egreja do Estado, o casamento civil obrigatorio e outras, para a so-

lução das quaes era de todo incompetente o governo provisorio; provindo d'ahi os primeiros germens da anarchia que, uma vez collocada no seio de nossa sociedade politica, cujos direitos e soberania assim se annullavam por meros traços de penna dos primeiros ministros republicanos, com o *firman* do chefe do Estado, deveriam mais tarde pullular e offerecer com o decurso dos annos á observação imparcial o espectaculo de uma nação completamente anarchisada, como hoje é; vivendo apparentemente com institutos de democracia representativa constitucional e federal, mas de facto tanto a Constituição como as demais leis a serem constantemente violadas, sendo uma verdadeira ficção a observancia estricta ao principio basico do regimen — a electividade — pois não ha ainda eleições livres, nessas imperando a fraude e a violencia, e o que é peior, por mais grave, por contender intimamente com a vida, segurança e expansão progressista da Republica, a falta de comprehensão do nosso caso economico, de cuja solução positiva tudo depende — boas finanças e boa politica — a falta de coragem civica para resolvel-o, creando-se a legitima defesa commercial do paiz, afim de que cessem de prompto e para sempre, a anomalia do nosso viver, com a quasi improductividade do trabalho e a escravidão commercial que nos avassallava e avassalla. Nesse ultimo objectivo, houve um unico ministro do Governo Provisorio que se destacou como um Sol, pelos seus talentos e variadissima cultura, e que tentou genialmente alguma cousa com o fito de incrementar e accelerar a circulação nacional, até então emperrada, quasi em absoluta estase,

com os seus decretos de emissões de moeda papel, que vinham até certo ponto reparar, indemnisar de modo indirecto, a grave lesão que soffrera o patrimonio da Nação, com a perda brusca dos capitaes e valores representados pelo elemento servil, abolido pela lei de 13 de Maio, e que não podia nem pode deixar de ser computado na avultada importancia de novecentos e tantos mil contos ou mesmo mil e alguns contos.

Mas os actos do illustre dr. Ruy Barbosa infelizmente não passaram de simples tentativas e não attingiram o alvo, servir a effeitos de commercio e industria, consolidando a ordem economica nácional.

As emissões diversas de moeda papel, na época absolutamente necessarias, para que a Republica não morresse de anemia com poucos dias de existencia, se houvessem apparecido na circulação, com a sua defesa e fiscalisação de destino, providas e garantidas pelo poder publico vigilante, só tinham feito beneficios; sem esses requisitos, só poderiam determinar o que se viu, a situação anomala que se tornou conhecida com o nome de *febre de bolsa*, havendo-se extendido o panno verde da jogatina e convidado as classes laboriosas a jogar.

III

Sendo, como é, o povo brasileiro, quasi destituido de senso pratico da vida, essencialmente contemplativo e credulo, o resultado immediato das emissões do Governo Provisorio chegou a

illudir á maioria da opinião publica. Quasi todos imaginaram que a *septicemia* industrialista, obra de grandes e habeis especuladores e de verdadeiros cavalheiros de industria, que agiam de modo audacioso e a principio feliz nas principaes bolsas do Brasil, era a expressão genuina e real do progresso da Republica. Como se o imperio da jogatina, mais ou menos inspirada e garantida por imprudentes declarações officiaes, com relação a melhoramentos, apenas projectados, podésse trazer á nação alguma, sem o concurso intellectual do trabalho fecundo, um periodo aureo na sua existencia!

A reedição no Brasil dos lances illusionistas de João Baptista Law, em materia de credito publico, sem que o Estado buscasse com afan e efficacia defendel-o, o que no caso nacional se conseguiria, com a installação d'um grande estabelecimento de credito emissor, destinado a organisar a ampla e legitima defesa commercial do paiz, pela ligação do *transfert* e circulação das cedulas do papel moeda á mobilisação das mercadorias brasileiras, especialmente as mais estimadas e preciosas, para actos de commercio honesto e livre nos diversos mercados do mundo, praticados por agentes nacionaes; a reedição da tentativa de puro *lawismo* na Republica nascente deveria dar, como era fatal, um cheque mate nas esperanças dos credulos, causando desapontamento geral e uma situação economica depauperadissima, perturbada, desalentadôra de todas as energias laboriosas.

Havia-se confundido o progresso phantasmagorico com o progresso positivo da nacionalidade.

As celebres e innumeras casas bancarias, com destinos variados, as emprezas, as companhias, as grandes fabricas e officinas, incorporadas apenas para o effeito de fazerem surgir as suas *acções*, como outras tantas cartas de jogar, que subiam ou baixavam de cotação na praça, conforme os trunfos as defendiam ou combatiam, tudo isso, e mais alguma cousa, que caracterisou o inolvidavel periodo aureo da bolsa, degringolou, desappareceu como bôlhas de sabão, ficando *burros*, com as cartas na mão, os ingenuos, compatriotas em absoluta maioria, que haviam crido nas promessas de alto valor de simples pedaços de papel impresso, com disticos imponentes e perfidos, e recheiados de dinheiro, os astutos, extrangeiros em grande numero, mais habeis em todas as manifestações do jogo de bolsa, que não se deixavam nem deixaram illudir com as visualidades da época.

As *acções* ficaram por preços tão vís, que houve quem preferisse rasgal-as em pequenos fragmentos, ou queimal-as, a vendel-as com enormes prejuisos; e os ultimos detentores lamentaram então a sua nimia simplicidade, a sua parva crendice, que os compelliu, embaidos em illusões douradas, a trocar o seu rico dinheirinho, que estava tão bem empregado em predios nas capitaes, em lavouras productivas e em outras lucrativas localisações por esses *titulos* seductôres, que mal soprou nas consciencias uma rajada de bom senso, perderam toda a sua pretensa importancia e falso valor. O abuso do credito, de que na nefasta temporada tanto se lançou mão, com alarde e maxima imprudencia, fez o que se deve

sempre esperar, como a obra do sophysma, do preconceito, do erro em assumptos de Economia, cujas leis não podem ser impunemente violadas.

Com semelhante ordem economica na Republica, defectiva, perturbada, com evidente instabilidade pelo desequilibrio e subsequente baixa gradual de todos os valores brasileiros, poderia operar milagres o governo republicano, desde o Provisorio até á presidencia Affonso Penna, que com o ministro Campista alguma cousa de util sempre fez, com o estabelecimento da Caixa de Conversão, dando mão forte a S. Paulo para a sustentação do convenio do café? Evidentemente não podia. Ordem economica perturbada quer dizer o *povo pobre*.

Com o *povo pobre* como conceber o Estado, já não digo, opulento mas folgado em suas finanças? E' um absurdo intuitivo. Só o povo rico ou pelo menos abastado, com o seu trabalho defendido e justamente remunerado, é que pode ter grande capacidade tributaria. Embalde o dr. Ruy Barbosa (e os seus successores têm continuado na mesma rotina) decretou o pagamento de impostos aduaneiros em ouro, imaginando assim conquistal-o para effeitos de melhor cambiagem do papel moeda brasileiro, esquecido de que essa exigencia da finança peccaminosa do Estado importava simplesmente num augmento dos impostos indirectos, sem que o noso *stock* aureo ganhasse maior volume e peso, que no nosso caso só se alcançará com a actividade commercial livremente exercida pelo mundo inteiro.

As difficuldades financeiras cresceram, o cambio foi por terra, chegando até a 5, o paiz teve

quasi a declarar bancarrôta, e o resultado funesto d'uma politica cerebrina de expedientes, sem alcance economico, foi a moratoria, o *funding-loan*, em que mais um grilhão de captiveiro nos prendeu ao capitalismo inglez.

IV

Do falso criterio pelo qual se procuraram guiar os diversos gestores da pasta das finanças federaes nos primeiros annos do regimen republicano, todos porfiando em ser excellentes ministros do Thezouro, enchendo-lhes as arcas, para acto continuo esvasial-as com os dispendios imprescindiveis ás necessidades publicas, sempre crescentes pela expansão progressista natural do paiz, mas tambem para gastos sumptuarios, sem alcance util e patriotico, alguns de verdadeira megalomania, e até para esbanjamentos criminosos; da falsa persuasão em que esses estadistas, feitos ás pressas, se achavam de que lhes era licito fazer bem a administração financeira do Brasil, só com emprestimos no extrangeiro, desattendendo ás exigencias prementes de sua situação economica, anomala, fragil, d'uma instabilidade a toda prova, sem procurar resolver á justa esse problema vital, que em sua complexidade e inteireza lhes era um illustre desconhecido, uma Esphynge que não achava o Edipo necessario; resultou como não poderia deixar de ser, o desastre nacional do *funding-loan* e suas nefastas consequencias, o que afinal, para maior gravame do paiz, era o remate da influencia

combinada d'uma pessima politica desprezadôra do legitimo interesse publico e das agitações revolucionarias, das luctas fratricidas, á mão armada, que essa havia provocado e mantido por largo tempo.

O celebre convenio do Brasil com os seus credores inglezes, que tão endeosado ha sido por alguns de nossos grandes personagens da politica, talvez uns por não conhecel-o na integra, e todos porque jamais se entendeu no Brasil lançar mãos de expedientes financeiros sem ser de concerto com os maus conselhos e conveniencias de interesses extranhos á Republica que não se podiam conformar, está claro, com as medidas governativas de puro interesse nacionalista; o convenio que passará á historia com a denominação breve e incisiva de *funding-loan* importou em affirmação categorica, altisonante, de que o Estado Republicano fôra incapaz até aquella época de luctar, pouco que fosse, com a ousada força e especulação do capitalismo cosmopolita, que se aproveitando da nossa bonhomia, da nossa infantil credulidade, dos nossos preconceitos e erros, procurou manietar por 13 annos o paiz, açambarcando neste largo periodo, em socego feliz, sem o minimo obstaculo, a sua avultadissima riqueza movel, cuja venda em transacções commerciaes illicitas e usurarias por preços vís e impostos lhes asseguraria nas revendas lucros collossaes.

Passámos verdadeiramente pelas forcas caudinas com o tal *funding-loan*. Além da vergonha nacional de confessar-se a imminencia de um *krack* nas finanças do Estado, quando nunca

havia succedido ao paiz deixar de pagar pontualmente os seus compromissos no exterior; além de pedir-se uma concordata a credores em nada generosos, tivemos de acceitar a responsabilidade de uma obrigação de muitos milhões esterlinos, quando desta avultada somma muito pouco aproveitou o paiz, contribuindo-lhe para o augmento do patrimonio; e o que mais é, a moratoria de 3 annos que se concedia ao Brasil pelo leonino contracto que devia durar 13, durante a qual cessavam por completo os pagamentos annuaes de juros e amortização, não passava de uma legitima gazúa applicada aos cofres do Thesouro, porque sobre ser incorporada, como capital realizado ao valor do convenio, a addição dos 3 annos de pagamentos de juros e amortização do periodo da deprimente moratoria, ainda foi ella o pretexto habil de que se serviram os credores inglezes para extorquirem do governo brasileiro umas tantas concessões e solennes promessas, cuja effectividade importava em perda de soberania nacional, embora temporaria, durante a vigencia do oneroso contracto, visto que a Nação se obrigava a não se utilisar de uns tantos apanagios de autonomia legislativa e de liberdade de acção, mesmo dentro do seu territorio.

Na propria Inglaterra, onde o seu peculiar interesse, se não imperasse a justiça entre os homens probos e bons, aconselharia a que todos calassem o juizo rasoavel sobre o *funding-loan*, condemnatorio, por certo, em nome do direito, da sciencia economica e da moral, houve um homem que, rompendo com as conveniencias de momento e só ouvindo a voz da consciencia ho-

nesta, proferiu a terrivel mas justa sentença que merecia o governo brasileiro, ao firmar o *funding-loan* e ao mandar resgatar por grande somma de esterlinos acções de uma pessima estrada de ferro de Minas Geraes, por elle encampada, que na vespera valiam quando muito uma libra. O respeitavel e velho inglez, ao embolsar a grossa dinheirama que lhe davam pelas suas acções, que sempre haviam vivido em continuo desprestigio, em crescente depreciação do seu valor nominal, que não achavam compradores senão a preços baixos, disse, alludindo ao governo brasileiro: « E' o governo mais corrupto que existe sobre a terra. »

V

O *funding-loan*, iniciado apenas, como negocio urgente, que parecia bom, a entabolar com os credôres inglezes pelo sr. Bernardino de Campos, ministro das finanças do dr. Prudente de Moraes, que teve como ratificador o sr. Campos Salles, quando já eleito successôr d'esse presidente andava em vilegiatura pela Europa, o qual procurou em seu governo cumpril-o á risca e até em mais do que as suas clausulas exigiam, felizmente, hoje não passa de um falso rico defunto, cujo legado á Nação só a onerou a beneficio de inventario.

Não sei por que milagre da Divina Providencia, a terrivel e infame interinidade presidencial, Nilo Peçanha, lhe deu prematuro termino com a antecipação dos seus ultimos pagamentos, talvez por fita cinematographica ou fogo de vistas, e certamente o unico acto merecedôr de enco-

mios da dolósa e negreganda quadra governamental, constituida pela acção diuturna do synedrio de interesses politicos, criminosos e inconfessaveis, que teve como superintendente ostensivo o astuto, vaidôso e finório mestiço de Campos.

Força é confessar que esse acto do presidente interino não deixou de beneficiar-nos na ordem moral e politica, embora muito pouco houvesse influido sobre o melhoramento da situação financeira, pois que os titulos do *funding-loan* sempre gozaram de cotação acima do par no mercado londrino de fundos, pouco ou nenhum allivio trazendo ao orçamento da despeza federal, que foi sobrecarregado por outras verbas; e em nada absolutamente, em nada poude a extincção do *funding* contribuir para melhor ordem economica, porquanto os seus achaques organicos continuavam intensivos e continuos, determinados pela crise de circulação e pela falta de defesa commercial da producção, ficando o custo da divida tão caro, como nos tempos da revolta de 93 e da presidencia Prudente, em que o cambio cabriolou para baixo, attingindo a algarismo já bem proximo de zero, obrigando o seu mathematico e darwinista ministro da pasta da viação, commercio, agricultura e obras publicas, o dr. Murtinho, a dizer em celebre relatorio que era tempo de republicanisar a Republica, com o brado horrivel do *salve-se* quem podér.

Esse ministro ao menos foi franco. Não podendo, por não saber, dar concerto a uma situação, cujos males e difficuldades iam em pavoroso crescendo, appellou para a lei da selecção natural.

Se o seu conselho houvesse em toda a linha sido adoptado, nós que na lucta pela vida com os habeis exploradores extrangeiros da nossa riqueza movel representavamos, e ainda representamos, o papel de bôbos e de fracos, teriamos sido fatalmente sacrificados de vez em proveito dos ladinos e fortes, e ao menos, baixaria o panno sobre essa pifia e irrisoria tragi-comedia de Republica sem cidadãos livres e de Soberania, que se parece tanto com a escravidão colonial, como duas irmãs gemeas.

Curadas de chofre as cataratas das illusões, que nos impossibilitavam a visão clara das cousas, passariamos a trabalhar realmente, como colonos na terra natal, em prol dos conquistadôres, mas não mais teriamos de deplorar, como povo livre e soberano, para o nome brasileiro, o achincalhe dos trefegos agiotas que nos despojam de mão baixa e por cima ainda nos insultam; deixando nós de merecer d'ahi por diante, por humanidade e justiça, o motejo, o desprezo dos povos livres e cultos, pelo extravagante motivo de termos entendido e praticado a liberdade ás avéssas.

E por suprema ironia do destino ainda coube ao dr. Murtinho, como ministro das finanças do dr. Campos Salles, collocar ao pescoço do pobre povo brasileiro, tão oberado de difficuldades materiaes de vida, a corda de enforcado dos impostos de consumo.

E elle representou a contento esse inglorio papel. Podéra! Se era necessario a todo transe salvar no Brasil interesses inglezes periclitantes, mesmo com preterição completa do interesse na-

cional! Podéra! Se era preciso encher ainda mais o volumoso e flatulento abdomen do sr. Rottschild! Podéra! Se para conseguir tão anti-patriotico designio — ainda mais uma crueldade, e aliás tambem redondissima necedade; além dos esmagadôres impostos de consumo que tornaram a vida carissima, se havia de incinerar *papel moeda*, na elevada somma de dezenas de milhares de contos de réis, medida não expressamente reclamada por clausula do *funding*, mas alcançada pelos astutos inglezes de solennes promessas do *sabio* e *vidente* dr. Campos Salles, e cuja execução importava em cercear ainda mais os meios de vida ao desgraçado povo patricio, que teria de comer o pão que o diabo amassou!

Com taes impostos de consumo, que têm sido consideravelmente augmentados, o infeliz povo soffre a penuria, quasi a miseria e a fome, e vem a pagar aos diversos fiscos da Republica a fabulosa quantia de um milhão de contos, talvez mais, quando a circulação nacional não attinge senão escassamente a essa importancia.

Decididamente o Brasil de hoje é o paiz dos absurdos, das pataratas, das audacias criminosas!

VI

No afan inglório e contraproducente de abarrotar o erario publico de dinheiro, do parco dinheirinho que tinhamos em circulação, e que não chegava para as encommendas, nem mesmo que elle possuisse o elastério da borracha, o sr. Murtinho e os seus successôres na pasta das fi-

nanças não cançaram jámais de cobrar com shylockeana austeridade e usura os diversos impostos de consumo. Tudo foi tributado, pode-se dizer, para a satisfacção do designio apontado, e tambem, o que era mais apparente que real, para auxiliar-se a industria nacional á custa da medida proteccionista, parallelamente tomada, de tarifas aduaneiras elevadissimas, o que se antolhava aos nossos dirigentes como um indispensavel meio de afastar dos mercados brasileiros os artigos similares extrangeiros, ou pelo menos, difficultar-lhes a concorrencia triumphante. D'essas meias medidas, dos expedientes inhabeis tomados a esmo, sem o guião da estatistica, sem o estudo e a apprehensão, para resultados positivos, do problema nacional, de si tão complexo e difficil, resultou, como era natural, que o povo quasi ficou com a sua capacidade tributaria exgottada, a industria nacional pouco augmentou e progrediu na qualidade; ao contrario, desenvolveu-se, sim, torpe *industrialismo*, productos industriaes nossos de pessima qualidade, diminuidos no peso e no volume, em face de seus exemplares normaes, eram vendidos por preços carissimos, o que vinha sobrecarregar de gravames economicos a vida do povo que já custava tanto, como em nenhum paiz do mundo; situação essa anomala, verdadeiramente desesperadôra, que mais ou menos perdura ainda em nossos dias, sem que se lhe possa vislumbrar um paradeiro pelos meios constitucionaes, tão alheiados andam os nossos estadistas do cumprimento de seus deveres civicos, inherentes ás funcções do Estado Moderno, cujo primeiro encargo é distribuir justiça, defen

dendo a liberdade e o justo valor do trabalho nacional.

Quanto aos cofres publicos, que invariavelmente, anno para anno, se têm enchido de recursos pecuniarios, para em seguida irem pouco e pouco se esvasiando, comparavel ao tão citado tonel das Danaides; pela acção captadora dos impostos de consumo e de outras fontes tributaries, vêm a representar a figura de um grande, enorme, polvo cujos tentaculos vorazes sugam a magra economia das classes populares, unicas que, em ultima analyse, aguentam o peso magno do nosso systhema tributario, que é onerôso, anti-scientifico, iniquo em sua distribuição pelas diversas classes, pois que todos os remediados ou ricos buscam descarregar no povo, cujo trabalho exploram a preços baixos, como se fosse o trabalho dos *coolies asiaticos*, o excesso de impostos com que hajam de contribuir para o fisco.

Nada melhorou, na vida collectiva, apezar da exaggeradissima tributação As finanças estavam, como estão, vivendo em perenne crise com taes perturbações e apertos que chegou a haver um ministro da fazenda tão audaz que deitou na circulação nacional uma emissão clandestina, para salvar o Estado de magno apuro.

Não me refiro neste particular ao Marechal Floriano, que realmente emittiu moeda papel, que já estava recolhida, mas fêl-o de modo nobre, confessando o seu acto, pedindo ao Congresso um *bill* de indemnidade, que foi concedido, e conseguintemente o acto justificou se, como um meio de indeclinavel precisão e de acção prompta para debellar-se a revólta de 93, que urgia ser

vencida, afim de consolidar-se a Republica entre nós e para todo o sempre se perderem as esperanças e velleidades dos restauradôres do Imperio.

Os orçamentos da Republica em eterno desequilibrio, por mais que cresçam as rendas publicas, sempre surge o *deficit*, o *terrivel deficit*, de apavorar porque sempre cresce e que é o premio, para não dizer o castigo, que recebem os nossos dirigentes pela sua *dedicação* laboriosa á causa publica, sobretudo por seu *patriotismo* e por suas *previsões lucidas.*

E não se illuda o povo, quando raramente se lhe tem procurado impingir um *superavit* ou saldo favoravel nas finanças da Republica; isso não tem passado d'um ageitamento de verbas e de algarismos, que só conseguem illudir aquelles espiritos pouco affeitos ao estudo d'esses documentos estatisticos officiaes, e que são incapazes de separar o joio do trigo e de atinarem com o logar onde está dormindo o *gato.*

Neste paiz a sã politica financeira está ainda por fazer. Isso que se tem feito, politica de emprestimos extrangeiros para pagar emprestimos, politica fundada nas extorsões fiscaes, politica de voracidade e de rapina, sem um objectivo economico e patriotico, sem uma base segura para estabelecer-se no paiz o regimen do credito, justo e regular, isto é, do credito intelligentemente utilisado, desenvolvendo trabalho productivo e honestamente defendido com o resultado d'esse bom trabalho, para acabarmos com o funesto regimen de credito imperfeito por abusivo e sem completa defeza, que é o em que vivemos

malfadadamente; essa politica abstrusa, empirica, violentamente espoliadôra das energias nacionaes, é a causa dos nossos males, do nosso opprobrio, da impossibilidade de termos a liberdade nos costumes, de ser respeitada a ordem constitucional, de serem cumpridas as leis e respeitadas as sentenças dos juizes e tribunaes em todas as lides em que contendam cidadãos com o Estado; essa obra, mais de charlatães republiqueiros, de *politicians* consummados, de homens *rapouzas*, do que de estadistas honestos, competentes, liberaes, progressistas, é a unica causa determinante do crasso servilismo em nossa democracia, e de não termos podido organizar até hoje partidos politicos regulares, com programmas definidos e utilitarios, existindo apenas o partido dos *empreiteiros* do poder, dos olygarchas e de seus apaniguados ou companheiros, o partido do governo em summa, que possue, pode-se dizer, como se fôra sua, a fortuna publica, a vacca do Thesouro, gôrda e de volumósos ubres, que pode distribuir leite á vontade, para se perpetuarem nas altas regiões do Olympo, havendo sómente, de tempos em tempos, ligeiras mudanças nos póstos.

Mas o povo, o pobre carneiro de tosquia, sempre ludibriado, sempre tosado, sem direito, sem liberdade, sem justiça, senão quando isso por magnanimidade lhe entende de conceder, em raros dias, o *patriarchal* governo, que de republicano só tem o nome.

O povo, immerso num analphabetismo esmagadôr, apathico e servil, porque não dispõe de relativa independencia economica, provinda da verdadeira liberdade de trabalho, protegido pela

justiça, nem ao menos ha comprehendido até hoje, que é o caso, elle que é o soberano do regimen, de chamar a severas contas os seus pretensos representantes e os altos funccionarios d'esta Republica hypocrita, cujos erros e crimes já merecem o odio e a legitima reacção dos elementos viris da Nação Brasileira.

VII

O povo brasileiro precisa estar bem avisado dos graves perigos que corre no presente, pela imminencia d'uma situação revolucionaria, a irromper desde logo que elle, edificado em sua consciencia, se convença de que se lhe torna necessario o appello aos meios extremos para a reconquista dos seus sagrados e imprescriptiveis direitos. E quanto ao futuro, precisa tambem acautelar-se, prevenindo o perigo maximo do esphacelamento nacional, bem occorrivel, a continuarmos na apathia, no rotinismo, no atrazo, no enfraquecimento notavel, que caracterisa a vida da Nação, cujo territorio vasto e de riquezas inexgottaveis, que não temos sabido e podido explorar, é o objectivo constante da cobiça de nações fortes, que não estão longe de realizar *entente cordiale* para certeiro *bóte* militar na excellente preza, que na partilha, previamente combinada, lhes pode assegurar despójos opimos.

E' preciso que o povo brasileiro, já esbulhado realmente do direito de voto, pois que seria inutil exercel-o, de modo independente, quando isso fôr possivel e o eleitor não fôr coagido ou impedido pela violencia de fazel-o, por isso que as

fraudes eleitoraes ordenadas pelo governo ou praticadas por iniciativa dos seus sequazes, burlam pela grande avalanche de votos dos *eleitores de papel*, por completo, a acção do eleitorado livre, d'isso resultando o peior dos males numa Republica, o abstencionismo systhematico, reduzindo-se a Nação a um conglomerado informe de espectros; é preciso que o povo brasileiro se resolva afinal a intervir efficazmente na vida publica, para conjurar mal maior, evitar a sua completa desgraça, garantir-se o jús de existencia livre, confortada e feliz, para não deplorar mais tarde os effeitos fataes da sua desidia em curar até de seus interesses vitaes.

Dos erros dos governantes, que já se contam em magna copia, devidos á inepcia, ou ao machiavelismo, á *auri-sacra fames* dos mesmos, dos quaes alguns são o exemplar vivo dos *charlatães* e aventureiros, avesados ao dólo e á violencia, para conseguirem os seus designios, com a torpe exploração d'uma politica *industrialista* e lesiva ao paiz, cabe agora destacar um, cujas consequencias, envergonhando a Nação, poderiam ter influido em grande escala sobre o augmento do preço da vida entre nós, se a *bôa razão* não influisse em tudo para servir á ordem natural das cousas. Esse erro que passamos a apontar e que dá a medida exacta do empirismo grosseiro com que somos governados, foi o resultado da faina funesta de querer tributar, gravosamente, fosse o que fosse.

Trata-se do impôsto onerosissimo que foi lançado sobre a industria do sal bruto. Ora, o sal é um artigo indispensavel para o abastecimento

publico, quer para o rico quer para o pobre. E' insubstituivel, como factôr predominante no mechanismo intimo do nosso organismo, como estimulante e componente dos processos nutritivos, sem o qual se sacrifica o equilibrio do dynamismo humano.

Pois, nada mais, nada menos, essa industria, que seria vergonhoso deixar fallecer entre nós, teve de viver do contrabando muito tempo, e é quasi certo que outra ainda não é hoje a sua situação vital. Nós, que possuimos tantas salinas naturaes ao Norte da Republica e muitas artificiaes ao Sul, se á industria do sal recusassemos os nossos labôres e especiaes cuidados; nós, que ainda por lamentavel cegueira importamos avultada quantidade de sal fino do extrangeiro, se deixassemos perecer a do sal grosso, lavrariamos ante o mundo o attestado ignobil de nossa incapacidade e preguiça, merecendo os labéos mais infamantes. Pois, estivemos em risco de vêr morrer tão util e necessaria industria, porque o ministro que decretou o imposto de consumo sobre o sal, ignorando-lhe os preços venaes, correntes nos diversos mercados brasileiros, lançou-lhe um tributo, maior do que o seu valor, como mercadoria.

E' assim que o salineiro, especialmente o do Sul, quando conseguia vender o seu producto por 1$000 o sacco de 60 kilos ficava satisfeitissimo, attingira o ideal como offertante; mas depois da decretação do imposto, que vinha a ser de 20 réis por kilo do producto, conseguintemente tendo de pagar ao fisco federal por um sacco de sal do valor de 1$000 a importancia de 1$200

e ainda mais um addicional de 100 réis, cobravel em alguns Estados, teria o infeliz fabricante de sal de optar por uma de duas resoluções — ou cumprir a lei, tendo de elevar muito o preço da mercadoria, onerando assim a vida do povo, o que não consultava o seu interesse e feria o seu sentimento de humanidade — ou insurgir se contra a lei, burlando-a, fazendo dos fiscaes, que ineptamente o governo collocára nas salinas, ganhando apenas o minguado ordenado de 150$000, seus associados nos lucros das emprezas, para que fizessem vista grossa no acto de fiscalisação das vendas, deixando de cobrar a taxa certa, cobrando d'essa effectivamente a oitava, e ás vezes, a decima parte, e portanto creando o regimen do contrabando na vida da industria, como se fôra uma situação normal.

O governo foi até o tempo, em que exerceu o cargo de ministro das finanças o dr David Campista, completamente ludibriado na cobrança dos impostos sobre o sal, percebendo d'essa fonte de renda federal, não obstante, a elevada somma de 4 mil e tantos contos cada anno, o que prova a pujança e a alta valia da industria.

O dr. Campista enfronhou-se ao certo do contrabando do sal, quiz reagir, reprimil-o de vez. Mas teve de recuar, porque ou mataria a preciosa industria, conservando a lei, ou a reformaria, confessando implicitamente o erro crasso, em que incorrêra o governo, taxando impôsto maior que o valor do producto. Deteve-se, nada fez; mas realmente o que é preciso o povo fazer é não consentir e a todo o transe impedir que erros, como o apontado, se verifiquem e se la-

mentem, e que os contrabandos de toda a especie vinguem nessa Republica, que parece mais o regimen do contrabando politico que o do povo pelo povo e para o povo, encarnando o nobre e culto principio da democracia representativa constitucional.

VIII

Do inventario desta Republica, tão desvirtuada pelos seus pessimos servidôres, que pachorrentamente vimos fazendo para a edificação da consciencia popular, justo é, porém, que se destaquem do acervo de necedades, erros e delictos, resultantes da acção governamental, no tocante ao caso economico brasileiro, dois actos officiaes que, se não tiveram, porque não podiam ter, completo exito, não deixaram, comtudo de servir, em parte, com excellente vantagem, ao interesse nacional.

Refiro-me ao auxilio prestado pelo governo federal ao plano de valorisação do café, intentado pelo Estado de São Paulo, com o apoio aliás mais moral que positivo, de sua fiança, e ao estabelecimento do instituto official, mal denominado Caixa de Conversão, pois que nada converte e apenas emitte papel moeda, á base convencionada de 15 pence por 1$000 réis brasileiros, mais tarde reformada para a base de 16 pence, vigente ainda hoje; mas que veiu pôr em terra, com a cerebrina crença, de que se achava falsamente imbuida a maioria dos espiritos no paiz, por suggestão dos grandes especuladores do mundo da alta finança e commercio internacional, de que a causa da crise era sobretudo o excesso de papel

moeda, quando na verdade o meio circulante nos faltava; reduzindo-a logo a cadaver de putrefacção prococe, a inepta e criminosa medida da cremação do papel moeda, que, executada como foi, a rigor e até de modo vergonhoso para nós, com a exigencia de testemunhas indispensaveis ao acto crematório, de directores e gerentes de bancos extrangeiros, sómente nos poderia lançar em conjunctura penósa, torturante, de difficuldades economicas e financeiras, mais apoucada, como realmente ficou, a intensidade da vida collectiva no Brasil.

O apoio ao Convenio de Taubaté, realizado pelos tres Estados, de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, mas realmente levado ávante só pelo primeiro, principal interessado no plano da valorisação, que melhor o houvera estudado, e como o seu auctôr devêra assumir, como effectivamente assumiu a maior, senão inteira, responsabilidade pela sua execução, não serviu ao interesse paulista de maneira exclusiva e sim a toda a Nação; por isso que collocava então o paiz ao abrigo dos bótes mais lesivos dos audazes especuladôres, que viviam locupletando-se, com a baixa dos preços do café, dando-lhe conseguintemente uma folga, certa reparação economica e melhores finanças, visto que o contribuinte menos oberado, mais promptamente podia concorrer para o Erario Publico com as suas cotisações de imposto.

Mas essa sabia medida, para o momento, não poderia ter as consequencias beneficas que teve, de cujas vantagens estamos em pleno goso, se parallelamente não se houvesse installado a Caixa

de Conversão, centro de attracção do *ouro* do mundo que buscasse collocação melhor, por mais rendósa, no Brasil, á cata de magnificos negocios; até certo ponto livrando o Estado da insistente procura de cambiaes para attender aos pagamentos do exterior, o que permittia grandes e bruscas oscillações do cambio, d'ahi por diante variavel em diminuta escala, quasi fixado, com a medida complementar que tomou o Governo com a sustentação e influxo incrementadôr da carteira cambial do Banco da Republica; e o que mais avulta, como effeito immediato, o augmento do meio circulante, do numerario que nos era escassissimo, e que se não fosse augmentado, embora com o inconveniente de termos duas qualidades de moedas de papel no paiz, veriamos completamente burlado o plano do Convenio, visto que a valorisação era impossivel faltando o *valorimetro*, isto é o meio necessario para a consecução do fim almejado, melhóra do preço do producto para mais equitativa remuneração do productor.

O Convenio impediu immediatamente que fosse parar ás mãos dos baixistas, o que augmentaria em extremo os *stocks visiveis*, phantasmas com que sempre esses deshumanos agiotas tratavam de apavorar-nos, a nós credulos, inertes e timidos, a enorme safra de 1906, justamente vinda após um decennio do inicio da devoradora crise economica que nos assoberbava e enfraquecia.

Se elles pilhassem esse café, o preço do producto se aviltaria tanto que a maioria das lavouras seria logo abandonada e reduzidos á pe-

nuria, senão á absoluta miseria, os fazendeiros em maioria.

Trabalhar no café em nossa terra, especialmente no Estado de São Paulo, com a safra de 1906 açambarcada pelo capitalismo cosmopolita usurario, que nos roía até á medulla dos ossos, seria o mesmo que trabalhar sob as condições mais humilhantes, depauperadôras e crueis da peior das escravidões.

Felizmente a figura veneranda d'um grande brasileiro, d'um paulista illustre, o dr. Jorge Tibiriçá, nos livrou dessa desgraça, assomando altiva e nobremente na arena do commercio internacional e fazendo o significativo gesto de repulsa aos especuladores, que se deve traduzir incisivamente por esta phrase: Para traz! Era a primeira vez, aliás, que um brasileiro se apresentava no campo dos negocios internacionaes, querendo alguma cousa em pról do nosso legitimo interesse collectivo, porquanto até então não passavamos de entidades de vontade passiva, inteiramente submissos a todas as insidias e imposições vergonhosas e violentas, a que recorria o capitalismo extrangeiro para melhor alapardar a nossa riqueza movel, forçando-nos a injuncções de uma vida colonial com salarios reduzidos.

Honra ao sr. Tibiriçá, que ao menos fez um pouco a bem da Republica e não serviu apenas egoisticamente aos interesses do seu Estado, para a restauração de sua economia peculiar e hegemonia paulista, como assoalharam os seus infames detractores que, com mentiras cavillosas e calumnias abjectas, além das falsas opiniões e monstruósos erros que espalharam, buscavam só-

mente demolil-o e illudir a opinião publica, candidatos que eram á illicita opulencia e á gloria ephemera do poderio politico, com a Nação em ruinas, verdadeiros abutres da Patria!

IX

O plano da valorisação do café, cuja execução quasi coube sómente a São Paulo, sem constituir por si só uma defesa habil, persistente e completa do producto, sobre o qual em annos anteriores se desencadeiára com efficacia a ousada e usuraria especulação cosmopolita, no sentido de imprimir-lhe aviltamento venal, não tem todavia deixado de produzir bons effeitos na ordem economica do Estado de São Paulo e do paiz inteiro, consolidando-a um tanto mais nesses cinco annos de sua vigencia, sendo de presumir que em mais alguns annos a situação em nada ou em pouco se altére.

Pelo menos a oscillação dos preços de venda do nosso principal producto, dentro dos mercados brasileiros, é de crêr se faça dentro de limites muito restrictos, emquanto houver parcella consideravel do *corner* da valorisação, que, tendo buscado desde o seu inicio regularisar a offerta em relação ás necessidades do consumo, até hoje ainda não diminuiu a intensidade de suas funcções, como verdadeiro *nervo moderador* da especulação baixista.

Mas, e ahi é que se trava o carro, quando o *corner* estiver exgottado, o que succederá dentro de poucos annos, que é da defesa do nosso principal elemento de riqueza agricola?

Ficará indefeso, como d'antes, quando o Estado de São Paulo ainda não se dispozéra a enfrentar com os corvejões do capitalismo, que nos alapardavam o precioso producto, e a offerecer-lhes intelligente combatividade, interferindo no mercado, obrigando-os a recuar do proposito de operar a marcha progressiva do baixismo, forçando-os a principio a attitudes espectantes e depois mesmo á desenfreiada concorrencia entre elles, afim de que cada qual podésse comprar maior e melhor porção do aureo artigo brasileiro, donde de modo natural deveria resultar um movimento perseverante de alta no seu preço e a sustentação de boas cotações médias do producto que importavam alento e prosperidade para os productores nacionaes.

Nessa occasião critica, quando o Estado de São Paulo, e os outros Estados cafesistas do Brasil, que á sua sombra têm vivido com mais confôrto, graças ao Convenio, se virem inteiramente desarmados para luctar contra a especulação, que, é certo, alçará de novo o collo para as suas nefastas explorações, só restará o recurso de repetir a tentativa da valorisação, saccando ainda sobre o seu futuro o poderoso Estado Paulistano, o que talvez já não se consiga realizar senão com enormes gravames para a sua vida financeira; ou então, deverá decididamente collocar-se á frente de radical movimento de reformas nacionaes a bem de nossa ordem economica, para a salvaguarda completa da nossa riqueza movel, tomando a fecunda iniciativa de promover, estabelecendo-a em base indestructivel, a legitima defesa commercial da Republica.

Este, sim, será o meio unico de não mais soffrermos crise de café, nem de borracha, nem de nenhum outro producto valioso da exportação brasileira, porque d'ahi por deante seremos nós, por intermedio do commercio genuinamente nacional, quem sobretudo vae operar a expansão mercantil de nossos productos, impedindo que essa turba multa de intermediarios extrangeiros se enriqueça quando nós nos empobrecemos, ou estacionamos em captiveiro commercial, trabalhando mais para outrem que para os nossos interesses legitimos e vitaes, substituindo-os por um só intermediario, a potencia capitalista d'um grande banco de commercio e industria, que se fundará no paiz, desempenhando, entre outras importantissimas missões, a de approximar equitativamente o productor brasileiro do consumidor mundial, em operações mercantis, livres e licitas, em que ambos lucram.

Desenganem-se de uma vez os meus patricios de quererem obter a defesa do justo valor da producção nacional, sem appellarem para o unico instrumento habil, efficaz, insubstituivel para tal effeito.

A intelligencia humana, até hoje, ainda não descobriu processo algum, por mais engenhôso, por mais original que possa ser a inventiva, que de modo cabal alcançasse a defesa plena de valôres permutaveis em livre concorrencia, a não ser *actos* de *commercio*, na lata, genuina e juridica accepção destes termos.

Creando-se uma phase de vida nova na Republica, fazendo com que ella transforme o antigo paiz agricola e pastoril em potencia commercial

autonoma, para mais tarde, quasi que em seguida, poder-se organisar o regimen das livres industrias, então sim, ficarão para todo o sempre conjuradas as crises; e o paiz, de decada em decada, se encaminhará para uma posição de destaque, gloriosissima no mundo, cada vez mais rico, mais progressista, mais imponente á estima e á admiração universaes.

Deixemos de ser a China Americana, o povo de dominados, para sermos o paiz de maior attracção quanto ao elemento immigrantista e á colonisação espontanea dos capitaes extrangeiros, para sermos o maior celeiro do mundo, um povo de fortes, de dominadôres, pela sua grande opulencia e sobretudo pelos sentimentos elevados e humanitarios de seus nacionaes, que vivendo felizes, não explorarão a humanidade, como o têm feito outros povos, de raça differente, que não contam em seu acervo de hereditariedade e tradições a affectividade e outros predicados excelsos da raça latina, cujo genio anima e estimula a consciencia e o coração dos brasileiros.

A valorisação nos aproveitou e nos aproveitará, *si et in quantum*; mas além de ser o seu effeito transitorio como ella, ainda tem o grave defeito de não ser á justa entendida, como plano de restricção da offerta d'um producto para a sustentação d'um preço razoavel, que melhor e mais equitativamente remunere o productor, e de poder parecer um monopolio odiôso e lesivo aos interesses dos povos com que temos mantido relações mercantis, embora mais nominaes que reaes.

E' assim que nos Estados Unidos da Norte-America, nesses ultimos dias se levantou grave

questão, relativa ao café lá depositado, pelo governo paulista por intermedio da firma Sielken & Crosman; tendo um alto funccionario da justiça americana sido compellido a mandar apprehender o café do Convenio, existente em Nova-York, sob a guarda d'aquella firma, isso por denuncia e requerimento de parte interessada, certamente algum baixista, com o pretexto de que o café da valorisação estava violando o dispositivo da lei Sherman contra os *trusts*.

Felizmente a questão, que correu os tramites legaes, já está resolvida por um tribunal superior da Norte America e a favor dos interesses brasileiros, mas o arranhão na dignidade do governo paulista e mesmo na dignidade nacional ainda não desappareceu de todo.

Pairou por muito tempo no ar a suspeita de que o Brasil buscava especular na alta do café, desrespeitando uma lei do paiz amigo.

E até certo ponto isto se justificava, porque um telegramma de Nova-York para o jornal «Estado de São Paulo», com data de 26 de Maio, nos noticiava que o Snr. Lehman, na denuncia que déra contra os nossos prepostos da valorisação do café naquella praça, a instruira com uma certidão que constava ter sido comprada alli avultada quantidade de café para augmento do *stock* da valorisação, o que positivamente era uma infracção da lei Sherman portanto cabivel se tornava a sua austera sancção. E' bem possivel que a celebre certidão não houvesse sido exhibida e que o telegramma seja mentiroso, mas justo é que por prudencia e dignidade devamos definitivamente evitar as situações equivocas e attentato-

rias de nossos interesses e brios, definindo melhor a nossa soberania no concerto das nações.

X

Na questão suscitada ante a justiça publica da Norte-America contra os prepóstos do governo paulista, a cuja guarda se acha o *stock* do plano da valorisação do café, existente na praça de Nova-York, lide que se dirimiu por uma sentença sábia, por justa, reconhecendo o aliás incontestavel direito do Brasil, como nação soberana, de acautelar o seu principal producto e de pôr-se em plena salva-guarda contra os especuladores baixistas, offereceu-se bom ensejo aos brasileiros para ficarem sabendo realmente os altos meritos, a solicitude, a competencia, a serena energia do nosso actual Embaixador, junto ao governo de Washington.

S. Ex., o sr. Domicio da Gama, revelou-se um homem á altura do cargo, de prompto se desvelando no desempenho de sua augusta missão; e no caso particular, pesando bem as suas responsabilidades sem sacrificar o sadio patriotismo que o anima, deitou a maior actividade e jórros de luz na consciencia dos juizes e auctoridades, com quem se poz logo em intimo contacto, quanto aos primeiros por intermedio do distincto advogado o sr. Choate, no objectivo de dizer-se, mais do que talvez fosse necessario, a ultima palavra, em pról do direito soberano do Brasil que não podia soffrer o confisco de sua propriedade legitima, lá depositada, para fins de commercio honesto e livre.

Seria escandalosamente immoral e injusto esse procedimento do governo norte-americano, se houvesse vingado, porque, torçam como quizerem ou podérem, isso havia de ser interpretado como manobra official protegendo manobras de baixistas, dando em resultado uma inqualificavel extorsão.

Houve e ainda ha quem censure ao illustre Embaixador pela sua nobre e altiva attitude e sobretudo pela sua vibrante peça oratória no banquete da Sociedade Pan-Americana, proferida deante o Snr. Philander Knox, secretario do Estado com a pasta dos negocios do Exterior dos Estados Unidos, na qual extranhava o insolito tentamen do governo americano, pretendendo lesar o Brasil, attentando contra principios juridicos, e até contra as regras da cortezia internacional, e assignalando finamente que com tal conducta ainda não tinham aprendido os americanos do Norte o bom caminho que leva á posse do coração dos brasileiros.

Apodaram de inconvenientes o gesto e a linguagem do benemerito Embaixador, extranhando-lhe a perda da convencional compostura no exercicio das funcções diplomaticas; como que deixando perceber que a diplomacia moderna não tem o direito de falar a verdade nem de ser energica em suas relações com os governos extrangeiros, devendo antes constituir uma força social destacada em outros paizes, para melhor representar a hypocrisia official, dizer meias palavras, valer-se de reticencias, de phrases elypticas, de ambages falaciosos, de todos os meios que a burocracia astuta e sophystica dos tempos

tem inventado para enganar todos os povos do mundo.

Pois, quanto a mim, penso que não poderia ser mais correcto o procedimento do Snr. Domicio da Gama, merecendo sómente elogios e não censuras, que são de todo infundadas.

Dos modelos de Gama, de Oliveira Lima e mais alguns representantes da patria no extrangeiro, é que devemos tirar fecundos ensinamentos para a constituição de nossa diplomacia do futuro, quando depois de reformado o paiz, tendo de expandir-se pelo mundo como potencia commercial, livre e soberana em toda a linha, houver necessidade de collocar em postos de vigilancia e de defesa do trabalho e da honra da Republica, conspicuos varões, capazes como elucidarios de questões internacionaes e como forças defensivas, na arena da politica e do commercio, desfraldando a bandeira do paiz em defesa dos sãos principios do direito publico moderno.

Feitas essas considerações, que ainda julguei a proposito e util exarar, quanto á cerebrina contenda levantada ultimamente nos Estados Unidos contra o plano da valorisação do café; não consentindo com o meu silencio que se possa desvirtuar, lá como algures, a doutrina e equitativa de Monroe, dando-lhe a falsa interpretação de que a America deve ser possuida pelos Americanos do Norte, pretenção estulta a que, pelo menos nós, os brasileiros, jamais prestariamos subserviencia, senão quando houvesse perecido a nacionalidade, vencida e esmagada, na guerra sancta em sua defesa territorial; passemos a nos occupar da Caixa de Conversão, no intuito de

justificar alguns allusivos conceitos, inscriptos no oitavo artigo desta série.

Dissemos que nos veiu prestar relevante serviço, augmentando e accelerando a circulação, e não ha duvida a tal respeito. Basta para o senso commum ajuizar perfeitamente sobre o assumpto, lembrar que o paiz antes da sua installação possuia apenas o escasso meio circulante de seiscentos e tantos mil contos e que ella nos trouxe o augmento de tresentos e tantos mil contos, conseguintemente elevando a massa do numerario a um milhão, que era de todo em todo necessario para ser melhorada a vida collectiva, no sentido de sua intensificação, e para, entre outros beneficios, permittir que com mais folga podessem os brasileiros trabalhar e pagar aos diversos fiscos nacionaes, da União, dos Estados e dos Municipios, a fabulosa contribuição annual de mais de um milhão de contos.

Accresce que a circulàção se avolumando, podendo melhor se realisar grande massa de permutas, impossibilitadas em época anterior pelo numerario insufficiente que tinhamos, o espirito de associação, especialmente o cooperativismo, e o desenvolvimento das instituições de credito, que levavam vida enfezada nesta desorientada Republica, podiam ganhar mais alento, como ganharam, realizando paulatinamente, mas em lances continuos, a magna operosidade util, que é licito sempre esperar dessas importantes forças sociaes. Mas a isso se limita, por ora, o beneficio da Caixa de Conversão, impropriamente assim chamada, por carecer parallelamente de um fundo especial aureo, que a habilitasse a retirar, de

tempos em tempos, da circulação fiduciaria, uma certa quantidade de papel moeda, de facto inconvertivel, substituindo-a por cedulas de sua especial emissão, á taxa de 16 pence, em valor equipolente.

Mas nada existe no paiz de semelhante a esse habil instituto, que na Argentina tem o nome de Fundo de Conversão, e que poderosamente auxilia a sua Caixa de Conversão a emittir e a converter.

Nós imitámos, creando a nossa Caixa, a fecunda iniciativa da Republica visinha, que progride assombrosamente, mas fizemol-o ineptamente, ficando adstrictos a defender os depositos aureos da Caixa e o nosso cambio, com o desperdicio continuo e ininterrupto de dinheiros publicos, que o tonel sem fundo, carteira cambial do Banco da Republica, deixa dia a dia escapar para as mãos habeis dos especuladores do nosso mercado monetario, que não perdem vasa de jogar pela certa na venda ou revenda de cambiaes.

Os fundos de *resgate* e de *garantia*, creados pela lei, mal arrecadados e sobretudo mal applicados ou esbanjados, servem até agora para provar exuberantemente que ainda somos e seremos por muitos annos um povo, que não tem orientação bôa de governo e que até certo ponto justifica o alcunha de povo de *macaquitos* com que nos brinda a plebe argentina.

XI

Se aos dirigentes da nossa politica houvesse, durante esta quadra republicana, inspirado para

os diversos actos governativos, de mais vulto, um criterio positivo, oriundo da verdadeira sciencia e especialmente da politica experimental dos povos cultos, nós teriamos instituido uma Caixa de Conversão, genuina, solida, defensavel, quando foi afinal reconhecido que era um erro diminuir pela cremação a massa de nosso meio circulante e que urgia ao contrario emittir para augmental-o.

Só assim é que poderiamos, como poderemos, abandonar em dia auspicioso definitivamente o regimen de credito, imperfeito, irregular, em que vivemos, afim de nos utilisarmos do credito de maneira mais habil e reproductiva, defendendo-o honestamente com o trabalho nacional, emquanto não chegasse a época verdadeiramente aurea, isto é, aquella em que podessemos annunciar ao paiz e ao mundo a conversibilidade franca, ao par e á vista, do nosso papel moeda, por já havermos operado a *conquista commercial do ouro* em tão grande escala, que possuidores de enorme *stock* do metal precioso nos fosse permittido com a maxima folga estabelecer e manutenir a circulação metallica, que é o ideal de todos os povos livres e fortes, no ponto de vista economico-financeiro.

Mas a sciencia official, falha, pedantesca, obrigando os governantes e governados a serem fetichistas do ouro inglez, como se o ouro não fosse um só, a mercadoria universal, pois todos a cubiçam, a mercadoria—padrão, pois serve de aferidôr do valor das outras, quando em permutas; essa sciencia falsa não poderia mesmo dar de si senão o producto rachitico da Caixa de Conversão, que já passou por uma reforma e que naturalmente

passará por muitas outras, sem que todavia possam transmudal-a em um perfeito apparelho reguladôr da circulação do paiz, defensor da ordem economica, promotor da nossa prosperidade e progresso, do fomento nacional emfim, que habilite a Republica a servir ao brilhante destino a que se acha fadada a nacionalidade, como a maior potencia latina da America do Sul.

Que querem que os nossos estadistas possam fazer de bom e util, se parece na pratica dos actos de governo, sempre transluzir a ignorancia do conceito fundamental da economia politica, que é o *valor?*

Se os nossos dirigentes fossem realmente scientistas, haviam de reconhecer que *ouro* é o que *ouro* vale e tratariam de governar o paiz melhor, para que não soffressemos na patria a escravidão commercial, para que não fossemos um povo inconscientemente perdulario, esbanjador dos valores commerciaes importantissimos de nossa formidavel capacidade exportadora; nem para termos de supportar tão alto preço da vida no Brasil, que não é exaggero affirmar, para o seu custeio normal, não produz o trabalho a quota de valor sufficiente, e muito menos deixa margem para o *superfluo*, que é a unica fonte legitima de poupança, de economias com vistas de capitalisação progressiva, de que o trabalhador se serve para serenamente aguardar as eventualidades do futuro.

Mas os estadistas brasileiros jamais cogitaram, em materia de Economia e Finanças, de andar com as proprias pernas, e sim com as mulêtas do capitalismo extrangeiro, já appellando para

emprestimos ruinosos que usurarios realizam como negocios melhores que os da China, já instituindo a Caixa de Conversão, da maneira inepta que todos sabemos. Timidos, porque governam a náu do Estado sem bussola e não conhecem bem o mar que navegam, apavorados mesmo do espectaculo de nossa prosperidade, tão affeitos estavam com o pauperismo a que reduziram o paiz, começaram por assignalar á Caixa de Conversão um limite de emissão correspondente a deposito de ouro, realmente diminuto para o Brasil, que não se desenvolve, porque justamente lhe faltam os meios de acção.

O limite dos depositos aureos em pouco tempo attingido, havendo ainda muito ouro que desejava entrar para a Caixa, pretendendo fazer-nos o beneficio de intensificar e accelerar a circulação, foi preciso para que elle não emigrasse do paiz e voltasse aos paizes de sua procedencia, que de afogadilho se levasse ávante uma reforma da Caixa, ampliando para limite maior a sua faculdade emissora, alterando-lhe a taxa de 15 para 16 pence, ouro, para 1$000 réis brasileiros. A imprevidencia official por este facto ficou bem constatada.

A emissão da Caixa na primitiva, feita á taxa cambial de *15* e depois a *16*, não deixou de ser uma quebra, de facto, da promessa official de um dia, quando isso fosse possivel, sem que nada fizessemos aliás em pról, chamar a resgate o papel moeda e dar-lhe ouro e prata em valor correspondente ao das cedulas apresentadas, porquanto com o estabelecimento de uma outra taxa official de cambio, bem menor que a de 27,

que é a do nosso padrão monetario, a garantida pelo Estado, como taxa nacional, a operação do resgate da moeda fiduciaria ao par ficaria tão difficultada, que se pode seguramente qualifical-a de impedida, incidindo assim o governo na culpa de caloteiro, que promette o pagamento de uma obrigação e não o cumpre, por ter contraido outra obrigação mais premente.

E para cumprir a obrigação nova que tomou teve que lançar mão de expedientes de verdadeiro jogador.

Ficavamos com duas moedas no paiz, uma á base aurea, real, de 15 a principio, e depois de 16, que é a taxa vigente da Caixa, outra a que não tem base real e apenas a promessa vaga, fementida de convertel-a a 27, quando chovesse ouro no Brasil, milagre semelhante ao da chuva de manná no deserto celebre por onde passaram os Israelitas.

Se o governo não houvesse intervindo no mercado monetario com a carteira cambial do Banco da Republica, servida com rendas publicas, neste particular continuamente dispendidas, a qual systhematicamente comprava cambiaes por 1/32 ou mesmo 1/16 acima da cotação da tabella de cambio dos bancos extrangeiros, teriamos de ver os pulos successivos do cambio da moeda papel inconversivel para baixo, afim de que a da Caixa de Conversão fosse pouco a pouco sendo retirada, conseguintemente esvasiando-se a Caixa de depositos aureos até á ultima parcella, transtornando-se finalmente a Caixa em estafermo inutil, em casa vasia que precisava levar o escripto na porta, em letras garrafaes: CASA PARA ALUGAR.

A lei de Gresham é inexoravel e presidindo ás condições de vida do regimen monetario em todos os paizes do mundo firmou o principio de que, concorrendo ao mesmo fim duas moedas, a peior expelle a melhor, e essa lei do astuto e operoso ministro das finanças inglezas, do tempo da rainha Elisabeth, não vem a ser mais do que um reflexo da grande lei economica do menor esforço, que abrange o vasto campo dos phenomenos economico-sociaes.

A moeda da Caixa, por isso que era de ouro, de verdade, tinha que emigrar e ser applicada a destinos superiores e sómente a outra é que ficava, pois era a unica que merecia circular no Brasil de hoje, paiz do *papelorio* em tudo, do *palanfrorio* inutil das assembléas politicas e sobretudo dos ministros ignorantaços que só sabem realisar a obra de governo, que defende por completo os interesses extrangeiros radicados no Brasil e pretere por systhema o legitimo direito do trabalho nacional.

Que ministrões!

XII

Se é verdade que desappareceu dos orçamentos do Brasil a verba — differenças cambiaes — que já era notavel durante o regimen imperial e se tornou consideravel, bem maior, em alguns periodos presidenciaes, em que o cambio da moeda brasileira andou pelas ruas da amargura, inteiramente á mercê dos especuladores baixistas de nosso mercado monetario, ficando o governo de braços cruzados a assistir á *debacle*, como um palerma, que não sabia o que fazer, ao menos a

titulo de palliativo do mal; não deve restar duvida alguma aos espiritos de que, nem por haver mais ou menos refreiado o cambio, com as medidas que ulteriormente tomou, o governo federal poude assegurar ao Thesouro Publico uma situação mais lisongeira.

A carteira cambial do Banco da Republica, da maneira por que funcciona, impede o cambio de soffrer oscillações bruscas e sensiveis para a baixa, mas sempre á custa de desperdicios de dinheiros publicos, que, economisados, iriam augmentar as fontes de receita federal.

Desappareceram, pois, as differenças cambiaes, mas surgiu em compensação o onus da manutenção da carteira cambial, de modo que a situação pouco ou mesmo nada mudou, relativamente á ordem economica e ás finanças do Estado. Esse continuava a deixar de perder por um lado para perder por outro. Ganhava na bisca, perdia na petisca.

Se a carteira cambial do Banco da Republica tem conseguido realizar alguns lucros, então é que ella, falseando o seu fim especial se tem lançado no vortice da jogatina cambial nos dois sentidos da baixa e da alta, para poder ganhar as differenças, ou tem empregado fundos em emprestimos para o effeito de valer a industriaes ou a commerciantes, que os desejassem a curto prazo, pagando juros modicos; quer num quer noutro caso, não satisfazendo ao seu destino, valendo-se de clandestinidade nas suas transacções, o que não admira, até então, neste odioso regimen de democracia hypocrita, que devêra ser o do mais ampla publicidade, e vive em

geral de ruminar por entre bastidores ou de dispender demasiado sem dar conta dos seus actos ao publico, certo de sua impunidade, por effectiva irresponsabilidade, porque o povo desde a proclamação da Republica até nossos dias, tem feito apenas o papel reles de besta de carga, e nada mais.

A medida dos vales em *ouro*, para pagamento de impostos aduaneiros, que a principio foi tomada parvamente, consentindo-se que, conjunctamente com o Banco da Republica, outros bancos nacionaes e extrangeiros podessem emittil-os, inepcia que felizmente não perdurou, ficando essa faculdade unicamente adstricta ao nosso grande estabelecimento de credito; ainda assim poucas vantagens tem garantido ao Thesouro Nacional e em muito pequena escala ha influido para a estabilidade da ordem economica e augmento dos recursos do Estado, visto que o movimento de vales, *ouro no papel*, sómente se pode ver no paiz e para attender aos encargos do Thesouro no extrangeiro é preciso dispender *ouro metallico*, de verdade, no vencimento das cambiaes brasileiras. Cremos ter respigado tudo, quanto de mais importante, até agora, tem feito a Republica para a resolução do problema vital da Patria, e a verdade dolorosa, desabonadora dos meritos e creditos dos estadistas republicanos é esta: A Republica na solução do problema economico do Brasil se tem revelado tão incompetente, tão tibia, tão inerte, como foi o Imperio. O paiz continúa a estar indefeso, a ser victimado pelos rapaces da especulação cosmopolita, a offerecer o tristotonho e degradante aspecto de um montão de

ruinas, de uma Nação em decadencia absoluta, permittindo a falta de independencia economica do Estado e do povo, que muitos abusos, muitos erros, muitos crimes, muitas agitações se observem com grande pezar dos patriotas, na ordem politica e social, causando uma fermentação crescente de anarchia, que não sabemos, por imprevisivel, onde irá parar, se na grande Revolução salvadora, irrupta em nome do patriotismo e dos principios immortaes que regem os destinos da humanidade culta, se no esphacelamento nacional, na partilha do territorio da grande patria entre pequenas republiquêtas, mais ou menos olygarchisadas, ou entre colonias de povos conquistadores, que um dia se decidam a colligar-se e a extinguir á mão armada uma soberania, que se deshonrara tanto á face do mundo, que perdêra o jùs á existencia.

Mas isso, graças a Deus, não passa de uma hypothese provavel.

O povo brasileiro, que é bondoso, longanime, hospitaleiro, amoroso da paz, solidario com a humanidade, não deixa de ser tambem um povo digno e amigo do progresso. Tarde se ha de convencer, mas um dia isso acontecerá fatalmente, de que só a sua sorte melhorará quando elle, de modo resoluto, entender de dictar a sua vontade imperiósa aos maus governantes.

E como nos prelios eleitoraes, que são verdadeiras farças, ou eivados de fraudes ou perturbados pela violencia, a legitima opinião publica não se poderá jamais representar neste paiz, emquanto o Brasil permanecer nesse *statu quo*, o povo será forçado pelo imperio das circumstancias e pela instigação dos seus maximos desesperos a

apresentar-se nas praças publicas amotinado, disposto a combater pela sua liberdade e em defesa de sua amada patria, que julgue em ultima instancia uma victima imbelle da traição, da mashorca e da roubalheira.

XIII

Após o processo analytico, os commentarios criticos a muitos actos do governo republicano, a argumentação cerrada, logica, irrespondivel que nos artigos precedentes temos exposto, tornaram-se de evidencia palmar muitos erros de nossos governantes, devidos uns á sua inopia, outros á incomprehensão do regimen; e sobretudo o que se fez patente, a convencer até os mais incredulos, é a conclusiva categorica de que a Republica entre nós não tem garantido a liberdade de *trabalho* nem a justiça na sua remuneração equitativa, na proporção de seu valor relativo de utilidade e de permuta.

Ora, assim sendo, como realmente o é, o problema economico da patria está ainda carecendo d'uma solução positiva, e quanto mais esta se procrastinar, mais risco corre a Republica d'uma fallencia completa.

Mais ainda do que nas monarchias, preciso é que, em qualquer governo de democracia representativa constitucional, sem throno, o trabalho se exerça em plena liberdade e seja defendido por uma sabia politica, de orientação scientificamente economica, de illibada honestidade administrativa, asseguratória da magestade da justiça publica, do bem estar collectivo, da possibilidade

real de expansões de progresso, e do que acima de tudo importa numa republica, da perfeita ordem social e da manutenção da soberania nacional que, ante o patriotismo sadio e verdadeiro, deve ser considerada inviolavel e respeitada em todo o seu territorio e aguas marinhas pertencentes ao paiz.

Muito longe desse ponto de vista, na alta administração do Estado se têm exhibido os estadistas do regimen, que é essencialmente um governo de leis bôas para homens, que, se não são todos virtuósos, devem ser pelo menos trabalhadores livres e dignos, vivendo honestamente dos seus esforços productivos, do seu trabalho emfim, e com cuja união e força o Estado unicamente pode e deve contar para todas as eventualidades dos tempos de paz e de guerra.

Sem a completa defesa do trabalho nacional, o povo se empobrece, conseguintemente se enfraquece, não só para pagar as contribuições necessarias ao Estado, como tambem para pegar em armas, em defesa da patria, em caso de conflicto internacional, que já não admitta outra solução, a não ser a franca belligerancia.

E a Republica no Brasil não tendo até hoje promovido efficaz e legitima defesa commercial do justo valor do trabalho e de seus fructos, deixa-nos, a todos nós brasileiros e aos extrangeiros, aqui domiciliados, mourejando na labuta quotidiana, como nossos preciosos cooperadores e ás vezes mesmo como nossos mestres pela sua grande competencia, seu senso pratico e economico, redusidos á triste condição do pariato colonial, fazendo de todos uns miseros servos da gleba brasileira

que trabalham para o capitalismo cosmopolita e usurario a salarios vis, que mal chegam para os encargos primordiaes da vida, d'ahi se originando o crasso e ignobil servilismo que se nota em todo o paiz, da parte dos cidadãos, conversos em *marionettes*, deante os poderosos da epoca nefasta.

E é excusado esperar o remedio apenas do tempo. Os dias, os mezes, os annos se succederão, e se a náu do Estado não fôr lemeada e defendida contra os parceis por maruja rija e forte, se não entrar de prompto em boa capa, contra a furia dos vendavaes e das terriveis tempestades, o sossobro é certo, terá de desapparecer a Nação.

Só ingenuos é que podem acreditar ser facil a victoria do fraco luctando com o forte.

Nós do Brasil, sendo agora os homens mais fracos, mais exploraveis, mais logrados que existem no mundo dos negocios do campo internacional, onde se fere sobretudo a lucta pela vida entre as nações, raras sendo as vezes em que ella se trava com as armas nas mãos e movendo os grandes engenhos de guerra, mas quer num quer noutro caso, sendo preciso para o alcance de victorias que exista independencia economica para os seus effeitos preparatorios de acção e de resistencia, como consentir mais que se protele a resolução do problema cardeal de que tudo depende para a nossa felicidade e engrandecimento, para nos reconstituirmos como nação livre e impôrmos a nossa soberania?

Nada de contemporisações. O tempo nada faz em pról dos homens fracos que se aventuram a luctar com os fortes, senão peiorar-lhes as condi-

ções na lucta, até o seu completo exterminio em pról dos seus infalliveis vencedores.

Os homens, sim, é que podem variar com os seus habeis feitos, a bom alvedrio, as condições da lucta, de sorte a permittir a completa mudança das posições, a conversão em forte do fraco de outróra, com superioridade relativa sobre os outros fortes contemporaneos. E o Brasil está no caso especialissimo de favorecer enormemente os seus homens, com o aproveitamento methodico e intelligente de suas inexgottaveis riquezas, com a sua posição geographica, com a sua população que já não é pequena, para, de fracos que hoje são, serem os fortes e invenciveis d'amanhã. Em qualquer terreno onde, depois das reformas imprescindiveis, visando objectivo economico para augmento de poderio, a vontade nacional entender de levar a lucta em prol de interesses legitimos, seus e da humanidade, ha ser respeitada e victoriosa.

Nada de vãos temôres, nada de horrôr ao novo, nada de espirito rotineiro e de subserviencia na alta administracção. Precisamos, ao contrario, de grandes iniciativas, de obras uteis, de fecundas refórmas, que muitos julgarão audaciosas, como lances da imprevidencia ou da temeridade, e que, no emtanto, nada mais exprimem que os meios naturaes, conducentes ao sublimado fim, da reconstituição da Patria em potencia commercial para poder viver com conforto e autonomia, e, dentro em pouco, com opulencia e incontrastavel poderio na gestão de seus interesses.

As refórmas que venham sem demóra, mesmo pelo preço carissimo da Revolução.

XIV

Desde que está reconhecido, por quem sabe observar bem os nossos phenomenos economico-sociaes, que o paiz soffre de *anemia* gravativa, pois é mal que se vai avolumando com o augmento da população e das exigencias crescentes da civilisação; desde que á crise de circulação, cada vez mais intensiva, pela necessidade de prover á intensificação das permutas, na sua progressão geometrica comparativamente áquelles augmentos, que se fazem em progressão arithmetica, se veiu juntar no caso brasileiro uma lacuna importante na vida collectiva, qual seja a falta de bôa organisação da arte e sciencia de commercio, genuinamente *nacionaes* para a defesa dos effeitos do trabalho; ha indeclinavel precisão de nossa parte d'um appello firme, enthusiastico a uma *vida nova,* que faça desapparecer no limbo o paiz de agricultores e pastores para fazer surgir ovante o paiz de commercio nacionalisado e industrias fecundas, com costumes e leis liberaes.

Esse apparelho que se faça pela vontade da maioria dos compatriotas, resolutos a quererem servir á sua patria, aconteça o que acontecer; e certamente se traduzirá o seu resultado em grandes beneficios para a Nação, dentro de pouco tempo, com a exploração intelligente do credito interno, que muito mais nos une e fortalece, quando o externo só nos desune e debilita e não nos deixará jamais abandonar os pessimos habitos de sedentarismo e sujeição á penuria, promotores principaes e caracteristicos da pasmaceira,

do atrazo, da pobreza extrema, que formam a vida nacional no auroriar do seculo XX.

Somos um povo sul americano e nos presumimos homens livres; porque, pois, nos determos tibios, irresolutos deante a maior questão da Patria, não nos dispondo de prompto a resolvel-a cabalmente, sem prestar venia a influencias extranhas? Vida nova, *vita nuova*, como quizerem os heroicos italianos, appellando para as maximas energias latentes da grande mãi latina e prophetisando-lhe o futuro glorioso, que já admiramos hoje, na phrase vaticinica—*Italia va da se!*

De vida nova, tambem, é que se está precisando no Brasil para que elle por si só, sem o auxilio interesseiro de quem quer que seja, possa caminhar a passos agigantados na estrada larga e luminosa do progresso.

A' crise de circulação opponhamos um paradeiro, com o augmento do nosso meio circulante; á grande lacuna, que importa a absoluta indefesa commercial do paiz, assignalemos logo tambem um termo, utilisando-nos do nosso dinheiro para mobilisar os nossos productos, com a mais franca liberdade, para actos honestos de commercio em toda a parte, onde forem possiveis; tratando-se de recolher o ouro que, pouco a pouco, se conquistar dessa maneira licita, para sustentarmos com dignidade o valor nominal da moeda fiduciaria, emquanto não fôr facil e opportuna a sua conversão, por não termos captado commercialmente os metaes preciosos, necessarios para della prescindirmos e de modo altivo iniciarmos a circulação metallica, estavel, sem temôr da emigração dos seus componentes para o extrangeiro.

D'uma defesa completa dos seus valores, não se deve temer o Brasil, porque façam os seus exploradores usurarios o que quizerem, até mesmo a guerra, elle não poderá deixar de sair triumphante da lucta, porque o mundo precisa do Brasil e nós poderiamos trancar os nossos portos ás outras nações, e ainda assim viveriamos muito bem, sem lhes invejar a sorte.

A' guerra da cubiça opporiamos a guerra sancta, a da nossa defesa, negando ao inimigo tudo; e as materias primas que saem do Brasil em avultada copia para alimentar milhares e milhares de officinas e fabricas extrangeiras, ficando entre nós retidas, determinariam o seu fechamento e milhões de trabalhadores do mundo ficariam sem trabalho, expostos á penuria e á fome. Semelhante situação angustiosa e desesperada, perigosissima para os paizes da Europa e mesmo para os Estados Unidos do Norte e outros, os estadistas de lá não hão de desejar, conseguintemente tudo envidarão para conjural-a.

Façamos soberanamente as refórmas, de que o paiz tem extrema necessidade para sairmos do terrivel e anniquiladôr impasse, que é a vida de hoje no Brasil; e a geração do futuro, a pleiade dos grandes homens que teremos sob o céu da Patria, de gloria em gloria que forem adquirindo, hão de abençoar a nossa geração por termos tido a coragem de pelejar e vencer os nossos poderosos inimigos que são a rotina, o preconceito, a ignorancia, o servilismo, a inercia, os peiores inimigos da humanidade emfim.

Assim nos exprimimos, porque temos certeza do que avançamos; somos portavoz da verdade,

e o Brasil de hoje está vivendo sob o imperio de mentiras convencionaes. E' isso que infelizmente constatamos, a cada passo, da pedantocracia official, e dos perfidos conselhos dos advogados, que alugam o seu talento, a sua penna á rica agiotagem extrangeira, que nos busca sempre explorar em negocios illicitos, immoraes, ruinosos á nossa economia, sómente possiveis, emquanto palmilharmos as veredas do erro e a nossa ingenuidade nos trouxer transviados dos caminhos bons e bem illuminados.

Pois não é uma mentira impudente dizer-se que o Brasil tem falta de *capitaes?* Um paiz como o nosso, dotado de grande capacidade exportadora, não pode ter falta de capitaes. Pode sim esbanjar os seus capitaes, que é o que inconscientemente temos feito ha muitos annos, soffrendo crises e mais crises, justamente porque os nossos recursos economicos, que deviam ir constituindo o patrimonio da querida Patria, sempre de anno a anno a augmentar, minguam ao contrario, para irem encher o pandulho do sr. Rottschild, dos banqueiros judeus da Allemanha e quejandas personagens, só porque não acham uma defesa efficaz nas leis, nos actos do governo e no trabalho utilissimo de commerciantes brasileiros, pessoas de alta valia social, que por ora no Brasil brilham pela ausencia. Guerra de exterminio a essa patarata, de que o Brasil carece do capital extrangeiro para se desenvolver e progredir. No paiz temos os melhores capitaes, as suas optimas mercadorias que de prompto encontram excellentes accommodações commerciaes e se trocam facilmente por ouro. O que no Brasil não ha em

sufficiente quantidade é dinheiro, e nada mais. Faça-se o dinheiro e a situação logo se transmuda.

Mas fazer o dinheiro, perguntarão os charlatães velhacos ou ignorantões com fumos de sabios, será possivel, não é uma heresia, não é resolução de utopista? Não — responderiamos immediatamente nós. O dinheiro não é creação de Deus nem obra da natureza. O dinheiro é obra apenas dos homens. E' um intermediario de permutas e nada mais; exprime uma convenção das sociedades humanas adiantadas. Sendo de ouro serve para todos. Sendo de papel, só presta relevantes serviços ao povo que o emitte, se elle sabe honrar e defender o seu credito por desenvolvimento de trabalho util. Mas, diriam os charlatães, não possuindo nós o ouro, teriamos de emitir o papel moeda, que é praga, que é toxico, pois impelle a abusos de credito e á ruina. A' capciosa objecção teriamos de retorquir que o veneno mata, mas tambem salva. Administrado pelos criminosos, pelos imprudentes, pelos ignorantes pode ser deleterio e mortal; administrado pelo medico, pelas pessoas peritas e prudentes, pode remir o organismo que soffre, de crises gravissimas, que seriam mortaes sem a sua intervenção. E este é, leitores, o caso do Brasil. O organismo nacional está com pouco sangue a nutril-o. Passa por tremenda crise de crescimento, e o meio circulante cada vez mais é escasso para attender ás diversas exigencias da vida, em equilibrio normal.

Realize-se o pseudo milagre da transfusão e o organismo logo se reanimará e virá a saude e o engordamento. Reflectindo as cores roseas de que se enfeitam os semblantes a boa saude das pes-

soas, achamos um *simile* de imaginativa, no bem estar d'uma patria, pela crescente prosperidade economica, pelo augmento de seu poderio industrial e mercantil, pelo crescimento de todas as suas forças productivas, que nada mais são que reflexos das grandes victorias do credito e do trabalho criteriosamente utilisados.

Ha de ser unicamente pelo papel moeda, como um meio habil em mãos peritas e honestas, que havemos de alcançar o fim benefico d'uma potente expansão commercial pelo mundo, assegurando a grandeza, a gloria e a opulencia do nosso amado Brasil.

XV

A proposito do papel moeda no Brasil, contra o qual tanto se tem escripto e vociferado, considerando-se-o como a causa principal de todos os nossos males, por apreciação erronea, visto que não foi elle em si que determinou as crises, mas o abandono em que sempre viveu, parecendo mais um filho engeitado ou de pais incognitos que a expressão concreta e genuina do credito publico interno; vem a talho de fouce rememorar e trasladar para estas columnas a argumentação triumphante que em sua defesa publiquei no «Diario da Manhã», ha precisamente 4 annos, numa série de artigos sob o titulo «Brados Libertarios» e com o pseudonymo *Publio Varo*, trazendo todos a epigraphe que se segue bem suggestiva, mormente nos dias de hoje, em que parece extender-se de norte ao sul da Republica uma situação revolucionaria e até já está correndo

o boato de breve rebentar na Capital Federal uma revolução com poderosos elementos de acção, prestigiosa pelo seu programma liberal e amparada pela escol da opinião carioca e a parte sã do exercito brasileiro.

A epigraphe é esta:

« Por contente me dou, fazendo ás vezes
De pedra de amolar, que em si não tendo
Virtude de cortar, dá córte ao ferro. »

(Epist. de Horacio aos Pisões. Trad. de Candido Lusitano.)

Estigmatisando o procedimento de patricios que clamavam contra o papel moeda, atirando-lhe diatribes talvez peiores que as que vinham do extrangeiro, enunciei o conceito de que assim procediam ou por serem ingenuos illudidos e suggestionados ou por serem homens de negocios bons pela grande renda, mas cavillósos e deshonestos, ante o patriotismo e a moral, e proseguia, quanto aos ultimos, na discussão com os periodos seguintes:

« Serão apenas homens do interesse que cuidam exclusivamente de colher vantagens pessoaes, só auferiveis com a permanencia deste *statu quo*, que tanto nos depaupera e avilta, merecendo a estigmatisação de infrenes e odiósos egoistas, comparaveis aos rapaces, chamados procellarias, que só surgem deante dos navios que singram as zonas do Oceano, onde a tempestade está prestes a desencadear-se, o naufragio é possivel, e por isso instinctivamente preveem uma alimentação facil e farta. »

Comprehende-se bem que Europeus enriquecidos com a producção brasileira, que alapardam por meios astuciosos e commodos, pagando insignificantes preços, que não traduzem de modo algum o justo valor de nossos artigos, abusando assim de nossa ignorancia, da carencia de tino mercantil e senso pratico, ora peculiares aos brasileiros, falem mal do papel moeda, digam tudo que lhes aprouver de conveniente, afim de nos induzir a uma posição de perplexidade e inercia, para dest'arte nos conservarem na situação de seus colonos, que são pagos com salarios reduzidos. Elles são homens finos, são dotados de attributos pessoaes excellentes para dominarem os espiritos fracos de povos ainda atrazados em civilisação, estão conscios de que na lucta pela vida a victoria é sempre do mais forte, jamais do fraco, e não cahirão na tolice de dizer que o nosso numerario, embora de papel, é moeda bôa, e de aconselhar-nos uma grande emissão, proporcionada á producção e população do Brasil, o unico salvaterio a que nos devemos apegar para termos em breve a faustosa existencia de nação forte, de potencia mundial, por sua pujante agricultura, desenvolvida industria e grande poderio maritimo e militar.

Os Europeus estão no seu papel, mas os Brasileiros, que de proposito escrevemos com *B* maiúsculo, visto que se não devem julgar typos inferiores da humanidade, pois são tão bons como os melhores e habitam uma terra privilegiada de dons admiraveis e inexgottavel opulencia, porque tambem clamam contra o papel moeda, praticando erro crasso e a mais flagrante e condem-

navel injustiça, á luz dos sãos preceitos da sciencia economica?! Capacitem-se os compatriotas de que o nosso numerario é optimo, tanto que hoje, sem hyperbole, talvez se o poudesse considerar, por sua escassez nos centros populosos e extrema raridade nos districtos do interior, o mais valioso dos recursos economicos do Brasil. Creiam ainda que os grandes banqueiros, nas suas avultadas transacções com a Republica, se quizessem atêr-se por conducta illibaba a uma linha de honestidade e lealdade mercantis indefectiveis e a toda prova, antes de estabelecer-se a Caixa de Conversão, - já o cambio brasileiro deveria achar-se ao par ou mesmo acima delle, tamanha é a falta de relatividade do nosso *stock monetario* em papel, com a densidade da população do paiz, já gosando a vida intensiva moderna, os foraes de requintada civilisação.

Era o que deveria ser, e não o é, unicamente por nossa fraqueza, inercia e credulidade, por deixar-nos conduzir por cantigas e máus conselhos de suspeitos Mentôres, e não nos collocarmos quanto antes em attitude de viva reacção para ulteriores actividades uteis, emittindo largamente, e com habilidade, com perseverança, com grandes esforços e actos de commercio, defendendo a nossa emissão. Tudo que não fôr isso é *droga*, é *blague* para illudir os filhos da terra e demais habitantes seus, suppostos em sua quasi totalidade uma caterva de simplorios e beocios, faceis de se perpetuarem na fé das illusões douradas, que tanto aproveitam aos expertos!

O mal não está no papel moeda, e sim na sua existencia entre nós em escassa quantidade e

no pessimo uso que delle é feito. Se o papel moeda fosse ou houvesse sido sempre uma praga maldicta, a sua abolição, ou brusca ou mesmo gradual, em tempos bem pregressos, teria tido como consequencia natural não contar o mundo moderno tamanho *stock*, verdadeiramente colossal, de metaes preciosos, ouro, platina e prata, por isso que os trabalhadores que os mineiraram e aquelles que os converteram em moeda redonda e outros finos lavores de arte, foram quasi todos pagos em numerario papel.

Quando o papel moeda é bem utilisado e defendido, e por isso se torna conversivel, representa melhor a sua funcção social de dinheiro corrente do que o ouro e outros metaes. Tem sobre esses vantagens praticas positivas. Pelo papel moeda rehabilitado é que havemos de chegar ao periodo aureo um dia, com muito trabalho mas de um modo digno, com toda a autonomia e muita gloria.

Quem hoje poderá estar ignorando que, muito mais que o *capital amoedado*, seja elle qual fôr, opera o credito, *sábia e intelligentemente* aproveitado, os mais importantes melhoramentos, as construcções mais imponentes, verdadeiras maravilhas e prodigios de actividade social na vida contemporanea?

Ora, o nosso papel moeda não sendo mais do que a legitima expressão do credito interno da Republica, credito para o qual não se tem realmente appellado em demasia, como o incriminam em these, se elle, embóra mal applicado e indefeso pela desorientação das classes dirigentes, ainda assim é o nosso unico meio vitalisador, o

agente da nossa circulação, que, em extremo vagarósa, nos pode ameaçar com a estáse, côm a paralysia e a morte? Em que possa pesar aos detractores do nosso papel moeda, devemos delle ser ciósos e avaros, para que se não diminuam os recursos essenciaes para a nossa economia, já bem precaria, e promovamos o augmento da sua massa a bem da intensificação do viver social desta Republica, que precisa engrandecer-se, opulentar-se e melhor servir á humanidade, que prestes nella encontrará o melhor theatro para a lucta da vida, o paiz onde os trabalhadores honestos e intelligentes possam fazer bons peculios e até fortunas de vulto com alguns annos de labor fecundo, desenvolvendo actividades licitas. »

XVI

Paul Leroy Beaulieu, um adversario declarado dos paizes, onde circula o papel moeda inconversivel ou de curso forçado, aos quaes denominou nações de *finanças avariadas*; elle que é membro do Instituto de França, professor emerito da cadeira de Sciencias Economicas no Collegio de França, fundador e principal redactôr do «Economiste Français»; elle, o maior economista do seculo, não poderia deixar de dizer a verdade inteira sobre os assumptos de credito publico, como o fez na sua grande obra em 4 volumes — Tratado de Economia Politica, muito embora, como advogado de grandes capitalistas, de ricas emprezas ou syndicatos, que tinham negocios no Brasil, houvesse por vezes dado conselhos ou avançado proposições de modo sybilino e que

não se coadunavam bem com a lição luminosa, exarada no seu grande tratado, com relação ao caso brasileiro.

E' assim que o grande sabio pontifica no 4.º volume de sua preciosa obra que um paiz pode perfeitamente dispensar-se de ter em sua circulação metaes preciosos amoedados, servir-se apenas de uma moeda de credito, papel portanto, sem que por isso se sacrifique o mechanismo de suas importações e exportações, e seja affectado com prejuizo nacional o respectivo balanço de pagamentos no exterior. E' exacto que elle admitte isso só em theoria.

Mas tambem é facto que esse é o caso do Brasil, que se pode dizer, á justa, só se serve da moeda papel na sua circulação, a qual, se ainda não nos presta todos os relevantes serviços que seria para desejar no mechanismo das nossas importações e exportações, é unicamente porque o papel moeda, como já por vezes temos affirmado, não existe entre nós em quantidade sufficiente nem é defendido, como expressão do credito publico, garantindo-se lhe a bôa cambiagem, pelo empenho, na sustentação do seu valor nominativo, de valores commerciaes de producção indigena, que se vendam livre e honestamente pelo mundo e trocados por ouro possam pagar as cambiaes que o papel moeda compra.

Paul Leroy Beaulieu faz depender apenas de duas condições a realização do phenomeno importante do equilibrio economico e financeiro dos paizes de papel moeda. A primeira é que nenhuma emissão se faça sem a publicidade, de modo que sempre fique bem constatada a quantidade

de numerario circulante, conseguintemente condemnando-se sem remissão as emissões clandestinas, expediente illicito a que aliás só recorrem os governos pouco escrupulosos, deshonestos e peculatarios.

A segunda é que a massa de papel moeda não exceda relativamente á população a medida das necessidades, o que póde representar-se por um coefficiente capital de 200 francos, unidade monetaria de que o venerando sabio se utilisou em seus calculos e previsões de consummado economista.

E, ainda mais, que a cada augmento da população, verificado depois de cada quinquennio, corresponda um augmento da massa de papel moeda proporcional, observado o coefficiente por cabeça alludido, que traduzido em moeda brasileira jamais tivemos nem temos, quer em situações cambiaes baixas quer quando o cambio esteve ao par, pouco acima ou abaixo, o que nos prova exuberantemente que sempre temos vivido no regimen do paradoxo economico e do absurdo financeiro; só podendo sair desta injuncção de circumstancias desfavoraveis para a estabilidade dos nossos valores e o conforto da vida collectiva emittindo mais e melhor, afim de que a legitima defesa da Republica se opere efficazmente por todos os meios aconselhados pela sciencia e pela politica experimental das nações adiantadas.

Portanto, até o proprio Paul Leroy Beaulieu que tantas e tantas vezes nos aconselhou, como advogado de banqueiros e ricos figurões do alto commercio, para não emittir mais papel moeda, e chegou mesmo a indicar como necessaria a medi-

da inepta e absurda da incineração de parte do nosso papel, quando teve de tratar do assumpto, apenas como scientista, foi forçado em homenagem á verdade a contradizer-se e a asseverar que o mal não está nas emissões e sim no modo pelo qual se effectuam e vivem como agentes da circulação. Está pois o anti-emissionismo systhematico reduzido á misera condição de *pechisbeque*, quando pretendia ser ouro de lei.

Para poupar trabalho e tempo, na prosecução da defesa do credito publico interno, traduzido por grande emissão de moeda papel, organisando-se parallelamente a potencia commercialista da Republica, passamos a transcrever o que já dissemos a respeito nos «Brados Libertarios» publicação nossa de 1908 que ainda tem actualidade e a que já nos referimos no artigo anterior.

«A alguns dos adversarios do papel moeda, por certo os mais bem intencionados, lhes parece não preencher á justa o nosso meio circulante a funcção de moeda corrente, porque existe concomittantemente o curso forçado, a inquinal-o de vicio, a não querer garantil-o com um lastro de metal precioso, de cujo valor real fosse elle um positivo expoente

Clamam por causa da falta do lastro, que hoje, para o nosso caso, não pode deixar de ser julgado um verdadeiro estafermo, que não exerceria mais do que uma simples acção catalytica. O papel que o representasse é que operaria todas as transacções commerciaes de que tivessemos necessidade; seria elle sómente quem haveria de promover maiores e melhores effeitos de producção agricola e das diversas industrias nacio-

naes, para que *pari-passu* fossem tambem augmentando as operações d'um optimo commercio livre, fertilimo em resultados seguros, com que anno a anno se fosse enriquecendo o patrimonio nacional.

Que importa, pois, a falta d'um lastro aureo, se ao numerario papel o governo da Republica na ordem politica assignala o poder acquisitivo e liberatorio, como tem a moeda metallica, e na ordem economica e commercial tem elle o condão de fazer mobilisar para fim mercante e apuração de valores positivos as preciosas mercadorias brasileiras—café, borracha, cacáu, assucar, ipeca, fumo, monasite, mate, manganez e muitas outras que seria fastidioso citar, convertendo-as em montes e montes de milhões esterlinos, mais que sufficientes para pagar-se toda a despeza de nossas importações e até a divida externa do Brasil no decurso de uns oito a dez annos.

Desde que o papel moeda não seja dado de presente aos filhotes da Republica; desde que não sirva mais, como infelizmente já serviu, para effeito de pura jogatina, para nos envolver num ambiente mephytico de industrialismo falso e phantasmagorico progresso, como nos tempos do Provisorio em plena quadra da febre de Bolsa; nosso numerario bem applicado, como signo de credito, e honestamente defendido por actos de commercio, está garantido pelo valor aureo das mercadorias — *optimos capitaes* — que elle deslocará das mãos inhabeis dos fazendeiros para mãos mais dextras e fortes, capazes de desenvolver-lhes a boa expansão mercantil que lhes tem faltado, na severa accepção desses termos. Fica assim

sendo o papel-moeda o reflector fiel de todos os valores em ser das nossas mercadorias, que se venderão a ouro no extrangeiro, e por tanto o melhor dos lastros imaginaveis. Essa cousa de *lastros* é afinal uma invencionice, de que se lembraram os exploradores agiotas que têm tido o Brasil, para que melhor o tenham sob o seu potente guante de monopolismo commercial, pois bem sabem que ora nós não temos ouro amoedado ou em barra na quantidade necessaria para converter já o nosso meio circulante, de curso forçado, em papel conversivel á vista e ao par. Que façamos a grande emissão sem o decantado e apregoadissimo lastro, é cousa que em absoluto não lhes convem, pois seria o unico meio redemptôr da grande Nação, que se está prestando ao pequeno papel de trabalhar para outrem.

Eis porque não se cançam as revistas economicas e financeiras da Europa de aconselhar-nos a quietude absoluta, esperando do tempo a cura do nosso morbus, e, com relação á ideia emissionista, nos ameaçando com o *papão-cambio*, baixar cada vez mais, (não sabemos como não dizem a zero) e deixando entrever umas outras ameaças, mais serias do que esta, a possibilidade de demonstrações armadas em perspectiva de guerra, o que precisamos repellir por todos os meios porquanto é um insulto, um attentado á nossa patria livre cuja soberania não querem respeitar. Lastro, lastro para emissões no Brasil!! Velharia desprezivel, que nem merece as honras duma discussão por parte de brasileiros cultos, attentas as condições especiaes do nosso caso economico, sem par no mundo!

De que lastro precisou a França em 1905, para pôr em circulação 1 bilhão e 800 milhões de francos? De nenhum. Serviu-se do curso forçado, que apenas era amparado por sua potencia extraordinaria de producção a exportar. Pois bem, essa massa enorme de papel francez, cerca de 1 milhão e 200 mil contos de nossa moeda, veio para a franca circulação e o cambio francez em Londres, em vez de peiorar, melhorou! A libra esterlina, que valia 25 francos e 25 centesimos, passou a valer logo 25 francos e 20 centesimos, e, presentemente, depois que, durante 3 annos, tem agido tamanha quantidade de moeda, apenas de *credito*, o cambio ainda tem estado melhor, e a libra esterlina vale agora 25 francos e 13 ou pouco mais centesimos.

Muitos dos nossos governantes podem ignorar esse acto do governo francez; nós, porém, não o ignoramos, e indicamol-o como um modelo a seguir».

XVII

Em abono do nosso malsinado papel moeda, que d'ora avante precisa de levar vida melhor, não mais offerecendo os nossos estadistas o triste espectaculo da sua inopia e inepcia, revelando-se medrósos para todas as iniciativas que certamente nos aproveitariam; fugindo por medo a papões de appellar com firmeza para o credito interno, que solidamente seria amparado pela nossa extraordinaria riqueza exportavel, medo tão pueril como o do idiota que se receia da propria sombra; additemos ainda uns periodos dos nossos

«Brados Libertarios», em que se citam factos experimentaes da politica das nações fórtes e de grande expansão commercial, vindo corôar de completo exito a excellente, a sábia, a indispensavel doutrina que advogamos para o caso nacional.

« Paiz opulento que marcha na vanguarda da civilisação latina, a França em 1905 não hesitou de appellar para o curso forçado em tão avultada quantia, quasi dois bilhões de francos.

Sem a minima preoccupação do lastro, para com urgencia salvar-se de apuros financeiros e sanar difficuldades economicas do Banco do Estado, confiantes estavam o governo e o povo no bom exito da medida governamental, como os factos vieram a comprovar, tal a riqueza exportavel do paiz, que por actos de commercio permittiria a sustentação de bom cambio e conseguintemente a defesa da emissão que seria completa. Para este commettimento, arrojado na apparencia, mas de facto expediente sabio e momentoso, não pesou no animo do vidente e illustre governo da Republica Franceza a recordação do que occorrêra á poderosa nação de 1789 a 1794, quando foram feitas as emissões dos assignados, na importancia de 6 bilhões que aliás tinham lastro, não de metal precioso mas territorial, pois esses titulos gosavam de garantia hypothecaria de todos os bens immoveis do clero e dos emigrados, confiscados pelos governos de então.

Elles perderam de seu valor em 1794 cerca de 78 %, depreciando-se ainda mais; e em 1796 quando para salvar-se o paiz de intensa crise o Directorio foi obrigado a emittir 2 bilhões e 400

milhões de titulos promissorios de terras, avaliadas em 3 bilhões e 785 milhões, em Julho desse mesmo anno o bilhete representativo de 100 libras nem mesmo 5 centesimos da libra valia. E' que não obstante tão dolorosa experiencia da faculdade soberana de emittir moeda fiduciaria, bem natural de succeder naquelles tempos de agitação revolucionaria e de guerra externa, pela quasi completa desorganisação do trabalho e fraqueza do seu commercio, em via de positiva inhibição, os estadistas francezes se lembravam bem de que a partir de 1848 até 1850, havendo sido suspenso o pagamento dos bilhetes fiduciarios em especies metallicas, imperando portanto o curso forçado, a depreciação dos mesmos não fôra de mais de 3 °/₀, evento auspicicioso, que bem faria prever o grau de prosperidade economica a que attingiu a França moderna, que só da sua variada e rica producção, seu extensivo commercio e seu poderoso credito interno se vale triumphantemente para extinguir crises, por maiores que sejam.

A Inglaterra esteve tambem sob o regimen do curso forçado desde 26 de Fevereiro de 1796 a 1822 por força de decreto official que determinou a suspensão do pagamento em ouro e prata, e até 1826 o resgate regular do papel moeda ainda abusivamente não era feito; e sem embargo da depreciação dos bilhetes que ultrapassou a cifra de 25 °/₀ os Inglezes por este expediente fecundo puderam formar grande exercito, conservar e desenvolver as suas colonias, adquirir mais possessões, engrandecer o seu poder naval, para o commercio e a guerra, constituin-

do-se a soberana de todos os mares, resistindo efficazmente á tentativa do bloqueio continental, intentada pelo genial Corso Bonaparte, finalmente inflingindo-lhe a immorredoura lição de Waterloo, que deve servir de escarmento a todos os ambiciosos de conquistas, a todos os inimigos declarados da paz e da solidariedade entre os homens, pelo desprezo dos principios da liberdade politica e equidade social.

E' facto que na Inglaterra dominou e ainda domina a idéa de assegurar com um lastro metallico a circulação estavel do papel moeda; mas este lastro tem variado tanto de quantidade, em relação ao papel emittido, havendo os bancos de emissão da Escossia, estabelecimentos que sempre foram bem administrados e prestaram relevantes serviços, chegado mesmo a emittir sob a base de 10 %, que é licito tirar-se a conclusão de que para paizes, como a Inglaterra, a França e outros, muito productivos e dotados de magnificos apparelhos e institutos de defesa commercial, o lastro é uma cousa desnecessaria, visto que a conversibilidade do papel moeda está garantida pelas permutas constantes e pela acquisição diuturna de ouro, d'ellas oriunda.

Os Americanos do Norte na sua febre intensa de emittir, durante tantos annos, com o fito patriotico de povoar o solo da vasta Republica, de enriquecel-a, dando-lhe desenvolvimento extraordinario de producção e de commercio, o que determinou o surto rapido de uma potencia de primeira classe no Novo-Mundo, com grande assombro das nações da Europa, pouca importancia deram á doutrina da necessidade de um grande

lastro para realisarem as suas emissões, e chegaram a emittir sob garantia, mais nominal que real, de 33 °/₀ de ouro em seguida de 25 °/₀, de de 20 °/₀, de 15 °/₀, de 10 °/₀ e até de 5 °/₀, e depois substituiram o ouro pela prata, como a base de emissões, cuja proporção attingiu por seu turno ao infimo limite de 5 °/₀, tratando-se de metal tão depreciado com relação ao valor comparativo, que tem em face do ouro, que é a mercadoria universal. »

A victoria dos norte-americanos, como o remate de seus lucidos expedientes financeiros, é um facto que bem demonstra ser a riqueza movel das nações o melhor lastro para as suas emissões de papel moeda.

Mais um argumento frisante milita em prol da refórma do systhema financeiro do Brasil pela maneira por nós indicada,—uma grande emissão de curso forçado que reconstitua a ordem economica do paiz, convertendo-o em potencia commercial, para o aproveitamento dos nossos valores, desperdiçados pela lesão enorme que soffremos em todos os negocios, quer quando vendemos, quer quando compramos.

Este argumento nos é offerecido pela Italia, que após a gloriosa campanha unificadora, tendo o seu termo heroico com a jornada de 20 de Setembro de 1870, que lhe grangeou a cidade de Roma, erecta logo capital do novo Reino, estava no auge de difficuldades economicas para conservar a unidade italiana, tão difficilmente obtida. A crise era intensissima : os campos haviam sido talados pela guerra, o trabalho em toda a parte se desorganizára, as officinas e fabricas pa-

radas, os dinheiros de uns Estados não tendo curso em outros, uma diminuição notavel dos recursos para a vida notando-se por toda a parte; e a esse viver angustioso succedeu uma phase de revivescencia, de prosperidade e progressos ininterruptos até os nossos dias, em que a Italia está gosando os beneficios do mais aperfeiçoado regimen industrial e do alto galardão de nação fórte e adiantadissima pela cultura das sciencias e das artes, desenvolvimento amplo de sua navegação e actividade mercantil, tudo graças ás emissões de Quintino Sella e aos outros expedientes, de que lançou mão firme o governo italiano em varias épocas e que constituiram os meios complementares da grande reforma.

Se no Brasil houvesse mais civismo e menos inercia por parte do povo e mais dedicação nas classes dirigentes para bem norteiar-se a politica nacional, servindo-se ao ideal sagrado de conduzir-se o Brazil ao glorioso destino de nação maritima, rica de producção e de marinha mercante, já teriamos, desde que se proclamou a Republica, a grande refórma que propugnamos, funccionando como lei vigente na Patria, e a crise, que tanto nos acabrunha, nem talvez se tivesse feito sentir.

Se ainda a temos, se estamos na imminencia de grandes perdas, maiores do que as que já experimentamos dolorosamente e com resignação até hoje, responsabilisemos por essas desgraças os governos imprevidentes e aferrados á rotina, parecendo medrosos dos canhões extrangeiros, que se têm succedido na calamitósa época. Mais

civismo, mais coragem por amor da autonomia nacional e mãos á obra!

Está ao nosso alcance de povo livre fazer a Reforma e com ella alcançarmos triumphos e glorias, no momento em que a Nação o entender em sua soberania, disposta a todas as reacções legitimas a que seja forçada por amor á independencia e para a defesa de sua integridade, »

XVIII

Aos muitos factos auspiciósos, outros tantos riquissimos ensinamentos da politica experimental dos póvos cultos, que temos trazido á baila, embóra em rapido bosquejo, para comprovar a necessidade indeclinavel de iniciarmos *vida nova* no Brasil, explorando melhor nossas riquezas á custa da implantação, *si et in quantum*, d'um regimen de credito interno, melhor utilisado para fins de producção e de commercio livre e nacionalisado, portanto inquebrantavelmente defensavel com as nossas unicas forças economicas; poderiamos ainda adduzir os casos da Allemanha moderna e do Japão, que se valeram habilmente do seu credito interno, para se constituirem na situação feliz de potencias de primeira classe e de poderosa influencia mundial.

Mas como pretendemos mais adiante a elles nos referir, desenvolvendo pormenóres quanto aos expedientes fecundos de que lançaram mão essas grandes nações para alcançarem tão prodigioso resultado, por emquanto nos limitando á simples referencia feita, entremos desde já na explanação do plano salvador da economia e fi-

nanças desta sacrificada Republica, que ao fim de tantos tormentos, de levar uma vida enfesada de anemica e rachitica, lhe coube por extrema desdita ser governada por um quasi analphabeto em politica, por um homem que apenas apresenta como linha directriz dos seus actos e esforços na curul presidencial a *bôa vontade* de satisfazer caprichos tolos, paixões deprimentes e apetites gulosos, proprios e da camarilha que o cerca, e que, se chamando Hermes, por força de rima quer reduzir o paiz a *vermes.*

Desenvolvamos agora o plano salvador, que aliás não passa d'uma applicação logica dos processos e expedientes, a que recorreram illustres e poderosas nações, ao caso peculiar da economia nacional, cujo quantitativo de valor real é enorme, mas que em nada nos aproveita, por causa da nefasta politicagem que nos tem avassalado, pouca ou nenhuma importancia lhe ligando, deixando-se arrastar por perfidas suggestões de extranhos que objectivam apenas quantiósos lucros nas suas negociatas com o Brasil, sacrificado nos seus interesses mais vultuósos, verdadeiramente vitaes, quasi reduzido á immobilidade para effeitos de progresso, por carencia dos meios de expandir a sua actividade economica e commercial.

De facto, no Brasil não havendo dinheiro sufficiente na circulação, nem bastantes institutos de credito, esparsos pelas diversas circumscripções politicas do paiz, que ao dinheiro podessem auxiliar com os seus succedaneos naturaes, os diversos signos representativos de valores pecuniarios, com que cada vez mais se fizesse a intensificação da producção e das permutas correlativas, para a

sua vitalidade e prosperidade, ha urgencia absoluta de preencher essa lamentavel lacuna, que estadistas sabios e patriotas ha muito tempo deveriam ter feito desapparecer do seio d'essa nação de botocudos de casaca, que precisa civilisar-se, impondo-se á estima e ao respeito da humanidade.

Um grande Banco Nacional, dotado de certos attributos preciósos, resolve cabalmente a questão.

Trate-se quanto antes de rêpor a ordem constitucional, seja por que meio fôr, custe embóra rios de sangue; eleja o povo brasileiro um presidente digno, competente, laborioso, patriota, de lucidez comprovada em materias de alta politica, capaz de prever e de prover, com vista larga e penetrante, animado de forte e indestructivel vontade de servir ao povo, seja esse grande homem o verdadeiro Chefe da Nação, cujos 25 milhões de peitos e braços, confiantes, construam inexpugnaveis muralhas e baterias de guerra em sua defesa contra o elemento extranho usurpador; e não ha necessidade de outra cousa senão de crear logo o governo da Republica um poderoso instituto de credito, que se destine por um lado a organizar no paiz completa defesa do seu credito interno, a que vai recorrer desde logo até ao limite de 2 milhões e meio a 3 milhões de contos de réis, que serão emittidos á medida das necessidades da expansão nacional, e por outro a fomentar a producção, melhorando-a e ampliando-a, e, o que mais importa, assentando sem demora, na solida base da nacionalisação dos nossos principaes productos, a potencia mercantil do paiz, que d'ahi por diante se inscreverá no rol das nações maritimas e

commerciaes de primeira classe, e que em breve decurso poderá gozar dos beneficios da circulação aurea.

O grande Banco para desenvolver-se e entrar logo em suas funcções com liberdade de acção, sem gravames e obstaculos de especie alguma, desde o inicio de suas operações, precisa ser fundado com o capital de 250 mil contos, *ouro*, a 300 mil contos da mesma especie; não havendo inconveniente, pelo contrario, havendo positivas vantagens de que esse grande capital de fundação possa ser constituido com 60 % de ouro nacional ou com residencia no paiz e 40 % de ouro de procedencia extrangeira, sem que por isso perca o Banco a caracteristica de Nacional e de, a certos respeitos, ser mesmo o Banco do Estado.

Parece á primeira vista ser difficil a obtenção de tão avultado capital, mormente a parte que o paiz tem de fornecer, mas isso não passa de uma apreciação erronea, o ouro necessario já estando domiciliado entre nós e, mais que fosse, ainda não nos atrapalharia na constituição do forte instituto de defesa da Republica; e quanto á parte fornecivel pelo capitalismo extrangeiro de fórma alguma essa nos poderá falhar, por quanto, hoje mais do que nunca, o Brasil conta um grande numero de amigos, capitalistas de outras nações, que o conhecem bem, em todos os seus ricos elementos de vida e de grandeza, e que de bom grado se associariam á vultuósa empreza brasileira, que naturalmente daria enormes lucros aos accionistas, objectivando com talento e pertinacia a salvaguarda e a apuração completa do valor justo de nossa riqueza movel,

explorando a utilisação da faculdade de emittir alguns milhões de contos neste sentido, e no de nacionalisar em monopolio legitimo o commercio das nossas mais preciosas mercadorias. Esses capitalistas não poderiam hesitar em dar esse passo, mesmo porque o ouro é cosmopolita, não tem patria e o que busca sempre é localisar-se onde mais renda póde colher por diversos empregos.

E não ha negar que o Brasil ainda é, e será por muito tempo, o mundo virgem e opulento, que póde favorecer aos seus exploradores intelligentes e habeis com fortunas colossaes.

Melhor applicação de ouro do que no Brasil para certos fins altamente reproductivos não ha no mundo.

Felizmente a nossa patria é a verdadeira Chanaan moderna

De ouro associado, sim, precisamos, de colonisação espontanea de ouro tambem, mas do que em absoluto não necessitamos é de ouro avaramente emprestado pelos judeus millionarios da Inglaterra e da Allemanha.

XIX

O Banco Emissôr Nacional, que se fundara com o capital de 250 mil a 300 mil contos, ouro, o que será arbitrado por prévio accôrdo entre o governo e os seus incorporadores, sob o influxo de computos estatisticos a consultar e que só nas regiões officiaes poderão hoje ser encontrados, terá por principaes attribuições as seguintes :

1ª. Emittirá á medida das necessidades, suggeridas pela defesa legitima commercial da Republica, escopo que objectiva alcançar, de modo definitivo e duradouro, cedulas representativas de valores pecuniarios de curso forçado mas que sejam cambiaveis ao par, isto é, a 27 pence por 1$000 rs. brazileiros, até a quantia de 2 e meio milhões de contos de reis ou de 3 milhões da mesma especie, conforme o capital aureo de fundação que fôr predeterminado.

2ª. Promoverá a troca do papel moeda inconversivel, com o curso legal até hoje na Republica, por cedulas de sua emissão em valor equivalente, durante um anno sem desconto algum ; e, passado esse periodo de tempo, com a observancia estricta da lei e ultimo regulamento em vigôr, preceituando sobre o recolhimento de notas da circulação, com os descontos gradualmente maiores, conforme o tempo decorrido além do prazo fatal de anno, até o recolhimento completo das notas inconversiveis ou quasi completo, pois que perderão de todo o seu valor pecuniario aquellas notas que se apresentarem á troca demaziado tarde, depois que se houver exgottado o prazo dos descontos gradualmente maiores.

3ª. Tratará o Banco, desde o começo de suas operações, de crear, além da sua secção de emissão e da de cambio das notas emittidas por letras cambiaes, destinadas a pagamentos no exterior, a sua secção commercial, isto é, grandes armazens de deposito das mercadorias nacionaes, café, borracha, mate, fumo e outras que lhe convenha comprar em blóco para auferir grandes lucros desde logo, como grande e unico intermediario

mercantil entre os productores brazileiros e o consumidor mundial.

Para esse fim especial creará tambem agencias no paiz onde julgar conveniente, e as mesmas e escriptorios de propaganda commercial em paizes extrangeiros, onde a observação e a experiencia dos negocios indicarem como necessario fazer, a bem do desempenho de sua complexa missão de regulador da circulação nacional, de melhor cambista da moeda papel e de orgão promotor da commercialização livre dos productos brazileiros, que naturalmente não achando em nossas praças melhor comprador, serão pelo Banco, erecto á altura de potencia capitalista inderrotavel, completamente reunidas para a posse exclusiva, visando os magnificos effeitos da nacionalização do commercio.

4ª. O Banco tratará de estabelecer previamente, de accordo com o governo, tabellas commerciaes com a especificação de typos bem catalogados das mercadorias, que se proponha desde logo comprar aos productores, cada typo com o seu preço de compra indicado, não podendo essas tabellas ser alteradas a simpres alvedrio dos directores do Banco e somente depois de consentimento expresso do governo, pois a fixação dos preços, e se fôr possivel o augmento gradual dos mesmos, é o ideal a que o Banco deve servir, para a remuneração equitativa dos productores do paiz, e para que se conjurem e sejam de todo attenuadas as possiveis crises commerciaes supervenientes, determinadas pela sancção da lei economica de offerta e procura, presuppostos compradores

e vendedores em condições da mais absoluta liberdade de acção.

5ª. O Banco cuidará com a maior brevidade de organizar a sua frota mercante, destinada ao transporte de suas mercadorias para o exterior, e a trazer de regresso aos portos nacionaes as encommendas de artigos de producção extrangeira que lhe forem feitas por particulares, não podendo cobrar fretes arbitrarios, e sim mediante tabella de preços, preestabelecida de accôrdo com o governo.

6ª. O Banco tambem poderá cuidar de organizar emprezas proprias para a exploração da industria extractiva no paiz, de ouro, prata, platina, mercurio, ferro, manganez e pedras preciosas, assim como de outras industrias cuja exploração seja conveniente por viavel sob o ponto de vista commercial, garantindo-lhe boa quota de lucros.

Definidas em ligeira sinthese as attribuições do grande Banco Emissor Nacional, passemos agora a mencionar os requisitos a que tem de obedecer, afim de utilisar-se da faculdade de emittir tamanha quantidade de papel moeda com o curso legal.

O Governo da Republica concedendo ao Banco os importantes favores especiaes, que acabamos de assignalar, só o faz no decidido empenho de regularisar a nossa situação monetaria, de consolidar-se a ordem economica e de promover-se a defesa commercial do paiz, para que sejam possiveis successivamente as expansões de progresso do Brasil, no campo do commercio, da industria, das artes e sciencias, e, sobretudo, para que, o mais cedo

que se possa, fique livre o paiz das injuncções do curso forçado, que é sempre um regimen oppressor.

Para isso, o governo de commum accordo com os incorporadores do Banco, firmará um quantitativo de imposto a ser por este pago, com o fim especial de ser applicado ao serviço de fiscalisação activa do emprego das cedulas da grande emissão, quer exercida sobre a casa matriz, quer sobre as filiaes, nos Estados, afim de que nenhuma quantia seja gasta senão em compras commerciaes ou dispendida em montagems de emprezas utilimas e conseguintemente com um emprego reproductivo.

Além disto, o governo intimará ao Banco, cuja escripturação deve sempre estar em dia e sujeita á inspecção official, de fazer recolher em ouro aos cofres do Thesouro Nacional em todos os fins de annos commerciaes, a quota de 20 °/₀ ouro, dos avultados lucros advindos da utilização da faculdade emissora, quota essa que é propriedade legitima do Banco e que ao fim de alguns annos constituirá enorme *stock aureo*, capaz de converter ao par e á vista toda a emissão realizada.

O Governo então devolverá ao Banco esse *stock*, e por decreto ordenará a conversibilidade franca ao par das cedulas bancarias, só podendo, dahi por diante, o Banco emittir depois de consulta e approvação do governo, quando prove a existencia real de *stock* aureo a maior, que o habilite a fazer a emissão com a base firme de 27 pence por 1$000 brasileiros.

Eis o que se pode dar, sem optimismo exagerado, dentro de dois ou, quando muito, de 3 quinquennios, e que vem a ser de facto o estabele-

cimento da circulação metallica no paiz, obtida sem abálos, sem convulsões, sem brusco periodo transitivo, sem prejuizos internacionaes, elevando-se cada vez mais o Brasil no conceito das outras nações.

XX

A viabilidade do plano salvador da economia e finanças da Republica, elucidado nos precedentes artigos e que tem sido o nosso objectivo patriotico de propaganda, sustentada ha muitos annos pela tribuna popular e pela imprensa neutra, em diversos pontos do Estado de S. Paulo e do paiz, depende unicamente da organização de um serviço modelar de estatistica nacional, em que elle se deve solidamente apoiar; porquanto ás cégas, sem conhecer minuciosamente todos os elementos de vida do Brasil,. de presente e do que possa vir de proximo futuro, nenhum dos nossos estadistas, mesmo dentre os mais talentosos e competentes, se poderia abalançar a emprehender tão gigantesco plano de reformas.

E para que se consiga uma estatistica perfeita, escoimada de erros e lacunas, a unica que nos pode fornecer dados positivos e riquissimos ensinamentos e estimulos, será necessario que o Estado se disponha a gastar seja o que fôr, não se eximindo avaramente aos avultados dispendios, que, sem duvida alguma, acarretará o importante serviço publico num paiz como nosso, vastissimo, de 25 milhões esparsos em seu territorio, ainda servido por pessimas vias de communicação.

O governo brasileiro que tenha em vista, ao querer realizar o glorioso tentamen, o procedi-

mento sabio e exemplar da Republica dos Estados Unidos do Norte America que, ao sair victoriosa da guerra da Hespanha, querendo estabelecer na ilha de Cuba um protectorado commercial, firmado em solida base, não trepidou de pagar aos agentes principaes e demais funccionarios estatisticos, de todas as provincias cubanas, enormes ordenados, levando o seu escrupulo ao ponto de preferir systhematicamente para esses encargos os naturaes do paiz, empregando até as mulheres, não se importando de dispender, como effectivamente dispendeu, a elevada somma de mil e duzentos contos da nossa moeda para perfeitamente ficar conhecendo o pequeno paiz, com o qual iria entrar em relações mais intimas do commercio. E Cuba é uma ilha, e os seus habitantes quando muito se contam por um milhão e poucas centenas de milhares!

D'ahi se infira naturalmente quanto será preciso gastar com um bom e impeccavel serviço estatistico do colosso brasileiro.

E não nos detenhamos deante de cifras, por maiores que sejam, para alcançarmos o supremo beneficio de ficarmos sabendo realmente quantos somos e quaes as riquezas que possuimos, com cujos valores poderemos logo contar, como base de credito real para uma grande emissão, instrumento capital das reformas de que necessita a Republica para o seu progresso indefinido. Temos esbanjado tanto dinheiro publico que é preciso um dia ter o criterio de gastar muito, mas com o proposito deliberado de organisar e pôr em boas condições de custeio normal e immediata

utilização um serviço publico imprescindivel e de valia inestimavel, tão grande é.

E, conseguindo isso, o Brasil não precisa do auxilio de emprestimos do extrangeiro para se desenvolver e prosperar.

Valer-se-á da prata de casa.

O plano de reformas que engendramos para o nosso caso especialissimo naturalmente determinará a sua impugnação prompta da parte dos nossos politicantes, que se presumem entendidos, e alguns até luzeiros, nos assumptos de sciencia economica e financeira,

Utopistas são chamados, e como taes apodados e repellidos, todos aquelles que entre nós se atrevem á insurreição contra os postulados erroneos, as injustas sentenças e os absurdos actos da sciencia official, falha, superficialissima, que apenas tem sabido accumular desgraças em nossa nossa patria, compromettendo-a com enormes dividas, gravando enormemente a vida das futuras gerações. E o nosso charlatanismo politico, baldo de verdadeira sciencia e de sã logica, escudando-se no mendaz proloquio — *post hoc, érgo propter hoc*, de prompto fulmina com a excommunhão maior a quem quer que se afoite, como nós, a propor uma grande emissão, como a medida fundamental de reformas habeis e necessarias no apparelho das nossas finanças, acoimando-o de malvado vesanico da peior especie, capaz, se fosse attendido, de determinar os mais graves males publicos, o descredito, a desorganização e a ruina consummada da Republica.

Esses ineptos e maus juizes proferem semelhantes sentenças, injustas e disparatadas, aliás accor-

des com o sancto e a senha do Olympo Plutocratico em que se converteu o governo republicano brasileiro, pelo motivo apenas de que já temos tido no paiz muitas emissões de papel moeda e o seu resultado foi pessimo. — Podera não! Se os signos de credito publico sempre foram entregues á voragem da especulação baixista, que outra sorte poderiam ter? As bullas do nosso pontificado politiqueiro em tal assumpto poderiam armar ao effeito no grosso da população brasileira, que facilmente se imbuiria de que era acertada a condemnação do papel moeda, por não se entregar a grandes meditações nem a estudos minuciosos sobre a materia, arraigando-se-lhe afinal, como um artigo de fé, a crença falsa de que no papel é que está o mal e não na inhabil utilisação que d'elle até agora temos feito.

E tem sido assim, burlando por completo a opinião publica, que os cerebrinos doutores das nossas finanças vão contribuindo para a permanencia e a aggravação de todas as difficuldades economicas com que lucta o povo brasileiro, que não mais cogita de adquirir pelo trabalho o superfluo, para arrimo da prole no futuro e amparo para a velhice ou uma invalidez eventual, já se contenta apenas com a renda estrictamente necessaria para viver, isso mesmo obtido em porfiada labuta, em constante agitação, com frequentes desfallecimentos, desanimo quasi absoluto, derramando prantos, curtindo as maiores amarguras.

Essa patarata da sciencia official, porém, é facilmente desmascaravel pela propria interpretação logica dos factos e pelos dictames da Economica, sciencia que por fortuna do Brasil e dos

Brasileiros já é possuida por um valente escol de cidadãos intellectuaes de nosso meio patricio.

XXI

Allegar-se que as emissões no paiz foram sempre seguidas da desvalorisação da moeda, e argumentar-se sómente com esse funesto resultado para repudiar-se *in limine* toda e qualquer tentativa de emissão, seja como fôr, eis o erro grave e criminoso, desde que é praticado com tanta reincidencia.

Porque o papel das emissões não havia de soffrer depreciação no seu valor, se elle nunca tendo tido valor real e apenas nominativo ou fiduciario, nada, nada absolutamente nada, jamais se tentou para defender-se esse valor de puro credito publico, o que ninguem efficazmente poderia conseguir, senão empenhando effeitos de trabalho, tarefa julgada de luxo superfluo, a que nunca se entregaram os nossos estadistas, visto que em época alguma emprehenderam e praticaram a verdadeira politica economica, de defesa plena do trabalho nacional pela de seus fructos? Como não se havia de deplorar a *debacle* de todos os valores brasileiros, se nos abstivemos da defesa do nosso magro papel moeda, perfeitamente empolgavel pelo capitalismo açambarcador e baixista, que não cahiria na asneira de não captural-o com um cambio commodo, pois quem pode o mais pode o menos? E quem já pegava a mercadoria nas malhas da rêde do baixismo ha-

veria de poupar o papel, tão necessario aos seus botes de agiotagem commercial? Como não registrar o fracasso se nada se fez senão gastar papel moeda em prol de papel moeda, empregando mais papel para a compra de cambiaes pela carteira do Banco da Republica, isto é, desperdiçando rendas publicas e deixando o infeliz papel de credito publico na mesma situação de abandono e de vida aos azares da sorte?

O mau resultado tinha de ser fatal; o papel havia de seguir a mesma via dolorosa das mercadorias nacionaes, cahiria em captiveiro.

Não são especulações, jogatinas, expedientes mais ou menos momentosos que defendem o credito d'um paiz. O credito, quer individual, quer collectivo, só é mantido e defendido com a producção advinda do individuo ou da nação.

E se ao papel moeda, d'ora ávante assegurarmos uma base de credito real, resultante do commercio nacionalizado de nossas mercadorias, mais valiosas e soberanamente mercantis, não haverá perigo de depreciar-se nunca, pois seremos nós os brasileiros os melhores cambistas da nossa moeda e, portanto, interessados em manter-lhe o valor nominal, como habil instrumento de acquisição de ouro, por diuturnas conquistas em actos de commercio livre pelo mundo afóra.

O papel, neste caso, é a expressão concreta d'um credito perfeito, é o seu symbolo, portanto acceitavel por todos e desempenhando a funcção social do dinheiro como a moeda metallica; e para que se não julgue apenas conjectural essa concepção do credito, e se não pense ser esta

opinião fantasista, vamos nos apadrinhar com as palavras sábias que se seguem, devidas ao culto intellecto, á penna illustre e fecunda de Paul Leroy Beaulieu, auctoridade irrecusavel:

« On prête, en dehòrs des objects certains, des capitaux.

Qu'est'ce qu'un capital? La definition economique habituelle est que les capitaux sont des produits que servent ou peuvent servir à une production ulterieure. C'est bien là ce que l'on prête; ce sont des marchandises réelles. Toute marchandise peut être emploiée *comme capital*, c'est à dire soit directement, soit indirectement, par voie de substitution ou d'echange peut être consacrée à la production. Tout credit que n'a pas cet effet et cet object est une deception. Ce que induit en erreur, c'est la quasi immaterialité de l'acte de credit; il contient le plus souvent aussi peu de matière que possible; un morceau de papier avec quelques chiffres et quelques lignes, une simple ecriture sur le livre d'un banquier; mais cette quasi immaterialité n'est que la forme du credit; le fond est parfaitement materiel et substantiel. S'il ne se rencontre pas cette chose substantielle et materielle il n'y a pas que l'ombre du credit, le nom de credit, la forme de credit, non la chose, nom le credit même. » Pag. 370.—Tomo 3. Tratado de Economia Politica. Edit 1904.

Concluirá o leitor comnosco, á vista desta preciosa citação e dos outros argumentos expendidos, que tão sómente no regimen anormal da sombra de credito é que temos vivido, e jamais no de credito perfeito, capaz de alimentar situações

economicas normaes e de promover a prosperidade d'uma nação, como o Brasil, que de nada precisa para engrandecer-se e opulentar-se, senão do aproveitamento habil e intelligente de suas innumeras riquezas, com a execução integral de reformas indeclinaveis, o que exige a operosidade de estadistas idoneos e condignos de sua ardua e patriotica missão.

XXII

Emquanto estivemos sob a vigencia do *funding-loan*, seria ainda plausivel, da parte de quem desconhecesse as clausulas desse convenio do Brasil com os seus credores inglezes, levantar contra o plano de reformas que propugnamos, a objecção de que o paiz por força do alludido convenio não poderia emittir, pois nisso estava empenhada a palavra do governo.

Mas quem lhe conhecesse bem as clausulas havia de chegar á noção positiva de que o paiz só se achava adstricto a essa inhibição durante os tres primeiros annos de vigencia do convenio, em que realmente viveu sob o regimen da moratoria, em que por cautela, dictada pela mais curial prudencia, os credores estipularam que nenhum emprestimo interno ou externo poderia ser contrahido.

Ora, sendo uma emissão um emprestimo interno, embora «sui generis,» estava de facto impedida. E essa prohibição era natural ser imposta a um devedor que, se fôra obrigádo a pedir moratoria por um certo debito, em peiores

condicções economicas ficaria com o seu debito augmentado.

Mas nos dez annos seguintes ao prazo da moratoria, em que o paiz ficou obrigado a pagamentos annuaes de quotas de amortização e juros dos emprestimos, nenhuma clausula do convenio positivamente o impedia de contrahir novos emprestimos internos ou externos, tanto que desses ultimos alguns se realizaram.

Se os emprestimos externos podéram ser feitos, a emissão tambem poderia ser decretada; não bastando para impedil-a a promessa feita ao sr. Rottschild, chefe do syndicato dos credores inglezes, pelo sr. Campos Salles ou por qualquer personagem de nossa politica, de que o Brasil durante o decennio alludido se absteria de emittir e até se obrigaria a restringir pela incineração de certas quantidades annualmente a massa do papel moeda inconversivel.

A Nação é que se não poderia comprometter em tal empenho, porquanto seria perder uma faculdade soberana a obediencia á essa imposição de extrangeiros, aliás não expressa em clausula alguma do convenio, e que se insurgia de facto contra dictames constitucionaes, pois entre as attribuições do Congresso Legislativo Nacional está exarada a de legislar sobre bancos de emissão.

Se intantilmente temos sido governados, queimando-se papel moeda todos os annos, e isso de modo vexatorio, na presença de directores e gerentes de bancos extrangeiros que devem certificar aos credores da Europa de que realmente nós incineramos certa quantidade de moeda papel;

se até agora não fizemos mais emissão alguma, tomando ao pé da letra o cumprimento da promessa ao ratificar-se o *funding-loan*, é tempo já de mudarmos de rumo, adoptando uma norma de conducta, que sem armar ao effeito da desconfiança nos habilite a promover a nossa reconstituição economica, e o plano que vimos desenvolvendo é o unico conjuncto de expedientes e processos de arte financeira, capaz de nos garantir tão auspicioso resultado, ao cabo de pouco tempo de vida nova.

E nem nos deve deter nesse caminho a Caixa de Conversão que, longe de ser um obstaculo ás reformas é um poderoso auxiliar. Ella domiciliou grande porção de ouro no paiz, que apenas terá de mudar-se das arcas da Caixa para os cofres fortes do Banco Emissôr, onde figurando de capital da fundação do mesmo, terá de receber bons dividendos das suas importantes operações commerciaes.

Quanto á parte dos depositos aureos da Caixa, pertencentes a extrangeiros, que entendam de fazel-os emigrar do paiz, essa, além de não ser vultuosa, pode emigrar á vontade, aliás de pleno concerto com a lei que creou a Caixa, sem que do facto resulte para nós inconveniente de monta.

Resta a cogitar do quantitativo approximado de vinte mil contos, de responsabilidade assumida pelo Thesouro Nacional, quando reformando o governo a Caixa de Conversão alterou a sua taxa que era de 15 pence por 1$000 para 16 pence, mas o proprio governo tem recursos para, em caso de necessidade maior, saldar essa res-

posabilidade, de fórma que a liquidação da Caixa não prejudique a um só dos portadores das notas conversiveis.

Com a substituição da Caixa de Conversão, tal qual funcciona, sempre oscillando na sua potencia emissora, ora mais ora menos emittindo, sem que esse phenomeno obedeça ao influxo do nosso meio economico de maneira exclusiva. influindo-lhe muito mais a confiança do capitalismo extrangeiro e a necessidade de fundos no Brasil para bons negocios; com a substituição desse fragil instituto pelo grande Banco Emissor, que será de facto melhor Caixa de Conversão do nosso meio circulante e que ao fim de poucos annos nos propiciará a circulação metalica, só temos os brasileiros a lucrar, consolidando-se a situação economica da Republica, melhorando as suas finanças, e o que mais é, provando solennemente ao mundo, de que somos um povo autonomo, honesto, trabalhador e capaz de iniciativas fecundas, não mais precisando do concurso extrangeiro na defeza de nossos legitimos interesses de vitalidade e progresso.

O povo brasileiro que, até então, tem sido victima de preconceitos fataes, e se tem conservado apathico e inerte, precisa delles destituir-se quanto antes e de convencer-se de que, melhor aprovisionado de recursos economicos, desenvolvendo a defesa commercial do paiz, cujos lucros d'ahi por diante lhe aproveitarão, está *ipso facto* habilitado e fortalecido a luctar contra a caterva dos intermediarios monopolistas do commercio internacional das suas principaes mercadorias, le-

vando-os de vencida e impedindo-lhes os manejos baixistas e para a preponderancia no mercado monetario, reduzindo-os á impotencia para baixar o cambio do papel maeda, assim como para conseguir o desiquilibrio dos nossos valores commerciaes.

O povo brasileiro que afinal se convença de que, tanto como os outros povos, elle pode desenvolver aptidões commerciaes: e assim como os inglezes, os norte-americanos, os francezes, os allemães, os italianos, os japonezes e outros povos lograram bom resultado de suas emissões, e depois de terem emittido á larga, elle tambem o pode fazer com toda a segurança de bom exito; é só desenvolver as actividades licitas e uteis, a que todos se têm dedicado.

O brasileiro é um homem como os outros; se fizermos o que os homens das grandes nações têm feito, se nos educarmos como elles se educaram, se nos entregarmos ao trabalho da maneira intelligente e habil com que elles costumam trabalhar, utilmente para si e para a humanidade, havemos de colher os mesmos fructos, as mesmas victorias que elles contam e com que cada vez mais se engrandecem.

O brasileiro, falsamente imbuido de sua inferioridade, fetichista do ouro extrangeiro cuja conquista apenas comprehende pelos emprestimos, carece de modificar se, tomando melhores habitos de operosidade, instruindo-se mais, theorica e praticamente, tendo mais confiança em si e nos fartos recursos naturaes de sua terra privilegiada, de inexgottaveis riquezas. Sobretudo precisa pelo

mundo mover-se, agitar-se, revelando sempre a firme ventade de ser livre, forte para as lides do trabalho como para os perigos da guerra, e na defesa do que é seu, não devendo temer senão a Deus, e a mais ninguem, pois só elle é que é o seu superior legitimo.

Querer é poder. Lance-se a grande emissão com a maxima ousadia e confiança, desenvolva-se d'ahi por diante actividade commercial, que o ouro facilmente será conquistado em permutas licitas, e até espontaneamente procurará as nossas plagas de preferencia a muitos outros paizes.

Com a moeda papel defenderemos bem os valores das nossas mercadorias, e com o producto destas em vendas normaes se sustentará a rigor o valor fiduciario das cedulas, que funccionarem na Republica, como moeda corrente, emquanto não podérmos entrar francamente no regimen monetario de valor intrinseco.

Ao fantasma da guerra externa, dictada pela cobiça de nações fortes, que entendam a todo o transe de impedir a independencia economica e a emancipação commercial do Brasil não liguemos maior importancia do que a que se deve ligar a uma eventualidade perigosa, mas remediavel.

A' essa guerra injusta opponhamos a guerra santa do patriotismo, do direito e da justiça, e fortes teremos finalmente de ser os vencedores.

Não será facil a quem quer que seja vencer 25 milhões de leões, em que se converterão os brasileiros, deante do inimigo invasor.

XXIII

Uma objecção se ha levantado contra qualquer plano de reformas libertarias e reconstituintes do Brasil e que infelizmente impera na maioria dos espiritos patricios. Saida por vezes da bocca de alguns dos nossos politicantes, mais em evidencia, com assentimento geral dos *pseudo*-pais da patria, ella se cifra, mal escudada em perfido opportunismo, em affirmar que o paiz é muito novo e conseguintemente as reformas radicaes para a obtenção de uma vida melhor sómente nos prejudicariam, e com isso buscam justificar a continuidade do *statu-quó*, que com as manobras infames da politicagem actual reduzem cada vez mais o Brasil, o grande Brasil, a um immenso feudo do capitalismo extrangeiro.

Urge pôr em terra esta mentira convencional, que já ganhou fóros de verdade inconcussa, afim de que o povo brasileiro não seja por mais tempo victima de semelhante perniciosa illusão.

O Brasil já não é tão novo como affirmam categoricamente os charlatães que exercem em nossa patria predominio politico; e esses falsos doutores, esses maus conselheiros que dão curso forçado a essa noção erronea, apenas têm conseguido como sua obra na gestão das cousas publicas a avaria de nossas finanças, a fallencia quasi completa de nossos institutos liberaes de governo, porque não têm cogitado e muito menos praticado a sã politica economica, que nos conduziria naturalmente a continuo engrandecimento e progresso, mas de cujo amplo desenvolvimento lhes poderia resultar a perda das posições officiaes que

tanto ambicionam conservar, para isso não se lhes dando de sacrificar tudo, até o caracter e o patriotismo.

O Brasil não é tão novo, como geralmente se pensa. Um paiz que se libertou da metropole portugueza em 7 de Setembro de 1822 e que após 67 annos desta data proclamou o regimen republicano federativo, que conta mais de quatro lustros de existencia, não é tão novo, como entidade politica soberana, como outras nações que politicamente se reconstituiram em muito menos tempo, mantendo-se cohesas e fortes, alcançando o logar de potencias de 1ª classe, gozando os foraes da mais requintada civilisação, como a Italia moderna que surgio em 1870 e o poderoso imperio da Allemanha que assomou ao mundo, assombrando-o com os seus feitos de valor, após o desastre de Sedan, a derrota completa da França, occorrida em 1871.

Não é o Brasil tão novo, como paiz civilisado, comparado ao Imperio Japonez que, apenas ha pouco mais de meio seculo, abandonou a sua situação de paiz semi-barbaro e procurou assimilar a civilisação européa, o que intelligentemente conseguiu graças a uma politica de reconstituição economica e de expansões progressistas, fortalecendo se em tão pouco tempo, a tal ponto, que hoje está na posição augusta de Inglaterra da Asia, já tendo ampliado o seu territorio por conquistas militares, com a acquisição da Formósa, esforçando-se para que dentro em breve lhe possa ser adjudicado o archipelago das Philippinas, e o que mais é, tendo podido abater o orgulho do colosso moscovita, em grande guerra, na qual se sus-

tentou como belligerante de valor irreductivel, diminuindo-lhe extraordinariamente a influencia politica no extremo oriente asiatico.

O Japão moderno, paiz hoje dotado, apezar dos seus frequentes cataclysmas naturaes, de todos os recursos da vida das grandes nações industriaes, que exercem poderosa acção mundial, é uma potencia naval respeitavel, é uma potencia commercial que, cada vez mais, dilata a sua esphera de actividade em todos os oceanos, e gastou nesta grandiosa transformação muito menos tempo que o Brasil conta de vida como paiz soberano.

Como é, pois, que o Brasil ainda é novo, para que nelle se possa operar tambem tão importantes refórmas, que o transformem em grande paiz commercial, em potencia de 1.ª classe, a hombrear em civilisação com as demais ? Não — Combatamos até o exterminio essa mentira, inventada pelo opportunismo anti-patriotico, que infelizmente tem sido o criterio ruinoso dos dirigentes desta patria, sobre a qual ainda pesa o anathema celebre do illustre sabio francez, Luiz Agassiz, que visitando o Brasil, ha mais de 50 annos, e notando o contraste de seus habitantes, em maioria atrazados, analphabetos, baldos de senso pratico da vida, sem a minima orientação economica, com as magnificencias e riquezas maravilhosas do vasto territorio nacional, não poude calar a forte impressão que isso lhe causava, e soltou do intimo d'alma essa justa sentença: No *Brasil* tudo é grande, menos o homem!

Quanto ao poderoso imperio da Allemanha, obra advinda de 1871, se houvesse ainda necessidade de provas irrecusaveis para ser reconheci-

do pelos estudiosos o seu pujante, extraordinario progresso, maximé realizado nesses ultimos 25 annos, em que se erigiu como formidavel potencia naval e militar, que todos admiram, demonstrando opulencia e crescente prosperidade, como nação mercantil e industrial, até hoje inegualada no mundo, attendendo-se ao curto espaço de tempo em que se operou a sua gloriosa reconstrucção; ensinamento robusto nos veio fornecer, ha quasi cinco annos, uma estatistica emanada da inspectoria official de immigração, repartição publica que os Estados Unidos mantêm com zelo e sem medir despezas na pequena ilha de Ellis, proxima de Nova-York.

Esse curioso documento foi dado á publicidade pela Liga de Boston, constituida com o fito de restringir, a immigração, a qual verificou que justamente o melhor elemento immigrantista para os E. Unidos, o allemão, era o que mais e mais ia escasseando, augmentando entretanto outros de menor valia para resolver-se o problema do povoamento e utilização economica de terras ainda incultas no interior da grande Republica.

Durante muitos annos era a Allemanha que maior quota de pessoal fornecia aos Estados Unidos, quando ainda a braços com a solução urgente do problema de seu povoamento.

De vinte annos mais ou menos áquella data, a porcentagem dos emigrantes e colonos allemães foi sensivel e gradualmente baixando em comparação com a massa de outras colonisações, a ponto de ser representada por numero diminuto.

Esse facto não só é bem significativo de que ha muito o progresso economico da Allemanha

já permitte assegurar excellentes condições de existencia na propria patria para centenas de milhares de homens validos, que se viam obrigados a abandonar a terra natal, valendo-se da valvula de equilibrio social — a emigração — indo para as Americas e alhures em grandes magótes, como tambem elle comprova de que estão sendo facilmente custeiadas pela Allemanha todas as despezas que possam acarretar as tentativas de povoamento de suas colonias sul-africanas, empenhado o governo allemão em leval-as a bom termo, com elementos germanicos genuinos e certo espirito de selecção. Os allemães foram cautos e prudentes nesses ultimos 25 annos, não se quizeram envolver em aventuras guerreiras, não se devendo considerar como uma manifestação de politica marcial a lucta armada que tiveram de sustentar contra os Herreros, afim de fazer vingar a ordem, a paz, a liberdade de trabalho e a prosperidade nas suas colonias da Africa.

Elles adoptaram uma politica interna e externa, toda defensiva e constructora, em ordem a exaltar a gloria do nome allemão e a demonstrar cabalmente ao mundo inteiro de que a culta e poderosa Allemanha não receia a guerra mas que almeja progredir na paz.

Na verdade, o desenvolvimento vertiginoso que têm tido o seu commercio e suas industrias revela que este sempre fôra o proposito deliberado do governo, o objectivo cardeal da previdente e sábia politica interna que desenvolveu sob os melhores auspicios — a confiança illimitada na fecundidade do trabalho dos seus compatriotas e na funcção social do credito, tão bem

organisado e nutrido por aquella grande nação, que distende a sua benefica e estimulante actividade por todas as circumscripções do vasto imperio, fazendo mais avolumar, de anno a anno a sua riqueza já hoje vultuosa.

Quando andavamos diligentemente em nossa propaganda de reformas para o paiz, pela tribuna e imprensa, ha cerca de 4 annos, pelas columnas do «Diario da Manhã», de Ribeirão Preto, sob o titulo «O progresso allemão» e com o pseudonymo de *Publio Varo*, publicámos um artigo, em que foram exarados os conceitos acima, quasi com as mesmas phrases e palavras, e o concluiamos da maneira seguinte, que ainda tem toda a actualidade :

« Esta politica sã, que seguiu e segue a Allemanha, cujos optimos resultados estamos a constatar sempre, não tem sido a adoptada, infelizmente, por nós brasileiros até agora, que preferimos a subserviencia ao capitalismo extrangeiro, senão inferivel de documentos officiaer, traduzido naturalmente dos factos, da realidade das cousas, que creou e alimenta essa situação de vida, tão sacrificada e vilipendiosa, em que, fôrça é confessar, representamos o papel de povo colonial, logrado em todos os negocios, explorado e esbulhado de mil maneiras, com uma soberania platonica, contestavel na ordem economica e commercial.

Porque não havemos de aprender algo com a lição que os allemães deram aos outros póvos, seus concorrentes no commercio e na industria? Mas qual ! Os nosos governos ainda não se imbuiram das necessidades reaes do paiz nem se querem dar a outro trabalho, senão o de cuidar

da obra partidaria, assegurar a sua existencia faustosa, ostentadôra de omnimodo poderio, impante de glorias, de estultas vaidades, pouco se incommodando com o desprestigio da Nação e o atrazo e pauperismo do povo, que crescem na razão directa do augmento da população.

E' tempo, ainda, dos poderes publicos seguirem fielmente uma orientação mais patriotica e prudente. A Nação não poderá dissolver-se em caso algum, aconteça o que acontecer.

O *fines patriæ* jamais será alcançado por adversarios, mesmo muito poderosos e colligados contra o Brasil; mas a justiça dos homens do povo, diz-nos a historia, é que não deixa nunca de vir a tempo nas quadras calamitosas, encarnando a Providencia Divina, e que deve ser temida pelos despotas e trahidores, incapazes de resistencia séria. »

Não podia ser mais calamitosa a vida no Brasil que na quadra actual, em que á crise ou antes á situação positiva de decadencia economica e de finanças avariadas se sotopoz a anarchia politica, quasi extincto o liberalismo do regimen pela implantação da mais desbragada e criminosa olygarchia militar e capitalista, exercida por uma facção do exercito e por alguns politicos civis, conjurados contra a patria republicana, verdadeira *societas sceleris* de aventureiros liberticidas. Mas para enfrental-os, e talvez muito em breve, para esmagar de vez o seu predominio no Brasil, estão ahi já constituidas as brilhantes e innumeras legiões do civilismo, partido forte, invencivel, composto de todas as classes laboriosas, que se orienta por principios, por idéas, por

patriotismo, e que tanto no terreno constitucional como no da acção revolucionaria, para onde fôr compellido, em defesa das nossas liberdades e da civilisação nacional, não pode deixar de ser o triumphador, sendo desde já o unico penhôr das esperanças da Patria afflicta e degradada.

XXIV

Ha uma necessidade absoluta de reformas importantes e tonificadoras no paiz.

A grande maioria dos cidadãos brasileiros que se convença afinal de que é preciso para reconstituir-se a patria, no sentido de fortalecel-a e dignifical-a, não procrastinar a grandiosa obra, com firmeza emprehendel-a e ultimal-a, dando-se sancção legal ao projecto recommendado.

Ao Brasil de hoje, ao paiz dos factos consummados, a esse volumoso conglomerato humano que se deixa levar passivamente pelos ousados aventureiros da politicagem nacional, como se o cumulo da inercia na ordem politica, deixar-se arrastar pela força dos acontecimentos, fosse a unica lei a que houvesse sempre de obedecer; a essa nação infeliz e desconceituada, merecendo o alcunha estigmatisador de Papalvonia Sul-Americana, assignalemos, quanto antes, um fim, nós civilistas, os elementos bons e liberaes da patria, que não são poucos, para travar e conduzir com efficacia de exito a nobilitante combatividade que collima a restauração da ordem juridica no paiz, a sua completa regeneração para continuo e glorioso engrandecimento.

Precisamos não ser mais o que até agora temos sido a nação de 25 milhões de homens pa-

catos e laboriosos, que se deixam escravisar facilmente pela tyrannia da astucia e da violencia e que pela sua nimia credulidade se julgam incapazes de resistir e de aspirar um futuro melhór.

Como não se ha-de appellar com vehemencia para as reformas tonicas e libertarias de organismo nacional, enfezado e enfraquecido por grande numero de causas, e sobretudo porque de acanhada educação universitaria sendo os brasileiros, e d'entre esses uma grande parte mal tendo aprendido a ler e a escrever, nos pesa ainda em pleno peito a enorme avalanche do analphabetismo, deshonrando o nome nacional com a terrivel porcentagem de 75 %?

A pavorosa maioria de analphabetos que conta actualmente o paiz, eis o motivo principal porque meia duzia de milhares de expertos e astuciosos figurões da camada alta da nossa sociedade politica, sem a verdadeira humanidade e sem patriotismo, conseguiram habilmente congregar-se nos celebres agrupamentos de olygarchia capitalista, *soit disant* partidos republicanos, mas que não têm outro programma, senão o de seus apetites, caprichos e ambições, imperando absolutamente nos diversos Estados da Republica e no Districto Federal, deturpando assim inteiramente o regimen implantado a 15 de Novembro, vivendo dos orçamentos e para elles, exercendo de facto a tyrannia a mais revoltante, com os seus actos publicos, sobre as pessoas e os bens dos muitos milhões de trabalhadores nacionaes.

Mas isso, que é a escravidão no seio da propria patria, não terá jamais um paradeiro?

Que importa não seja uma escravidão, tal qual a curtiram durante tantos annos negros e mestiços, nefando instituto que foi abolido a 13 de Maio de 1888?

Não é igual porque é peior; não é a escravidão negra e sim a escravidão branca, mais insupportavel e degradante porque humilha a quasi todos os compatriotas; peior, porque resume todas as escravidões, porque é a sujeição incondicional aos erros, aos abusos, aos crimes do poder publico; porque é a obediencia cega e passiva aos despotas de toda a especie, ao imperio da fraude, das mentiras convencionaes, da astucia cavillosa; porque é o indifferentismo ignobil deante de desprestigio da moral, da annulação do voto livre e consciencioso do povo e da violação do principio augusto da justiça, com frequentes eclypses; deante do sophysma das liberdades e do poderio oppressor e omnimodo do ouro que, avassaladôr, prepotente e dono da vida, da honra, da propriedade dos que vivem nobremente dos seus esforços, quer impor-se mesmo como a Divindade, que todos devem servir e adorar!

Estamos dando ao mundo, não ha negar, o triste espectaculo d'uma grande nação em decadencia; mas se o motivo forte que o determina é felizmente já bem conhecido, isto é o motivo economico, que impede a instrucção bem derramada pelo povo e a independencia civica pelas garantias do trabalho livre e bem remunerativo, basta que se faça a eliminação da causa para que cessem os seus funestos effeitos, e dahi por diante póssa a nação livre e desembaraçadamente encaminhar-se para os seus altos destinos de

grande patria latina, culta, humanitaria e progressista.

Tudo se conseguirá com um poderoso surto de revivescencia popular, com o despertar de energias latentes ainda na alma nacional, com a convergencia e união de todos os esforços viris dos elementos liberaes da nacionalidade. E operado o auspicioso phenomeno social de nossa agitação em cruzadas para o bem publico, realizada prompta e completa transmutação dos nossos habitos e costumes, inaugurando-se solennemente uma vida nova, bellissima, rica de commettimentos uteis e nobilitantes, todos tendentes a assegurar ao paiz a posse plena do lucido ideal, entrevisto na aurora luminosa de 15 de Novembro: porque não se ha de prever desde já para o Brasil revigorado, o brilhante futuro de opulento e adiantado paiz latino, populoso e forte, verdadeiro *habitat* da sociocracia universal?

Enganam-se fatalmente os que, observando de relance o nosso meio social e querendo logo ajuizar de pessoas, cousas e acontecimentos, como infelizmente é a regra para nós brasileiros, pouco observadores e nada perseverantes, julgam que a papalvice popular, esse indefferentismo palonço e condemnavel pelos interesses vitaes da patria, jamais terá um fim ou que pelo menos esse ainda se faça esperar por muito tempo.

Ha de ser cruel a decepção! O povo é contemplativo, dizem os que mal o observam, é apathico, de indole bondosa e compassiva, unicamente amigo de visualidades, de cousas mirabolantes, empolgadoras do sentido da vista, capazes de determinar-lhe impressões fortes, agradaveis e

encantadoras, pouco lhe importando a lição das cousas uteis, não gostando de pensar nellas nem no seu proprio destino, abdicando mesmo das faculdades pensantes no cuidar do que de mais sério tem a vida, deixando esse trabalho importante aos politicos e extrangeiros notaveis da alta finança, do mundo do capital e do vasto commercio, que naturalmente o exploram, sobrecarregando-lhe a existencia de penosas difficuldades economicas.

Em parte dizem a verdade; mas esse povo contemplativo, tão apreciador dos cinematographos, dos circos de cavallinhos, das luctas romanas, das ascensões aerostaticas, dos fógos de artificio que desprendem córes irisadas e produzem movimentações sorprehendentes e originaes; esse povo que, sem duvida alguma, ainda vive na infancia da civilisação e desdenha ou menospreza a utilidade e o valor dos seus grandes recursos, as riquezas naturaes do paiz; esse povo que por emquanto não teve a noção do verdadeiro progresso nem a intuição do que seja o commercio, como força defensiva e providencial das sociedades humanas, é em ultima analyse um povo, como foram outros, com as mesmissimas qualidades más de indifferentismo pelo seu governo, de afferro á rotina e á inercia, de misoneismo retrogrado, de pronunciado pendôr para as diversões frivolas e visualidades ridiculas e inuteis, contentando-se com o *panem e circenses.*

Outros povos, semelhantes em tudo ao brasileiro, após muitos annos e seculos de oppressão e miseria, em periodos diversos da historia, e que soffreram com pachorra e resignação, impellidos

pela penuria e principalmente pela fome, cançados da vida torturante que padeciam, em que a prazeres fugazes se mesclavam de continuo dôres, desgostos e desalentos, um dia se decidiram a organizar a insurreição que havia de triumphar, como triumphou, pois fôra determinada por causas de inflexivel imperio, os direitos do trabalho que são insprescriptiveis e a necessidade logica da reconciliação dos principios immorredouros com os factos sociaes, que instiga a qualquer povo opprimido e em extremo infortunado a bater-se, de armas na mão, pela liberdade e pela vida, quando em situação de desespero maximo se convença de que muitos populares já morrem de inanição e de vergonha porque veem adejar por sobre a patria em perigo os córvos negros da fome, da peste e da guerra.

Com o povo brasileiro, porque não ha de succeder outro tanto, mais depressa do que muitos pensam?

A nacionalidade está decadente, mas não está morta; vibra ainda o grande coração da patria e ainda contamos, mercê de Deus, no seio da Nação Brasileira muitas personalidades eminentes e benemeritas por suas virtudes, poderosas mentalidades e acrysolado patriotismo.

Não duvidemos nunca de que a historia humana se repita em seus traços geraes desde que o mesmo conjuncto de condições economico-sociaes, deprimentes da vida de um povo, seja nitidamente observado, tornando necessaria e fatal a reacção salvadora.

Longe a duvida e o desanimo!

As reformas têm que vir, seja como fôr.

Avante! Avante!

Amemos cada vez mais a nossa querida Patria, e por ella luctemos até alcançarmos um termo honroso para os seus infortunios, e o inicio brilhante de sua resurreição para a grande vida moderna do direito, da liberdade, da cultura das sciencias e artes, do apego affectivo á humanidade, da sã e luminosa politica, que rege os destinos das nações civilisadas, onde impera a justiça, e se promove o progresso.

PROPAGANDA LEAL DA CUNHA

PELA INDEPENDENCIA ECONOMICA

DO

BRASIL

A LEGITIMA DEFESA COMMERCIAL

CONQUISTA DO OURO POR PERMUTA DE CAFÉ
E BORRACHA

Omnia labor vincit

AO LEITOR

Este opusculo é simples collectanea dos artigos publicados pelo *Diario da Manhã* de Ribeirão Preto, aos primeiros dias de Maio do anno fluente, por cujas columnas fiz o resumo succinto de minha propaganda patriotica e humana, intentada e nutrida, ha mais de anno, a bem das classes laboriosas do Brasil.

Encerrando sincera e leal profissão de fé, terá o presente opusculo, pelo menos, o merito de vehicular, por maior ambito de divulgação, os conceitos e opiniões que, após aturados estudos e diligentes pesquisas, sobre a crise nacional e sua solução positiva, tenho com todo o desassombro civico evangelisado pela imprensa do interior, especialmente no semanario *Nuporanga* e mediante diversas conferencias populares em cidades e villas dos Estados de S. Paulo e Minas.

Patriota e liberal, convencido da necessidade urgente de refórmas radicaes em meu paiz, crente no porvir opulento e glorioso da patria, com o advento da Republica Democratica, puro regimen da liberdade, de justiça e de progresso, resultante da alliança intima e harmonica do Trabalho em todas as suas manifestações com as Sciencias e as Artes; penso que não poderia pagar melhor nem maior tributo de amôr á minha terra natal, nestes ominosos tempos de servilismo e de miseria, do que elaborando este excerpto da minha propaganda, que precisa triumphar para maior honra do nome brasileiro, afim de operar-se logo a reconstituição economica e a defesa commercial do paiz.

Quando para mais não sirvam essas paginas, fidedignas porque enunciam verdades, constituem um documento valioso para a elucidação da consciencia popular no estudo psychologico de nossos actuaes costumes, na ordem politica, economica e social, e simultaneamente podem inspirar o povo brasileiro, como um forte propulsor de progresso, a iniciar sem detença a obra de transformação do Brasil em nação commercial, appellando nos diversos movimentos de reacção contra os factores da crise, ou para os meios evolutivos normaes, ou para os actos francamente revolucionarios.

Creio assim, com decisão energica e dedicação patriotica, haver contribuido efficazmente para a defesa integral dos interesses brasileiros, infelizmente lesados pelo capitalismo cosmopolita, que explora o Brasil, como se fôra a China Americana.

Nuporanga, — 1906.

Dr. Leal da Cunha.

PELA INDEPENDENCIA ECONOMICA DO BRASIL

A LEGITIMA DEFESA COMMERCIAL

Conquista do ouro por permuta de café e borracha

OMNIA VINCIT LABOR

I

Na pleiade de intellectuaes que têm diligenciado investigar as causas primarias da crise no Brasil, que a não ter proximo termo consummará a nossa ruina economica, não se conta até agora um só, que houvesse prestado a merecida e demorada attenção ao conjuncto de condições precarias, em que se exerce a vida nacional.

E', no emtanto ahi, na anomalia do *modus vivendi* da sociedade brasileira, que se deve buscar a explicação natural da conjunctura perigosa que avassalou o paiz e o afflige ha tantos annos; reduzindo-o ao deploravel estado de decadencia em que se acha, e que mais e mais se vai accentuando, como se fôra negro eclipse nos obumbrando a aurora do seculo; trazendo grave descredito ás

instituições republicanas e constituindo-se um perigo serio e ameaçador á nossa subsistencia, como nação soberana.

Observem-se criteriosamente os phenomenos economicos que se passam no meio patrio, e havemos de chegar á firme convicção de que o Brasil se debate actualmente nesta situação angustiosa e cruel da vida, com extrema carestia, soffre quasi a miseria e absolutamente está inhibido de gosar d'uma perfeita independencia e de expandir-se para o progresso ; porque é fragil a estructura de sua organização economica, a qual o não habilita a reacções energicas e victoriosas contra o capitalismo extrangeiro, de cuja influencia avassaladora e atrophiante jamais se tem podido libertar neste ultimo decennio.

Se temos, como é facto nos dezesete annos de vida republicana no Brasil, desenvolvido e melhorado tanto o trabalho nacional, se é verdade que se ha consideravelmente augmentado a producção agricola e industrial do paiz, é que realmente a crise só se mantêm á custa de vicio intrinseco á nossa organização economica, que não nos permite valorizar os productos, inhibindo-nos de commercial-os livremente. E senão, vejamos as condições peculiares á nossa vida de povo laborioso, porêm infeliz, porque não se póde aproveitar dos fructos de seu trabalho.

Vê-se de um lado—o meio circulante nacional, de evidente e PASMOSA ESCASSEZ, como agente intermediario de permutas e afferidor de valores, representado por papel moeda sobre cujo cambio o capitalismo extrangeiro prepondera, exercendo a mais desbragada e indecente especulação, pro-

movendo bruscas, enormes oscillações para a baixa e a alta; e sendo ainda mais o nosso numerario, por sua insufficiencia, a causa poderosa, senão unica, de lamentar-se no Brasil a falta de sólidos e poderosos institutos de credito, sobretudo dos de credito agricola.

De outro lado vê-se—o commercio de exportação das melhores mercadorias, feito na quasi totalidade por negociantes extrangeiros, (por pouquissimos nacionaes, aliás seus imitadores em tudo) os quaes em sua actividade mercantil não trepidam de empregar os processos da mais arrogante e desenfreiada agiotagem, em prejuizo immenso dos productores e do paiz, afim de se locupletarem com as revendas de nossos preciosos productos nos diversos mercados do consumo mundial.

Ora, dadas estas noções positivas, pois resultam da observação justa de factos, como não se comprehender desde logo, que a crise nacional se pronunciou e perdura pela razão simples de que, não existindo no Brasil sufficiente numerario em circulação nem capitaes de reserva que se fossem annualmente accumulando, tornou-se impossivel a sustentação de preços razoaveis e remuneradores para as nossas mercadorias. ?!

Como não se crêr immediatamente que, a perseverar a Nação no *statu quò* de infantilismo e de rotina em que vive, sem o dinheiro proporcionado ao labôr de sua população e com uma politica financeira, que nada tem de nacional e tudo de subserviencia ao capital extrangeiro, de todo em todo é impossivel crear-se a necessaria resistencia nos mercados internos, os unicos onde figu-

ram brasileiros, contra as investidas continuas e audazes da especulação baixista que se vale de todos os meios astuciosos, das mais variadas mystificações, para comprar barato e melhor usufruir os proventos magnos de nossa colossal exportação?!

Eis, em synthese, a explicação verdadeira da decadencia economica do Brasil, logicamente interpretada a influencia dos seus factores e de seus effeitos naturaes.

No entender de muitos, porém, foi a superproducção do café brasileiro o agente determinador da crise, e ainda o é.

Não póde haver mais grosseiro erro de observação.

A superproducção actuou apenas por algum tempo, como simples causa accessoria e não principal da crise que, sobre ser um flagello da lavoura, attinge e affecta ao paiz inteiro.

Ella, se já existiu — a superproducção — hoje deixou de existir. E' um phantasma a apavorar os timidos ou um verdadeiro *canard*, ao serviço dos espertalhões, que d'elle se aproveitam para implantarem noções falsas na consciencia do povo brasileiro, e assim poderem melhor exploral-o, sem risco de prejuizos porque o jogo é firme.

E como não se ha de pensar d'esta maneira, se as modernas estatisticas, imparciaes neste caso porque são elaboradas por extrangeiros, comprovam justamente o contrario? Como admittir-se o excesso da offerta sobre a procura em todos os mercados de café, se apenas se argumenta a tal respeito com o que se passa nas praças brasileiras?

Nessas mesmo, o que se vê não é a legitima sancção á lei economica da offerta e da procura,

porquanto a offerta não é livre nem a procura é honesta, no ponto de vista mercantil; sendo aquella representada pelos fazendeiros e commissarios, necessitados de vender a mercadoria por preços, que lhes são impostos, para acudirem a compromissos e pagamentos mais ou menos urgentes; e sendo a procura feita pelo capitalismo extrangeiro, monopolista do commercio de exportação, possuidor da maior parte de nosso meio circulante, o qual se prevalece da sua posição de forte, como unico comprador, e vai açambarcando o café e a borracha brasileiros a preços de usura, por não encontrar nunca pela frente concurrentes nacionaes, fortes e idoneos para a lucta.

Sabido é que nos principaes mercados do mundo não se verifica tal excesso de producção, e a prova temos no augmento sensivel do consumo do café, de anno para anno; e em todos os paizes onde elle se faz sentir com certa intensidade, o preço pelo qual o consumidor adquire o café vem a ser identico, senão maior, que aquelle que pagava, quando os productores nacionaes eram melhor remunerados pela venda de pequenas ou mesmo de grandes partidas do precioso grão.

E' mesmo hoje verdade corriqueira que o consumo do café em todo o mundo já passa de dezesete milhões de saccas, tendendo a augmentar, de sorte que já se verifica o excesso do consumo sobre a producção, por isso que a productividade média de todos os paizes cafezistas orça por dezeseis milhões de saccas, tendendo a diminuir, ao menos por algum tempo.

Ninguem que se dedique ao estudo d'estes assumptos, tão importantes de economia social, igno-

ra hoje que os nossos concurrentes, no plantio e commercio de café, têm tido ultimamente, cada vez mais restricta, a sua média de producção, deploram os milhares de cafeeiros que morrem todos os annos e a diminuição progressiva da fecundidade dos sobreviventes.

A Martinica chegou a produzir em 1903 apenas 115 kilogrammas de café!

Em nosso paiz, é publico e notorio que notavelmente decresceu a productividade pelo concurso de diversas causas atrophiantes da lavoura; e especialmente no Estado de São Paulo, em que a lei limitativa das plantações, o abandono de muitos cafezaes, sobretudo por falta de braços, as geadas, as chuvas de pedra, o exgottamento de muitos terrenos e os máos tratos de cafeeiros, natos em zonas quasi improprias para o plantio, tanto cooperam para restringir a producção, não é exaggerada estimativa computal-a no Estado, que é o maior cafezista do Brasil, em média annual pouco inferior a 7 ½ milhões de saccas. (*)

O que se dá com o café, cujo consumo actual supera a producção, succede igualmente com a borracha, da qual somos os MAIORES e MELHORES fornecedores ao mundo. O sem numero de applicações da borracha para diversos artefactos da industria moderna tem-lhe sensivelmente alargado o consumo, sem que os preços do artigo em nada hajam melhorado; e a razão d'isto é a mesma que já assignalamos para o café, a servidão economica e commercial em que está vivendo o Brasil,

(*) Essa média já não corresponde á realidade. E' agóra maior, em 1912.

e á qual precisamos, por nossa dignidade de povo livre, oppôr definitivo paradeiro afim de que a Nação prospere, e a felicidade e opulencia de nossa amada patria se culminem, para honra e gloria da Republica.

II

O problema economico do Brasil só poderá ser definitivamente resolvido por um conjuncto de refórmas libertarias e tonificadoras das forças vivas do paiz. Pretender resolvel-o apenas com a valorização artificiosa dos nossos cafés, restringindo consideravelmente a offerta e impondo-se aos exportadores um preço minimo, que está muito longe de corresponder ao justo valor do producto, é commetter gravissima cincada politica de consequencias desastrosas na ordem economica e moral; pois, com tal procedimento daremos, nós os brasileiros, um attestado inequivoco de nimia credulidade, attingindo já as raias da papalvice, d'est'arte se confirmando quasi o juizo calumnioso, circulando no extrangeiro com fóros de verdade, de que constituimos uma nação de ingenuos, de indolentes e de incapazes, que não sabem comprehender e menos ainda gozar das immensas vantagens que, a qualquer dos povos sul-americanos, offerece a Republica, o mais liberal e scientifico de todos os regimens politicos.

No caso de resistencia aturada dos exportadores, deixando de comprar os nossos cafés pelo preço minimo prefixado em lei, o que aliás devemos esperar, todos os planos de valorização,

até agora divulgados, inclusive o Convenio de Taubaté, todos mais ou menos assentes em base fragil e fallivel, não poderão fornecer resultados seguros, no sentido de conquistarmos de vez a nossa independencia economica.

Os funestos effeitos da crise continuarão a demonstrar-se em toda a sua hedionda nudez, senão immediatamente, pouco depois da promulgação da lei proteccionista, que sob esses pessimos auspicios fôr inspirada; sendo já de prever os grandes e inuteis dispendios de dinheiros publicos, que irão necessariamente contribuir, com o gravame da divida e o accrescimo de onus correlativos, para maior desequilibrio dos orçamentos da União e dos Estados interessados.

Do que realmente precisamos, é de quanto antes sahirmos d'esta triste conjunctura de pobreza e desanimo para a lucta da vida, a que o povo brasileiro foi pouco a pouco arrastado pela inepcia dos seus governos que, desde o começo da pavorosa crise em 1896 têm estado descuidosos e inertes, quando lhes assistia a obrigação inilludivel de virem em soccorro do trabalhador nacional.

Urge tomar-se medidas defensivas de caracter radical; necessario é que se inicíe uma reacção patriotica, para que bem se compenetrem os altos poderes da Republica da conveniencia de decretarem, com a maxima brevidade, efficazes providencias financeiras que, em seu conjuncto, constituam poderoso e invencivel eliminador de todos os factores predominantes e accessorios da ruina economica do Brasil.

E só poderemos garantir a vitalidade sadia e o progresso ininterrupto da Patria grande, que tanto amamos, por cuja integridade, soberania e paz interna, todos os compatriotas validos e bem intencionados estão promptos a pagar os maiores tributos, até os de sangue, quando se fortalecer o Brasil economicamente com o augmento de sua circulação fiduciaria e quando d'esta advierem os preciosos e indispensaveis recursos para a expansão das forças productoras e o augmento de conforto da vida collectiva, effectuando-se bem assim a nacionalisação dos nossos dois principaes productos, com a creação d'um commercio, genuinamente nacional, operando honesta e livremente, dentro e fóra do paiz.

Será o unico modo de fazer entrar o Brasil definitivamente no periodo aureo das nacionalidades fortes que são, antes de tudo, potencias commerciaes, senão dentro de 20 annos, no maximo em 40, que, se é muito para a vida de um homem. nada é para a de uma nação.

Respeitando-se o *statu quò* creado pelo capitalismo extrangeiro, que tem explorado a economia nacional em seu unico proveito, como se fôra um senhor absoluto, em face de nossos governos, falsa e ineptamente imbuidos para o nosso caso das vantagens problematicas do *laissez faire*, é que não se assignalará um fim á terrivel crise, devoradora das nossas melhores energias e de todos os fructos do trabalho nacional.

A Republica precisa regenerar-se para promover a felicidade dos brasileiros, precisa perder a feição plutocratica, que até então ostenta, para se converter na verdadeira democracia representativa

em acção, sob a egide dos immortaes principios de liberdade e de justiça.

De uma vez para sempre, deve o governo republicano abandonar a funesta politica das *personalidades* e da subalternização ao extrangeiro, e inaugurar francamente a politica das *cousas*, enveredando para isso pelo caminho illuminado das refórmas que, alvejando o escopo da utilidade commum e do progresso em todas as suas manifestações, o habilitarão a acautelar as riquezas do paiz e a elevar o cambio ao par, fixado assim o valor do nosso numerario, emquanto não fôr possivel o advento da circulação metallica.

Mas, para que se opere o grande movimento da resurreição nacional faz-se mistér solemnissimo appello ao credito publico interno, proporcionado aliás á riqueza commerciavel do Brasil, que é vultuosa; credito que será criteriosamente utilisado, activamente defendido e traduzido numa larga emissão de papel moeda, de curso forçado, na importancia de 2 a 3 milhões de contos de réis.

Afigurar-se-á aos pedantocratas, que não são poucos, e aos futeis ou aos velhacos, que infelizmente são muitos, que é impatriotico aconselhar-se, no auge da crise, uma grande emissão de papel moeda, como meio melhor de extermina-la, quando tanto se tem accusado o nosso papel moeda de haver para ella contribuido, e de ter-lhe augmentado a intensidade.

Em parte têm razão esses vociferadores, mas elles ouviram cantar o gallo e não sabem onde. O nosso meio circulante, pela sua escassez, foi que principalmente favoreceu as manobras dos especuladores, no sentido de operarem na baixa,

quer no mercado de cambiaes quer no commercio de exportação, para conseguirem a plena absorpção de nossa riqueza mobilisavel a preço vil, e para em troca nos impingirem uma desproporcionada importação por preços altissimos, cousa que lhes era necessaria para ageitar o equilibrio no intercambio das mercadorias, em todas as praças brasileiras.

Pura moeda fiduciaria, sem defesa por parte do governo da Republica, que não a pode nem a deve fazer por calculos de jogatina na Bolsa, e unicamente com o empenho de valôres reaes, que em ouro sejam conversiveis, advindos da venda equitativa e livre dos productos brasileiros de maior valia, os quaes nacionalisados só aproveitarão venalmente ao nosso paiz; o nosso numerario, que tem logrado vida infeliz e ingloria como um signo de credito, apenas valorisado pela usura do extrangeiro, quando lhe convém, e depreciado ás mais das vezes pelo mesmo motivo será, não obstante, o bom e unico recurso de salvação, desde que se torne abundante para plenamente desempenhar a funcção social de nosso dinheiro, remunerando o trabalho, melhorando e ampliando a producção e creando os orgãos imprescindiveis para a nossa defesa commercial e para a consolidação do credito publico.

E tanta certeza têm d'isto todos aquelles, que effectuam *muitos* e *bons* negocios com o Brasil que insistentemente aconselham o governo para não emittir mais e para queimar papel moeda, que dizem ser superabundante *(sic)*. Esses máus conselhos infelizmente foram seguidos á risca, e eis o motivo pelo qual a crise cada vez mais se

aggravou, visto que se augmentaram as necessidades de dinheiro, ao mesmo passo que se tornaram maiores as exigencias de civilisação mais adiantada e da população crescente, e elle, em vez de augmentar, ao contrario diminuio!

As emissões de papel moeda, em que pese aos meios sabios que são os peiores ignorantes, só têm produzido excellentes resultados nos paizes dotados de grande capacidade exportadora. Consagradas como magnificos expedientes de arte financeira pela politica experimental dos povos cultos, ás emissões de papel moeda recorreram sempre todas as grandes nações modernas, que hoje são ricas e fortes pelo seu commercio, por sua industria e pelo seu poder militar, e que passaram, entretanto, por crises gravissimas, talvez maiores que a nossa.

A Inglaterra, os Estados Unidos, a Italia, a França, para não citar outras nações, fizeram largo emprego de papel moeda, e jamais a esta medida deixou de corresponder maior energia vital nesses differentes paizes, desenvolvendo-se todas as forças productoras, accumulando-se annualmente avultados capitaes, surgindo á porfia os auxilios, de que tanto necessitava o trabalho para alentar-se e exercer-se melhor no objectivo do progresso nacional. Nesses paizes, a conversão de seu meio circulante só foi possivel, depois que por muitos annos actuaram as emissões e que gradualmente foi augmentando a fortuna publica e particular com as sobras annuaes da producção.

Porque no Brasil não se ha de fazer o mesmo? Pois o Brasil, com a cifra elevadissima de

analphabetos, que se notam na sua população, está nas condições de dar um quináu no mundo culto?!

Pensar já na circulação metallica, quando o nosso numerario é insufficiente para manter a vida normal da collectividade, quando ainda não foi abolido o nosso captiveiro economico e commercial, querel-a *à outrance*, é um absurdo de primeira intuição.

A conversão do meio circulante só poderia decentemente ser levada a effeito com o cambio de 27, que é o par; calote official seria a operação em base menor.

Mas, argumentando com a melhor hypothese, onde iria buscar o governo o ouro necessario para a conversão? Quando mesmo, por acaso providencial ou mediante emprestimos externos ruinosos, o conseguissemos, como poderia ser evitada a emigração d'esse metal precioso para o extrangeiro? O capitalismo agiota por pequenas sangrias, operadas com o troco das cedulas, iria anemiando o deposito do Thesouro ou do Banco que servisse de lastro á emissão, e dentro em pouco do ouro não restaria a minima parcella, sendo então o governo obrigado a impôr o curso das cedulas, embora sem o condão da conversibilidade.

Precisamos, nós os brasileiros, ter mais juizo e mais autonomia na gestão dos negocios internos, mais amor ao trabalho, dispensando a tutela extrangeira e mais confiança em nossas forças e nos fartos recursos naturaes. Devemos adoptar, como um guia de confiança, a observação criteriosa de nossos phenomenos economicos, e não

nos deixar levar por conselhos perfidos de sabios e economistas d'além Atlantico, cujo proposito nem sempre é propugnar pela verdade scientifica e pela justiça, na grande maioria dos casos transparecendo nas lições officiosas apenas a intenção occulta de servir a interesses dos seus compatriotas, que abnegadamente advogam, em detrimento do interesse collectivo do Brasil.

Ouvidos surdos á voz d'esses falsos prophetas!

Façamos a obra nacional, aconteça o que acontecer; dignifiquemos o trabalho na patria, o qual desgraçadamente até hoje não tem sido livre nem é justamente remunerado, sendo de facto servidão de gleba!

Emancipemos para sempre a Republica da funesta olygarchia dos Judeus!

III

Promulgadas as leis proteccionistas de que temos indeclinavel necessidade, inaugurando-se politica financeira, cujo alicerce solido seja uma grande emissão, não se poderá burlar a efficacia das reformas salvadoras, e a farta messe de beneficios para a economia nacional, d'ellas decorrente, ha de ser colhida com a maxima promptidão.

A reconstituição economica do paiz depende unicamente da sua transformação em potencia commercial; e desde que se o eleve á esta categoria, enriquecida e accelerada a sua circulação, embora com moeda fiduciaria, de molde que um grande Banco, simultaneamente emissor e regularizador do cambio, mercantil e industrial, possa funccionar livremente sem temer a pressão capi-

talista do extrangeiro; porque não acreditar que se realize sem a minima tardança o *pseudo milagre* da estabilidade de todos os *valores* attinentes á riqueza brasileira, que é colossal?

De outro modo não se operará o prodigioso resurgimento de nossa nacionalidade, fadada a gloriosos e excelsos destinos, a ser em breve decurso de tempo o maior centro de actividade e resistencia da raça latina, em todo o universo.

Pareça *prima facie*, que o plano de reformas, regenerador e progressista, que fica proposto aos eminentes concidadãos directores da politica nacional, não é de natureza a merecer logo fé e apoio, por lhes estar arraigada a crença de ser inconsistente a sua base, por constituir-se d'uma emissão de curso forçado; e no emtanto, o seu fundamento não poderia ser actualmente mais firme e indestructivel.

Esse appello ao credito interno seria honrado e garantido pelo trabalho nacional, desenvolvido com mais intelligencia e senso economico, em continua progressão ascendente de valor, pelo crescimento incessante da producção, cada vez mais rica e mais variada, graças á assombrosa fertilidade do sólo e á opulencia inexgottavel do subsólo, melhor explorados; ainda mais, pela sustentação do valor representativo de nosso numerario, cujo cambio se assegurará ao par, á custa do *lastro ouro*, resultante da venda no extrangeiro por preços convenientes das nossas preciosas mercadorias, entre outras café e borracha, verdadeiras moedas internacionaes, artigos soberanamente mercantis, mas aos quaes tem faltado a defesa que para ser

completa deve estar a cargo de commercio genuinamente brasileiro.

Está assim apontado o caminho da redempção aos tormentos e horrores da crise, e se o seguirmos unidos e fortes, garantiremos a subsistencia da patria grande, rica e poderosa, inteiramente ao abrigo de perigos ou agressões, que são de temer aliás, perseverando a Nação na attitude condemnavel de inercia, em que se collocou por falta de bons governos e de melhor educação do povo.

Nossa completa mudança de fracos em fortes rapidamente se effectuará, cuidando os altos poderes da Republica de promover com a maxima diligencia a fundação d'um Banco Emissor Nacional, conferindo-lhe a faculdade de emittir notas representativas de valores monetarios do nosso padrão e que terão curso forçado. Constituir-se-á este Banco com o *capital ouro*, que fôr julgado sufficiente, por accôrdo entre o Governo Federal e os seus incorporadores, afim de que possa elle logo encetar as suas operações regularmente, satisfazendo aos diversos fins de commercio e industria a que se destina, durante o primeiro anno de sua actividade funccional complexa, como adeante será explicado. Parte do *capital ouro*, que não deve exceder de dois quintos da totalidade, poderá ser subscripto por capitalistas extrangeiros.

O banco tem de ficar sujeito á rigorosa fiscalização do Governo Federal, quanto ao emprego da emissão, que não ultrapassará de 3 milhões nem será menor de 2 milhões de contos de réis.

Não se lhe pode prefixar o limite definitivo, porque isto depende de estudos e calculos, que têm de ser criteriosamente ultimados, á luz de

excellentes computos estatisticos, para a justa avaliação da riqueza commerciavel do Brasil; tarefa ardua e difficil que só pode ser levada a bom termo, a perfeito implemento, nas altas regiões officiaes.

A emissão não se fará em totalidade dentro de prazo relativamente curto. Ir-se-á realizando paulatinamente e na medida da expansão economica do paiz, afim de que os nossos artigos de exportação mais valiosos, possam ser logo convenientemente valorizados e depois facilmente negociados em actos de commercio licito nos diversos mercados de consumo.

O grande banco, assim creado, desde que entre em funcção activa de instituto de defesa da economia nacional e do credito publico, agirá como uma formidavel potencia capitalista, um verdadeiro *trust* brasileiro, ao qual não será possivel vencer nenhuma influencia extranha, por mais poderosa que seja, na ordem commercial, visto que elle vai gozar do legitimo monopolio da venda de nossos productos, os mais reputados em todo o mundo, e de elevado valor.

O Banco Emissor Nacional deve ter, além de outros, como urgentes e importantes encargos, os seguintes:

1.º — Comprar café e borracha a principio, e depois comprar tambem outros artigos e generos de producção nacional, desde que se verifique a utilidade das respectivas operações commerciaes, por muito vantajosas. Para effectuar a compra de toda a borracha que appareça nas praças brasileiras, o Banco, por intermedio de seus agentes, offerecerá systhematicamente preços bem supe-

riores aos correntes nas diversas praças nacionaes, sendo porém essas offertas pautadas nos dictames da prudencia mercantil.

Quanto ao café, iniciará o Banco as suas transacções, comprando-o desde logo ao preço de 8$000 por 10 kilos, quando o artigo corresponder ao typo 7, da classificação norte-americana; por preços gradualmente maiores até 10$000 por 10 kilos comprará os cafés correspondentes aos typos superiores da classificação citada. Com relação aos typos inferiores ao 7 alludido, o governo da Republica providenciará para que tenham consumo interno, impedindo que sejam exportados pela applicação de imposto oneroso, que seja verdadeiramente prohibitivo.

2.º — Adquirir um certo numero de navios a vapor, que se incumbam do transporte rapido das nossas mercadorias, nas melhores condições de resguardo para a conservação, até as principaes praças norte-americanas, européas e outras, onde serão montados importantes emporios de venda e escriptorios de propaganda commercial.

Assim se dará provimento, sob os melhores auspicios, á organização da marinha mercante brasileira, que trará para os nossos portos artigos extrangeiros, comprados por preços razoaveis e não de usura, destinando-se ao serviço perfeito da navegação transatlantica e de outros oceanos, a qual de futuro não remoto poderá ser magestosa frota, cumprindo gloriosamente a sua patriotica missão.

3.º — Tratar de collocar fundos sufficientes, em ouro, na praça de Londres ou em outras, afim de que possa o Banco, logo que comece as

suas operações, estar habilitado a fazer todas as transacções cambiaes das cedulas de sua emissão, pelo cambio ao par (27 *pence* por 1$000 a 90 dias.

4.º — Realizar a substituição do actual numerario papel pelas notas de sua emissão em importancia equivalente, no prazo improrogavel de um anno, a contar da data, em que a emissão comece a circular; d'ahi em deante, o Banco podendo realizar a substituição referida, com os descontos progressivamente maiores, constantes da tabella creada por lei vigente, preceituando sobre o recolhimento de notas de curso forçado.

5.º — Estabelecer o Banco, que deve ter a sua séde ou casa matriz na Capital Federal, casas filiaes em todos os Estados da Republica, assim como agencias bancarias na Europa, nos Estados Unidos, e em outros paizes para a completa consecução dos varios fins que collima, como forte instituto de defesa de toda a Economia Nacional.

O Governo da Republica, tratando de fundar o Banco Emissor Nacional, deve-o fazer no unico e patriotico afan de inaugurar outra phase de vida para o Brasil, garantindo-lhe a independencia economica, a consolidação e defesa de credito publico. a fortuna em progressivo augmento, com a actividade commercial livremente exercida por brasileiros para a venda directa de todos os melhores productos da enorme exportação nacional. Para tudo isto alcançar-se, porém, é necessario que o Banco, como justa compensação dos multiplos favores e prerogativas, que lhe serão concedidos, forneça ao Governo da Republica os indispensaveis recursos, afim de que, o mais depressa

possivel e definitivamente, se possa abandonar o funesto regimen do curso forçado.

Eis porque outros encargos ainda devem ser impostos ao Banco, a saber:

Dos lucros liquidos que se verificarem annualmente do emprego da emissão, será deduzida uma certa importancia, com a qual a administração do Banco indemnizará o governo do onus que vai pesar no orçamento da despeza da União, com o serviço de fiscalização, exercida sobre a casa matriz e as filiaes, para que as cedulas da grande emissão não sejam desviadas dos fins, a que devem legitimamente servir. Essa contribuição será fixada quando, por accôrdo equitativo entre o governo e os incorporadores, houver de installar-se o Banco.

Ainda, porém, ha necessidade de deduzir-se, todos os annos, quota grande dos lucros provenientes da utilisação da faculdade emissora, a qual será no minimo de 20 % em ouro do total apurado, afim de ir-se constituindo gradualmente um fundo especial de reserva, que mais tarde, quando fôr thesouro consideravel e sufficiente para servir de *lastro-ouro* á emissão, possa habilitar o Banco a declarar pelo valor nominal e á vista as suas cedulas conversiveis em moeda metallica do paiz. O Governo da Republica terá o mais vivo e dedicado empenho de auxiliar o Banco na consecução do nobre desideratum, velará pela inalienabilidade desse fundo de conversão, para o que fará recolher annualmente todas as suas parcellas constitutivas aos cofres do Thesouro Federal.

Será o mesmo entregue ao Banco, desde que haja attingido o valor representado pela emissão e logo que possa ser declarada a sua conversibilidade franca.

D'ahi em deante, só o Banco poderá emittir cedulas, que sejam verdadeiras *notas-ouro*, trocaveis á vontade do portador, as quaes para merecerem a regalia do curso legal terão de ser emittidas sobre outros lastros metallicos que o Banco venha a possuir, e de cuja existencia se assegurará o governo federal, antes de conceder a nova faculdade emissora.

Funccionando o Banco Emissor Nacional, de accôrdo com o exposto, estão tomadas, com o maximo discernimento, as mais adequadas providencias, conducentes ao advento da circulação metallica no paiz, sem brusco periodo transitivo e sem que haja mais necessidade dos perniciosos emprestimos externos, perfeitamente comparaveis aos grilhões do antigo captiveiro, pois têm rebaixado o nosso amado Brasil á reles situação de feitoria commercial do capital extrangeiro.

IV

Contra o plano harmonico de reformas salvadoras, de que me tenho feito o esforçado propagandista pela imprensa e na tribuna popular, a objecção, que logo assoma ao espirito de muitos compatriotas, é a referente ao emprego de papel moeda, que serve de seu fundamento cardeal. Acreditam que o governo não pode mais emittir esse dinheiro por vigencia do contracto do *funding-loan;* d'ahi o concluirem peremptoriamente

a sua inexequibilidade. Laboram, porém, em erro affirmando que entre as clausulas do alludido convenio do Brasil com os seus credores inglezes exista uma que expressamente formule semelhante prohibição o que importaria a renuncia d'uma faculdade inherente á soberania nacional.

O Governo da Republica não poderia, nem pode jamais, sujeitar-se a tratado ou convenção de que resulte a abdicação de direitos de Nação soberana, como é o Brasil.

Não nos conviria, entretanto, fazer mais nem uma só emissão de papel inconversivel, a continuarem os capitalistas extrangeiros influindo, como até agora, de maneira preponderante no mercado monetario e no alto commercio de exportação.

Desde que, porém, se faça uma grande emissão de notas, que realmente representem valores monetarios, pois no paiz exercem com amplitude o poder acquisitivo e liberatorio, igual ao da moeda metallica, e são cambiaveis para as praças extrangeiras, ao prazo de 90 dias de vista, ao par, pelo seu valor nominal; o curso forçado, nestas condições, já não pode mais armar ao effeito da desconfiança e será perfeitamente acatado por todos aquelles que tiverem negocios no Brasil; *maximè*, quando todos se convencerem de que o paiz se vai d'elle utilisar, *si et in quantum*, para a obtenção de estabilidade na ordem economica e promover o melhoramento progressivo das finanças; valorizando-se em consequencia da salutar medida toda a riqueza nacional, garantindo-se a permanencia e normalidade da circulação de um numerario como valor fixo.

Na verdade, com o funccionalismo pleno do Banco que, dotado dos attributos especiaes definidos, será emissor para erigir-se, nestes sombrios tempos de miseria e corrupção, como um forte e unico intermediario mercantil, idoneo e honesto, entre o productor brasileiro e o consumidor mundial, não soffreremos mais os funestos inconvenientes do curso forçado, muito de receiar nos paizes, onde a economia nacional não é acautelada, existe a instabilidade de equilibrio dos valores commerciaes e se faz appello continuo e impenitente ao credito, que *ipso facto* vai deperecendo.

Conversas em lei as reformas projectadas, cada vez mais fortaleceremos e honraremos o nossso credito, preparando-nos para o usufructo de melhor situação economica, que logo se compatibilisa com a circulação mixta e sem grande dilação nos propiciará o regimen da circulação metallica, que fará do nosso amado Brasil, com a attracção irresistivel aos capitaes extrangeiros para fins industriaes, um imponente paiz latino, a rivalizar com as mais poderosas e cultas nações.

Haverá ainda quem objecte quanto á difficuldade, senão á impossibilidade, de poder constituir-se o Banco Emissor Nacional com o capital ouro, sufficiente, não só para adquirir de prompto marinha mercante, necessaria para o transporte das mercadorias compradas pelo Banco, evitando-se de tal guisa possiveis, mas quasi inconcebiveis, gréves das actuaes emprezas de navegação transatlantica, como tambem para operar-se logo o recolhimento do actual meio circulante e a sua substituição em importancia equivalente por ce-

dulas bancarias, cambiaveis ao par, ao prazo de 90 dias.

Mas, se é facto que o *capital ouro*, imprescindivel para o começo regular das diversas e importantes operações do Banco Emissor Nacional deve ser avultado, montando talvez a duzentos mil contos ou mais, não resta duvida, senão no espirito dos tibios ou dos ignorantes, de que é possivel no paiz reunil-o em grande parte, concorrendo para esse fim o Governo Federal com fundos que possúe no Thesouro Nacional, na sua delegacia em Londres, de parceria com o Banco da Republica e capitalistas nacionaes, podendo bôa parte ser subscripta por capitalistas extrangeiros, amigos do Brasil, a qual não deve ser superior a 40 % do capital de fundação do Banco.

Demonstrem-se as classes dirigentes e o povo, firmes e resolutos, em ferir batalha decisiva contra os nossos conhecidos adversarios, porfiemos todos em trabalhar activa e intelligentemente para honrar o nosso credito, defendendo-o; e não nos faltarão capitaes, em auxilio da magna e lucrativa empreza de valorização da riqueza patria. Para cá affluirão elles, vindos de varias procedencias, especialmente da Belgica que ha tempos se propôz a ser gratuitamente o entreposto commercial do café brasileiro na Europa, e sobretuto virão do glorioso paiz norte-americano, plethorico de dinheiro, da magestosa Republica dos Estados-Unidos, cujos milliardarios, ha muito, lançam olhares sympathicos e benevolentes para o Brasil que, apezar de sua defectiva organização economica, e de tudo quanto de ruinoso para nós tem acontecido nestes ultimos dezesete annos, ha pro-

gredido o bastante para impôr-se ao conceito e até á admiração dos povos cultos.

Pierpont Morgan será um dos primeiros a querer collocar avultados capitaes em nosso paiz e em seguida se pronunciarão no mesmo objectivo outros milliardarios, devendo todos naturalmente desejar que se enriqueça o Brasil «para ser um cliente magnifico dos Estados-Unidos, comprando por bons preços os artigos variados e optimos da pujante industria americana, e não um simples admirador platonico da sua opulencia» phrases incisivas e conceituosas de Nevio Vianna, que despóso, porque eloquentemente exprimem verdades.

De mais nenhuma objecção séria, com fundamento scientifico, é susceptivel o plano de reconstituição economica e defesa commercial do Brasil que propugno, como um patriota liberal, idolatra do puro regimen democratico representativo, que deseja ver a Republica rehabilitada, forte e gloriosa para fazer a perenne felicidade do povo brasileiro. Soldado da liberdade, que tanto se bateu em favor da abolição do elemento servil, republicano historico e embora humilde, companheiro dedicado, de Silva Jardim, de Barata Ribeiro e de tantos outros vultos da propaganda republicana, conservando ainda, depois de velho e alquebrado pelas luctas da vida, a mesma fé ardente nos ideaes que o inspiraram na sua mocidade, não podia deixar de cumprir o dever civico de evangelizar verdades e de propôr medidas infalliveis de segurança, quando a Republica e a Patria correm imminente perigo, que urge conjurar.

Creiam os meus patricios, sob o juramento da honra, que não me move ambição alguma de gloria ou de interesses nesta minha nova phase de actividade politica, após tantos annos de ostracismo voluntario.

Só o desejo de servir á minha patria e tambem o de salvaguardar a responsabilidade do propagandista republicano, nesta quadra calamitosa para todos os brasileiros, é que explicam essa combatividade tenaz que sustento contra o capitalismo usurario e corruptor, que transtornou a indole de nossas instituições politicas e reduziu o Brasil a uma nação de colonos, como disse luminosamente o sr Nilo Peçanha.

Sacudamos, de modo altivo e soberano, o jugo ignominioso d'esses judeus argentarios, que querem de longe, por telegrammas, governar o nosso governo, procurando influir a seu talante, ao sabor de seus interesses illicitos, no destino de nossa querida Patria.

Que não tenha mais apoio nacional essa politica financeira, subordinada a influencias extranhas e maleficas, é o que o povo brasileiro deve firmemente querer e demonstrar por todos os meios de franco pronunciamento da opinião publica, até pela Revolução.

Acabe-se o imprudente, falho e perfido expediente de cobrar-se em ouro parte consideravel dos impostos aduaneiros, quando o governo paga em papel aos seus fornecedores e serventuarios; dê-se uma folga aos contribuintes que, além de oberados com tantos impostos directos, são victimas de mais esse augmento dos impostos indirectos; não mais se execute a cerebrina medida

da queima de papel-moeda, retirando-se da circulação elementos tão uteis e fecùncos para nutril-a, obrigando-nos cada vez mais a precisar do ouro extrangeiro por emprestimos nocivos, avaramente negociados e estultamente contrahidos, quando ouro poderemos conquistar com as nossas mercadorias, em venda licita, porque é uma mercadoria como as outras.

A crise não poderá ser combatida com palliativos. Ha necessidade de empregar-se contra o mal intenso, que se alastra no paiz inteiro de Norte a Sul, uma therapeutica energica e restauradôra das nossas forças, combalidas pela *anemia* profunda e gravativa que affecta o organismo economico brasileiro, desde a promulgação da lei de 13 de Maio, que instituiu o trabalho livre, sem que a Nação possuisse o dinheiro bastante para dar-lhe a justa remuneração.

Para os grandes males os grandes remedios; e no caso nacional esses só serão as reformas, que augmentem o dinheiro em circulação e lhe fixem o valor, instituindo ao mesmo tempo a plena emancipação commercial do paiz.

Ninguem se illuda com a gravidade do momento historico em que vivemos.

Ou virão as reformas e nos salvaremos, podendo ainda ser grande, opulento e forte o povo brasileiro; ou assistiremos em breve aos espectaculos pungentes e horrorosos da guerra civil, pretexto que será talvez invocado por nações fortes para tentarem uma acção militar em conjuncto, visando a conquista territorial do Brasil.

ELEIÇÃO FEDERAL

PLEITO DE 1909

Ao eleitorado do terceiro districto de São Paulo

Sou aspirante a uma cadeira de deputado federal por este districto no pleito de 30 de janeiro vindouro.

Disputando o honroso mandato, «extra-chapa», em nome de idéas liberaes e progressistas, é meu formal e resoluto empenho declarar ao independente eleitorado antes de mais, que sou opposicionista radical, disposto a sustentar intransigentemente um programma politico, bem definido neste manifesto, e de palpitante actualidade.

Minha candidatura, longe por tanto de exprimir uma ambição pessoal, é essencialmente simples affirmação de civismo.

E' mais um testemunho publico e solenne do meu amor á Patria, a comprovar que não a abandono egoisticamente nesta quadra de tão duras e angustiosas vicissitudes, de accentuada ruina economica e decadencia politica e moral.

Ao invez de quedar-me, mudo e inerte no meio social onde vivo, vendo cada dia augmentar-se o infortunio do povo, gravadas de difficuldades economicas todas as classes laboriosas, especialmente a lavoura, pelo influxo dos erros accu-

mulados e desidia dos governantes, agito-me e proponho-me ainda a prestar serviços ao meu paiz, com a mesma lealdade e dedicação com que outróra servi á causa abolicionista e á propaganda da Republica, de cuja proclamação assumi a quota parte de responsabilidade que me cabia, como um de seus mais ardentes e operosos propagandistas.

Com a mesma convicção robusta, posso ainda hoje assegurar ao povo patricio que o regimen republicano é o melhor para cidadãos livres, não tendo até agora feito a plena felicidade da nação brasileira por culpa exclusiva de seus maus servidores.

Ao innilludivel dever de revelar-me nestes tempos de crise aguda, por palavras e actos, o patriota republicano, amigo sincero da liberdade, capaz de propugnar tenazmente pela verdade da Democracia Representativa, pelo Progresso e pela Justiça, para manter assim estricta solidariedade com o seu passado de republicano historico; accresce que a minha candidatura mais especialmente significa a necessidade logica, o vivo desejo que nutro, de transferir para ambito maior minha actividade civica, em prosecução da catechese espiritual que emprehendi, ha alguns annos, neste Estado, e que venho sustentando pela imprensa e pela tribuna popular, fazendo desassombrada e systematica propaganda, em prol de uma doutrina de politica economica, verdadeira, já consagrada como util e sã por lições luminosas e edificantes da politica experimental dos povos cultos.

Consistindo essa doutrina, em summa na applicação de noções positivas da sciencia economi-

ca ao caso peculiar do Brasil, relativamente á defesa da producção. dos valores da sua exportação, visando tambem remodelar o regimen de credito, ora imperfeito por irregular, devendo portanto ser incitadora de um plano geral de reformas cuja adopção em leis federaes é indeclinavelmente necessaria e urgente ; eis, porque pleiteio a insigne honra de representar tão luzido e numeroso eleitorado no seio do Congresso Nacional, para com afan e methodo rigoroso envidar todos os esforços, não me poupando mesmo a sacrificios, no objectivo patriotico de conseguir a discussão franca e completa da maior questão de minha Patria e paralellamente a decretação de medidas governativas que ponham, em salvaguarda dos botes da audaciosa especulação baixista, a colossal riqueza movel do paiz, por ella açambarcada a preços reles de usura.

Dest'arte se promoverá a estabilidade de nossa ordem economica, com a organisação vigorosa e irreductivel da defesa commercial de todos os artigos de producção brasileira.

Em outro paiz, regido por instituições democraticas, onde houvesse realmente opinião publica, por praticar-se a liberdade em todas as suas modernas manifestações, um candidato que se apresentasse ás urnas, com programma semelhante ao meu, poderia conceber esperanças de victoria, obtel-a mesmo assignalada e brilhante, desde que muitos elementos liberaes se congregassem com o fim de reunir grande quantidade de votos para o pleiteante, os quaes escrupulosamente apurados lhe dariam bastante autoridade para desen-

volver sua missão parlamentar com amplitude e sem temer consequencias.

No Brasil, porém onde o regimen politico, tão sabio e liberal, inscripto na Constituição, se deturpou de tal modo que vivemos todos os brasileiros sob o ferreo guante da mais despotica e corruptora das olygarchias — a capitalista; onde o poder governamental é omnipotente, avassallando na ordem politica aos cidadãos e sobrecarregando-os de impostos e contribuições, com os quaes se enchem de dinheiro as arcas do erario publico, para ser depois o mesmo esbanjado ao talante da megalomania official, sem que o Estado ao menos cogite, quanto mais recorra, de meios efficazes para defender os fructos do trabalho nacional, e prover ao patrimonio patrio; resultando disso o completo indifferentismo e inercia do povo pelos negocios publicos e sua anomala situação de penuria crescente, já quasi attingindo ás raias da miseria evidente; seria pueril crêr que possa facilmente ser triumphante minha candidatura, continuando a observar-se o espectaculo desanimador da desunião que ha muito lavra nas classes conservadoras do paiz e no proletariado, que assim favorecem por nimia fraqueza á influencia absorvente do governo e da facção que incondionalmente o apoia.

Urge, entretanto, reagir contra todos os abusos do poder, pôr um paradeiro á sua desidia criminosa, evitar-lhe os erros de que possam resultar, como têm resultado, graves prejuizos para os nossos interesses vitaes.

Iniciar-se-á este bello movimento de protesto civico e revivescencia nacional desde que todos

os concidadãos, julgando-se homens livres e por forma alguma querendo ser propriedade eleitoral de ninguem, abandonem o habito pessimo de abstenção aos pleitos e se colliguem para ficar fortes, quiçá invenciveis, e com os seus suffragios independentes e activa fiscalização exercida nos collegios eleitoraes, poderem assegurar a victoria dos candidatos genuinos do povo, o qual, sendo o unico soberano do regimen, até hoje tem sido apenas o grande rebanho de escravatura branca, lavrando a gleba brasileira, em beneficio de outrem — dos magnatas da situação dominante e de capitalistas extranhos que nos alapardam a riqueza exportavel por processos infames de agiotagem mercantil, locupletando-se com as revendas.

Essa necessidade de reacção popular, que é primordial, para poder no paiz constituir-se a sã opinião publica e ser eleita uma representação nacional idonea, que conte realmente com o apoio e a confiança do povo, se faz sentir, tanto mais intensamente agora, no Estado de S. Paulo, quanto é certo haver a commissão directora do partido governista apresentado para o proximo pleito chapa completa de candidatos aos cargos de deputados federaes, visando burlar por essa indecente tramoia o intuito cardeal da lei vigente que procurou garantir pelo voto cumulativo e chapa incompleta o direito de representação das minorias.

Todos os districtos do Estado são vastos e populosos, e a commissão directora, usando do expediente ignobil do rodizio, dividindo os districtos em zonas, aquinhoando com cada uma a certo e determinado candidato, no qual descarre-

garão os respectivos eleitores os seus votos accumulados, funcção essa que, á falta de votantes, os galopins do governo fazem ser exercida por penna Mallat ou outra da mesma perfeição industrial d'essa; é problematica, senão impossivel, a eleição de qualquer candidato avulso por maiores que sejam os seus meritos e aptidões, visto que o voto cumulativo e a chapa incompleta, criações da lei eleitoral em favor da representação proporcional de todos os matizes da opinião, ficam de facto imprestaveis e annullados pela chicana politica, que reduz por arbitrio discrecionario os grandes districtos a outros menores, para poder assim usufruir pingues vantagens do voto cumulativo, que lhe quadruplica o eleitorado.

A' vista desse procedimento odioso da commissão directora, não dissimulo a suspeita intimà que tenho, ao solicitar os suffragios dos eleitores do terceiro districto paulista, de que mais natural será o fracasso de minha justificada pretensão do que a victoria nas urnas, onde a fraude com todas as suas artimanhas encontra sempre ensejo de immiscuir-se e vencer, por causa da educação defectiva do povo, que por ora não sabe ou não quer zelar do livre exercicio de seus direitos politicos.

Aconteça, porém, o que acontecer, corra o pleito livremente ou não, o que desejo fazer calar fundo na consciencia do eleitorado, é que sou um pleiteante irreductivel, que não entrará em conluio algum e se baterá com denodo pelo seu programma de propagandista da verdadeira Republica do Trabalho.

Da politica economica, necessaria para garantir-se ao paiz a prosperidade e perfeita independencia, sob o ponto de vista das relações do commercio internacional, fará um verdadeiro apostolado, dentro do parlamento, se merecer o apoio dos eleitores, confiando-se-lhe o honroso mandato, e fóra em toda parte, para onde podér irradiar a sua actividade, fazendo ecoar a sua palavra o mais longe possivel.

Se fôr derrotado, causada a derrota pela fraude ou pela violencia dos beleguins e «espoletas» do governo, com a maxima altivez civica e dignidade do homem livre, cioso dos seus direitos, erguerei o meu protesto vehemente, para que ninguem me supponha um humilhado ao soffrer grave esbulho ou desacato por parte da prepotencia da grey governista.

Sendo, porem, a derrota determinada pela recusa dos votos ao meu humilde nome, só me cumpre a ella submetter-me tranquillamente resignado, lamentando todavia que após tantos annos de estudo e de labuta em minha propaganda, mais que patriotica, humana, pois que com ella tenho sustentado o direito do trabalhador do Brasil, nacional ou extrangeiro, á justa remuneração, de accordo com o valor do trabalho feito, os meus compatriotas ainda não hajam comprehendido que ao civismo, á verdade e á justiça, é que unicamente fui pedir e devo inspiração e alento, para lançar-me nessa indefessa combatividade, como um convicto, como estrenuo paladino, dotado de inabalavel fé e inquebrantavel tenacidade, luctando pela independencia economica e emancipação commercial de sua Patria.

E fique certo o eleitorado opposicionista do 3.º districto de S. Paulo, que tem sido somente expressa a verdade em todos os meus assertos, enunciados nessa propaganda oral e escripta, que mantenho ha quatro annos, «totis viribus» com grande desembolso da minha algibeira de cidadão pobre, que vive do seu honrado e nobre trabalho profissional.

*
* *

A Nação não soffre absolutamente a crise de superproducção; ella está em verdadeira ruina economica e curte a decadencia politica e moral, consequencias fataes da baixa gradual de todos os seus valores, do elevado custo da vida, da improductividade, quasi inefficacia do trabalho que se converteu em escravidão de gleba, dando ao paiz apparencias de possessão colonial ou de vasta feitoria commercial do capital extrangeiro, por esse unico e poderoso motivo — o não ter sido, e não ser ainda, o paiz bem administrado, acorrentado-nos a inepcia e a desorientação dos poderes publicos ao regimen do paradoxo economico, e do absurdo financeiro. que nos condemnan a um pauperismo forçado, por assim dizer decretado nas leis.

A crise, para servir-me do vocabulo pronunciado por todas as bôcas e que reputo improprio, pois não se trata de um phenomeno accidental, e sim, de situação constatada de descalabro e ruina permanente, é intrinseca ao organismo economico nacional, e de natureza inhibitoria, por falta de circulação e bons processos nutritivos, de modo que cada vez mais a anemia vae enfraque-

cendo e acabará por collocar em completo marasmo o gigantesco corpo.

Estamos os brasileiros vivendo parcamente, com pouco dinheiro, quando deveriamos ter meio circulante, que é o sangue das nações, quatro vezes mais do que o actual. O paiz é fertil, sua capacidade exportadora é extraordinariamente grande; mas de que serve isso, se por falta de numerario sufficiente na circulação está impossibilitado todo e qualquer plano de legitima defesa mercantil da producção?!

Os maus governos que temos tido ainda não se compenetraram da necessidade de observarem com criterio e diligente solicitude os phenomenos economicos sociaes, peculiares ao nosso caso, jamais cogitaram despender vinte e cinco, a trinta mil contos na organisação de um serviço estatistico modelar, que abrangesse o paiz inteiro.

Porisso é que governam infantilmente a grande Nação Brasileira, subalternisando quasi sempre nosso interesse collectivo a interesses extrangeiros e é porisso tambem que ainda não se imbuiram da premente necessidade de transverterem em leis algumas habeis e harmonicas reformas, que ponham um remate digno á anomalia do nosso viver, comparavel á escravidão na propria patria.

Essas reformas resaltam, como necessarias, da simples comprehensão do problema economico em seus termos positivos, e devem ter por base larga e solida — uma grande emisão de papel moeda, criteriosamente utilisada e honestamente defendida, que nos habilite a emprehender com presteza a nacionalisação do commercio dos nossos melhores productos, de alguns dos quaes possuimos um

monopolio natural, fazendo circular intensamente no paiz um numerario, tão bom como o ouro, embora seja moeda ficticia ou de credito, porque nelle se converterá facilmente, não passando de seu simples signo representativo, graças ao aproveitamento sensato e economico de toda a nossa riqueza movel em permutas livres, por actos de commercio honesto, praticados por agentes brasileiros.

Resolve de modo cabal nosso problema economico a prompta creação de um grande Banco Emissor, constituido para effeitos de commercio e industria e, como regulador e defensor do cambio, emquanto mantivermos o curso forçado, tendo como capital de fundação duzentos e cincoenta mil a trezentos mil contos em ouro.

Nesse capital pode ser incluido, na proporção de 40 $^{o}/_{o}$, ouro extrangeiro, associado, pertencente a capitalistas de nações amigas do Brasil, que não podem nem devem hesitar um só momento em associar-se á vultuosa obra de nossa reconstituição economica, auxiliando-nos directamente, mas tambem comparticipando dos avultados lucros da gigantesca empreza, advindos da valorisação de toda a riqueza patria.

Nem por ser assim constituido, o grande Banco perderá a carateristica nacional e deixará de ser idoneo, forte e insuperavel instituto de defesa de todos os valores da producção e egualmente do credito publico, porquanto com a utilisação da faculdade emissora, na importancia de dois milhões e meio até a de tres milhões de contos de réis, conforme o indicarem as necessidades, por justa avaliação da riqueza commerciavel, o que

só ao certo saberemos, á luz de excellentes computos estatisticos que ainda não possuimos, o poderoso instituto se erigirá como o unico substituto habil da turba-multa dos intermediarios do commercio internacional de café, borracha e outros artigos brasileiros, eliminando-os de vez para as manobras baixistas, pela força e resistencia de seus capitaes e sua honestidade de proceder mercantil, effectuando com presteza e lisura a approximação do productor nacional ao consumidor extrangeiro, contribuindo para que aquelle seja mais bem remunerado e esse compre mais barato os nossos productos, o que importará em infallivel alargamento do consumo.

Ainda garantir-nos-á a firmesa nas transacções, a previdencia nos calculos de commercio a prazo, emfim a crescente prosperidade, com o augmento do patrimonio nacional, devido ás sobras de nossa exportação, que de anno em anno se irão accumulando, formando-se no paiz colossal *stock* aureo, sem se deixar de attender a todos os pagamentos do exterior, cuja balança apresentará perfeito equilibrio, accusando um intercambio honesto e praticado entre factores eguaes.

Eis a estrada larga e illuminada por onde deveremos trilhar nós os brasileiros, unidos e fortes, para quanto antes, talvez em dez annos, podermos gozar das innumeras vantagens da circulação metallica, sem brusco periodo transitivo, e nos permittirmos expansões uteis no commercio internacional e surtos admiraveis de progresso.

Esse pseudo milagre só se poderá operar pelo unico e vigoroso motivo de havermos transformado o paiz em potencia commercial, conseguin-

temente nos habilitando a fazer a conquista mercantil do ouro, que é realmente a mercadoria universal, perfeito «valorimetro» das outras, mas que entretanto jamais perde, apezar de ser o metal precioso que melhor serve de materia prima para a amoedagem, o seu caracter essencial de mercadoria, e portanto, estando sujeito, como as demais, ás leis da livre permuta.

Os poderes publicos do Brasil, desde o regimen imperial até nossos dias, se têm revelado uns administradores de curto descortino; e por influxo de doutrinas falsas importadas de além Atlantico, e aferro á rotina, até hoje se limitaram ao papel inglorio de homens de Estado timidos, ridiculos, desconhecendo o grande valor da riqueza nacional, não a defendendo nem ao credito publico, e tomando apenas, na gestão dos negocios da Republica, medidas ineptas ou de simples expediente administrativo; sempre irresolutos, sempre infensos a certas iniciativas fecundas, julgando puerilmente que da politica sábia e patriotica de aproveitar-se por completo o justo valor da nossa producção, poderiam resultar o descredito absoluto do paiz, graves complicações internacionaes e mesmo a guerra externa, que tanto receiam.

D'ahi provém nossa deploravel situação de decadencia, o nosso captiveiro commercial, porque não oppomos uma resistencia séria á especulação baixista, e somos verdadeiramente um povo indefeso e inhibido.

Andamos a representar no mundo até então a triste figura de nação de simplorios e bobalegres, soffrendo lesão enorme em todos os nego-

cios com os povos fortes e apparelhados de todos os recursos da vida moderna para as luctas no campo commercial, quer quando vendemos, depreciadas e não em pouco as nossas mercadorias, quer quando compramos os artigos de producção extrangeira por preços excessivos.

Mais ainda do que isso, por pagarmos pesado tributo á especulação cosmopolita, estamos illicitamente concorrendo para lesar-se a humanidade, porque dos preciosos artigos de producção brasileira todos os trabalhadores do mundo se deveriam aproveitar para augmentarem o conforto de sua vida, e poucos são os que colhem tal vantagem, visto como a especulação monopolista que nos assoberba, nol-os compra a preços vis. mas os revende altamente cotados, de modo que não se tornam accessiveis a todas as bolsas.

E' preciso que a Nação Brasileira se compenetre bem de uma grande verdade, que por mim é repetida sem ambages, toda a vez que me occupo em publico do importante assumpto.

O Brasil não tem falta de capitaes; ao contrario, tem-nos em abundancia, e os melhores, as suas mercadorias, soberanamente mercantis, porque por toda a parte em vendas licitas é facil conseguir permutal-as por ouro.

O que o Brasil não tem é dinheiro, é meio circulante, razão unica de não se ter alcançado a intensificação das nossas permutas, que augmentam na progressão geometrica, ao passo que a população e a civilisação crescem na progressão arithmetica.

E' á falta de dinheiro na circulação, á falta de bom intermediario de permutas, que exclusi-

vamente devemos attribuir a nossa inhibição de commerciar livremente, dentro e fóra do paiz, os productos nacionaes, e bem assim o pouco desenvolvimento que tem tido entre nós a industria bancaria exercida por brasileiros.

E' a ella que devemos o nosso atrazo e ignorancia; é lhe imputavel a existencia do enorme stock de analphabetos, cerca de 75 % da população.

Porque não haveriamos de deplorar hoje, em plena manhan do seculo XX, ao qual o Brasil ligará seu nome, esse analphabetismo consideravel que temos, esse elemento tão deleterio á vitalidade e progresso do povo brasileiro, se para bem derramarmos a instrucção primaria, superior, technica ou profissional por todo o paiz, precisariamos dispender avultadas sommas que não possuimos, quer para construcção das escolas e demais estabelecimentos de ensino, quer para remunerar equitativamente o professorado?!

Pelo mesmo forte motivo é que ainda não temos marinha mercante poderosa nem o systema perfeito e completo de viação para francamente nos communicarmos do littoral ao centro da Republica com o objectivo estrategico ou sobretudo para fins commerciaes; e outra tambem não é a causa de não contarmos com um certo numero de industrias, bem viaveis entre nós, possuidores de tantas materias primas, e que vivessem livremente em plena maré de prosperidade; e sim, certo industrialismo odioso e depauperador, pois não passa de um enorme polvo, cujos tentaculos sugam o sangue e suor dos trabalhadores nacionaes e extrangeiros aqui domiciliados,

medrando e locupletando-se á sombra de muitos favores proteccionistas e á custa do alto preço da vida no Brasil.

Arrastando forçadamente assim o povo brasileiro uma existencia precaria, tão cheia de males e difficuldades de toda a ordem, de gravames advindos até do proprio Governo da União, que se pôz a cobrar excessivos impostos em ouro, quando elle paga em papel aos serventuarios e fornecedores, fazendo avultar os encargos do contribuinte, a sua quota de impostos indirectos, pois em ultima analyse é elle sempre quem paga, no caracter de consumidor, as differenças de valor entre as duas moedas, coisa injusta porque ao Estado o que cumpria era defender o valor nominal da moeda papel e não recorrer a esse expediente indecoroso, verdadeiro processo usurario; o pobre povo, vendo-se atropelado continuamente e cada vez mais por necessidades, poderia deixar de soffrer a extremidade tetrica da crise actual, que se esboçou em 1896, conjunctura bem calamitosa, em que é patente o desanimo para as luctas da vida, mediante o trabalho honesto e reparador, já então considerado como um castigo severo e uma escravidão injusta?!

A um observador superficial talvez até pareça mais o povo brasileiro uma grande agglomeração de homens indolentes, incapazes, covardes e propensos ao crime, que um povo bom e brioso, soffrendo resignado sua immensa desgraça, só por ser muito affectivo e dedicar entranhado amor á ordem e á paz.

Entretanto, é necessario que os dirigentes da nossa Patria não abusem da paciencia e longani-

midade dos brasileiros, que podem ficar exgottadas depois de tantos embates, até porque é inflexivel o imperio que exercem sobre os homens as leis economicas, que não podem ser impunemente violadas.

Os estadistas que não têm o criterio rudimentar do valor das coisas uteis, que é o conceito fundamental da Economia Politica; aquelles que, consentindo na dissipação prodiga da riqueza nacional, não obstante, são ufanos do seu poderio e vangloria; aquelles que, mal inspirados pela sua escassa e falha sciencia, procuram adormentar as energias do povo com ruidosas e brilhantes festividades publicas, sem que o queiram e por mais que o desejem evitar, o que estão preparando realmente para o seu paiz é a guerra civil, que irromperá quando, ao acordar-se de repente de seu profundo lethargo, a Nação adquira a certeza de que não passa de um denso agrupamento de perdularios inconscientes, já conhecendo de perto a miseria e a fome, supremos moveis das insurreições humanas, e fique receiosa de que possa ser acommettida sem demora por poderosos inimigos externos que lhe intentem a conquista territorial, suppondo-a fraca e incapaz de resistir, afim de pilharem todas as suas riquezas, annullando-lhe o apanagio da soberania.

Mais essa vez, em minha propaganda patriotica e simultaneamente altruistica, preconisando um conjunto de reformas tonificadoras e libertarias de que não pode prescindir o Brasil para quanto antes libertar-se dos tormentos da profunda e terrivel crise, e não ser mais um tributario de capitalistas extrangeiros, seja-me relevado re-

petir que, se as alludidas reformas não forem decretadas em breve pelos meios constitucionaes, a Revolução que se annuncia, pela coincidencia de tantos motivos determinantes, ha de infallivelmente decretal-as para segurança da Patria e excelsa gloria da Republica.

Reformas ou Revolução, tal é o dilemma que fatalmente se impõe á consciencia dos compatriotas que occupam as posições de governo.

Se elles não quizerem ver sem tardança talado e ensanguentado o solo patrio, tratem quanto antes da elaboração de boas leis, que garantam integralmente os legitimos interesses de todos os trabalhadores do Brasil, nacionaes e extrangeiros, e assentem em base solida e ampla a organisação da defesa commercial da Republica, a qual depende unicamente de solemne appello ao credito interno, de uma emissão de dois e meio a tres milhões de contos de réis, para se tornar indestructivel e assegurar ao povo brasileiro o seu incontestavel direito de uma vida feliz.

Senhores eleitores do terceiro districto.

São essas as idéas cardeaes do programma, de politica liberal e nacionalista, com que me apresento ás urnas, esperando recommendar-me assim aos vossos esclarecidos e patrioticos suffragios.

Se, por honrosa confiança e firme apoio do eleitorado em maioria relativa, como faculta a lei, conseguir a ventura de ser um dos eleitos do districto, saberei em tempo agradecer a elevadissima distincção e prometto desde já dar, como vosso representante, implemento exacto á espinhosa e nobilitante missão.

Dr. Alfredo Alberto Leal da Cunha.

Medico, residente em Ribeirão Preto.

ELEIÇÃO FEDERAL

PLEITO DE 1912

Ao eleitorado do terceiro districto de São Paulo

Aproveitando-me da liberalidade da lei vigente nos pleitos federaes, ouso pela segunda vez apresentar a minha candidatura a uma cadeira de deputado pelo terceiro districto do glorioso Estado de S. Paulo, onde tenho a ventura de residir ha longos annos.

O escrutinio de lista incompleta auxiliado pelo synergico influxo do voto cumulativo, preceitos legaes com que a sabedoria e o patriotismo dos legisladôres patricios objectivaram sanccionar praticamente o principio da representação das minorias, meio caminho andado para a meta ideal da representação proporcional de todos os matizes da opinião publica, fim que alcançado importaria num progresso real de nossa sociedade politica, que pretendeu reger-se, ao promulgar a Constituição, por um systhema governamental, perfeito por completo, de democracia representativa — o procedimento impeccavel, correctissimo, do honesto, sabio e previdente governo do Estado de S. Paulo, que de ha muito tempo, se constituiu bom modelo a ser imitado pelos seus co-irmãos na grande federação brasileira, predestinado

a representar ainda um dia, que não está talvez muito longe, papel proeminente, por conspicuo e brilhantissimo, no vasto scenario da vida d'este seculo, ao qual o historiadôr naturalmente denominará o seculo do Brasil, pelos seus admiraveis surtos de progresso, por suas proezas de humanitaria sociocracia, por sua crescente opulencia, por converter-se emfim numa das primeiras patrias do mundo, rica de thesouros de arte e sciencia, de recursos economicos, talvez sem par entre coevos, de pujante poderio industrial e mercantil, de grande mas latente força militar, que só se tornará ostensiva e combatente, quando se apresente ao serviço da patria e dos grandes ideaes humanos para a consagração de actos solennes da justiça; etapa gloriosissima da vida patria para o qual o Estado de S. Paulo valentemente ha de contribuir — o procedimento modelar e venerando do governo do Estado, que dispondo de uma maioria compacta e esmagadôra, não obstante quer presidir ao pleito de 30 do fluente, mantendo a linha da mais grave compostura liberal, animado do espirito de justiça e da maior imparcialidade para respeitar os direitos das minorias — tudo isso, que importa em bons auspicios para a combatividade dos elementos liberaes do Estado, me convida a assumir a attitude de franco atiradôr no proximo prelio democratico, em que mais uma vez ergo bem alto o meu estandarte de propagandista de reformas, que reputo indeclinavelmente opportunas e, mais até, urgentemente necessarias, a bem de uma vida nova e promissôra, da reconstituição economica do paiz e da organização methodica e perfeita de

sua legitima defesa commercial, assentando-se d'est'arte sem tardança em base solida os alicerces inabalaveis do Brasil de Amanhan, para cujo advento já tanto têm collaborado muitos compatriotas insignes. A' frente de todos o vulto veneravel de Ruy Barbosa, o maximo expoente de nossa cultura, esse personagem privilegiado pela Providencia Divina, com excelsos dons, augustos e multiplos talentos e meritos, que é hoje bem comparavel ao Christo, guiando as multidões brasileiros para as trilhas illuminadas do bem e do progresso, buscando conter-lhe as ancias e os furôres com os seus beneficos conselhos e avisos propheticos, afim de que a sua sorte melhore, seja pôsto um remate digno a esse viver cruel e opprobriante da nefasta epoca, e que da victoria das idéas sans, da liberdade e da justiça, possa eternamente triumphante surgir a vida dos brasileiros de futuro, gozando dos beneficios inestimaveis da ordem e da paz, para poderem trabalhar livremente e com efficacia aperfeiçoar-se moralmente, de modo indefinito em requintes de civilisação e de altruismo. Em meio á anarchia contemporanea, no seio d'esta patria que se debate nas convulsões de terrivel crise polymorpha, cujo aspecto mais grave é o moral, em que correm risco imminente de morte os poucos caracteres fortes e pundonorosos que ainda resistem com galhardia ao ambiente toxico que os circumda, sinto-me feliz porque olho e vejo bem onde está o perigo que ameaça a minha amada patria e sei quaes os meios habeis de conjural-o. Dirão talvez alguns dos que me derem a honra de ler estas linhas, que não passo de um palradôr immodesto e audaciôso, que sob o

manto de um sublime apostolato esconde desmedida ambição politica, aproveitando se do ensejo, da confusão dos espiritos apavorados com os gravames crescentes da ruina economica e moral da Republica para obter um posto saliente na politica nacional. E, entretanto esses enganar-se-ão. Sou realmente um espirito em destaque no meio social onde vivo e me agito em indefessa lucta pelo triumpho completo da verdade democratica e pela emancipação plena do Brasil aos preconceitos, aos erros, ao captiveiro commercial que o avassalam, impedindo-o de consolidar-se e prosperar sob o ponto de vista economico e de progredir no campo fecundo de sua politica interna e na arena da politica internacional.

E sei, porque estudei o caso brasileiro com afan, estudei embora em más e difficillimas condições, por carencia de dados estatisticos nacionaes, escoimados de todas as faltas, de duvidas e desa certos, erro imperdoavel dos nossos estadistas que jamais cogitaram de dotar o Brasil com uma estatistica perfeita, custasse o que custasse, despresando assim o sabio preceito do «Nosce te ipsum", pretendendo, em loucos designios, governar bem um paiz vasto que não conhecem nos seus poderosos elementos de vida e de grandeza, e d'ahi essa série ininterrupta de medidas inhabeis de administração e de esbanjamentos inuteis, essa continua preoccupação de salvaguardar em toda a linha os interesses extrangeiros radicados no paiz, os quaes, de passagem digo, sendo legitimos merecem todo respeito e toda a protecção das leis e autoridades nacionaes, mas que nem sempre o são, e no entanto systhematicamente são descu-

rados os interesses da communhão nacional, soffrendo as vezes injustas preterições e directo detrimento, mesmo em assumptos que se relacionam de perto com a vida e segurança da Republica.

O saber não é privilegio de ninguem, é apanagio dos estudiosos. Aprendi em documentos nacionaes e extrangeiros, nos livros de sciencia de alguns auctores illustres, como Paul Leroy Beaulieu, Garnier e outros, de alguns até que são declarados inimigos do Brasil ou pelo menos perfidos conselheiros, que o Brasil actual soffre a crise mais temerosa que aos organismos individuaes ou collectivos é dado soffrer, a crise do crescimento rapido, sem estar o organismo parallelamente apparelhado dos meios de nutrição sufficiente e de uma circulação normal, que mantenham em perfeito equilibrio funccional e em estado de perfeita integridade a todos os organs essenciaes ao mecanismo da vida.

A crise é sobretudo de circulação, de natureza inhibitoria, impedidas de facto a perfeita distribuição dos materiaes nutritivos necessarios á alimentação e ao dynamismo do corpo gigantesco, que está positivamente sendo mal alimentado e nutrido. Vivemos no Brasil com pouco dinheiro, quando absolutamente precisariamos ter na circulação nacional tres ou quatro vezes mais dinheiro do que temos, afim de consolidarmos a nossa ordem economica e podermos dahi por deante por influxo de reformas tonificadoras e libertarias, organizar a legitima defesa commercial da nossa producção e ir annualmente augmentando o patrimonio patrio, para um dia sermos colossalmente

ricos. As noções positivas da Economica que é a mais util de todas as sciencias, applicaveis sempre em todos os momentos da vida dos individuos como dos povos, a lição proveitosa da politica experimental das grandes nações modernas, a isso nos induzem, a isso nos compellem, se queremos, como realmente devemos querer, que o Brasil não seja a China da America do Sul, onde apenas faltam a conquista das nesgas territoriaes para o simile ser completo.

Por cabeça de habitante do Brasil não ha o coefficiente monetario normal que devia existir, á luz dos preceitos da Economica, de 80 mil réis, cambio ao par, e 120 mil réis cambio a 16, o da Caixa de Conversão, realmente caixa de emissão, em base arbitraria e em diminuta escala, sem serem consultadas as necessidades da vida e expansionismo da Nação; contamos infelizmente com o coefficiente monetario de 16 mil réis cambio ao par e do de 32 mil réis, cambio 16 o que importa vivermos no regimen do *deficit* permanente, do paradoxo economico e do absurdo financeiro, que nos conduzem entre outros lamentaveis resultados da inepcia, do infantilismo com que a Nação é governada, á incrivel situação angustiosa de serem os cidadãos brasileiros obrigados a pagar aos diversos fiscos do paiz, federaes, estaduaes e municipaes, a fabulosa quantia de novecentos e tantos mil contos, quando nem um milhão de contos existem realmente circulando no vasto territorio nacional, onde não se gozam de todos os beneficios do credito nem da facilidade de communicação e de transporte, a ponto de que a parte extrema central da Republica é mais bem conhecida do

gentio selvagem e melhor por elle utilisada, que pelos poderes publicos, e pelo escol da nossa civilisação Esta é a verdade, embora dolorosa; e para tornar me mais explicito na discussão da maior questão de minha Patria, que, por falta ainda de solução positiva, nos tem acarretado tantos males, impedindo a valorisação do homem do Brasil, impossibilitando que esse homem se constitua um cidadão livre na accepção lata da palavra, e que a sua reunião em poderosa maioria possa trabalhar sem embaraços, praticando actos de verdadeira soberania do povo, unico soberano do regimen, para alcançar-se a fortuna, a honra, a gloria da Republica em ascendente escala; passo a transcrever trechos do manifesto eleitoral do pleito federal passado, concernentes ao magno assumpto, e onde se acham condensados em boa synthese as idéas e os argumentos com que pretendo justificar as reformas que propugno.

,,Essas reformas resaltam, como necessarias, da simples comprehensão do problema economico em seus termos positivos, e devem ter por base larga e solida, uma grande emissão de papel-moeda, criteriosamente utilisada e honestamente defendida, que nos habililte a emprehender com presteza a nacionalisação do commercio dos nossos melhores productos, de alguns dos quaes possuimos um monopolio natural, fazendo circular intensamente no paiz um numerario tão bom como o ouro, embora seja moeda ficticia ou de credito, porque nelle se converterá facilmente, não passando de seu simples signo representativo, graças ao aproveitamento sensato e economico de toda a nossa riqueza movel em permutas livres, por

actos de commercio honesto, praticados por agentes brasileiros.

Resolve de modo cabal nosso problema economico a prompta creação de um grande Banco Emissor, constituido para effeitos de commercio e industria e como regulador e defensor do cambio, emquanto mantivermos o curso forçado, tendo como capital de fundação duzentos e cincoenta mil a trezentos mil contos em ouro.

Nesse capital pode ser incluido, na proporção de quarenta por cento, ouro extrangeiro, associado, pertencente a capitalistas de nações amigas do Brasil, que não podem nem devem hesitar um só momento em associar-se á vultuosa obra de nossa reconstituição economica, auxiliando-nos directamente, mas tambem comparticipando dos avultados lucros da gigantesca empreza, advindos da valorisação de toda a riqueza da Patria. Nem por ser assim constituido, o grande Banco perderá a caracteristica nacional e deixará de ser idoneo forte e insuperavel instituto de defesa de todos os valores da producção e egualmente do credito publico, porquanto com a utilisação da faculdade emissora, na importancia de 2 milhões e meio até a de 3 milhões de contos de réis, conforme o indicarem as necessidades, por justa avaliação da riqueza commerciavel, o que só ao certo saberemos, á luz de excellentes computos estatisticos que ainda não possuimos, o poderoso instituto se erigirá como o unico substituto habil da turbamulta dos intermediarios do commercio internacional de café, borracha e outros artigos brasileiros, eliminando-os de vez para as manobras baixistas, pela força e resistencia dos seus capi-

taes, e sua honestidade de proceder mercantil, effectuando com presteza e lisura a approximação do productor nacional ao consumidor extrangeiro, contribuindo para que aquelle seja mais bem remunerado e este compre mais barato os nossos productos, o que importará em infallivel alargamento do consumo. Ainda garantir-nos-á a firmeza nas transacções, a previdencia nos calculos de commercio a prazo, emfim, a crescente prosperidade, com o augmento do patrimonio nacional, devido ás sobras de nossa exportação, que de anno em anno se irão accumulando, formando no paiz collossal stock aureo, sem se deixar de attender a todos os pagamentos do exterior, cuja balança apresentará perfeito equilibrio, accusando um intercambio honesto e praticado entre factores eguaes. Eis a estrada larga e illuminada por onde deveremos trilhar nós os brasileiros unidos e fortes, para quanto antes, talvez em 10 annos, podermos gozar das innumeras vantagens da circulação metallica, sem brusco periodo transitivo, e nos permittirmos expansões uteis no commercio internacional e surtos admiraveis de progresso. Esse pseudo milagre só se poderá operar pelo unico e vigoroso motivo de havermos transformado o paiz em potencia commercial, conseguintemente nos habilitando a fazer a conquista mercantil do ouro, que é realmente a mercadoria universal, perfeito «valorimetro» das outras, mas que entretanto jamais perde, apesar de ser o metal precioso que melhor serve de materia prima para a amoedagem, o seu caracter essencial de mercadoria, e portanto estando sujeito, como as demais, ás leis da livre permuta.

Os poderes publicos do Brasil, desde o regimen imperial até nossos dias, se tem revelado uns administradores de curto descortino; e por influxo de doutrinas falsas importadas de além Atlantico, e aferro á rotina, até hoje se limitaram ao pepel inglorio de homens de Estado timidos, ridiculos, desconhecendo o grande valor da riqueza nacional, não a defendendo nem ao credito publico, e tomando apenas, na gestão dos negocios da Republica, medidas ineptas ou de simples expediente administrativo; sempre irresolutos, sempre infensos a certas iniciativas fecundas, julgando puerilmente que da politica sabia e patriotica de aproveitar-se por completo o justo valor da nossa producção, poderiam resultar o descredito absoluto do paiz, graves complicações internacionaes e mesmo a guerra externa que tanto receiam ».

Se com isto tudo que exponho lealmente á razão perspicaz e á consciencia honesta do leitor, não conta a minha actual candidatura com uma robusta justificativa, ha um motivo de ordem moral que neste momento de perigo commum me obriga a sustental-a, embora a infausta sorte que lhe esteja reservada.

Eil-o: — Os poderes publicos governamentaes, não foram, e nem o são, neste quatriennio presidencial organisados de modo legitimo e legal. Não parecem servir á Nação Brasileira e sim conjurados contra ella; não poupando nas suas manifestações violentas e sanguinarias de despotismo audaz e prepotente, de arrogante e criminosa minoria fundada no poder militar da Nação, nem os direitos, a vida, a liberdade, nem mesmo a dignidade e a honra da grande maioria de seus

concidadãos, attreitos ás ideas liberaes, francos proselytos do civilismo, synthese da civilisação contemporanea, que acima de tudo colloca o sagrado principio da supremacia da ordem civil, manancial inexgottavel de todos os beneficios e foraes da grande vida moderna entre os povos cultos, protegidos pela justiça que, sob a sua magestosa égide, a todos anima e conforta para o trabalho honesto e valioso na paz e para o progresso juridico, moral e industrial de toda a humanidade, aspirante a uma nova norma de vida em que todos se sintam compartes e não comparsas da civilisação, conseguindo-se bem assim fazer da Humanidade uma só Familia.

O Sr. Marechal Hermes da Fonseca, que é o presidente da Republica, de facto, não era elegivel nem foi eleito; usurpou a curul de supremo magistrado da Nação a Ruy Barbosa, que foi verdadeiramente o eleito do povo, que é o soberano, repito. Além do peccado original, apresenta-se-nos de certo tempo a esta parte com a physionomia bifronte de Janus, ora promettendo governar com as leis e a Constituição, ora attentando contra ellas de maneira insolente e ignobil, e por ultimo deixando mesmo ver a sua feição neroniana, de Cesar caricato, affectado ora de megalomania, ora de abulia, ou despota declarado ou titere explorado, pela criminosa facção de aventureiros liberticidas, com farda ou sem ella, que o cerca, que o favoneia, que o estimula nos seus tremendos golpes de tyrannia, que ameaça com os seus crimes de sangue perpetrados por tropas federaes contra cidadãos inermes, com as suas violações constantes de leis e da Constituição, os seus de-

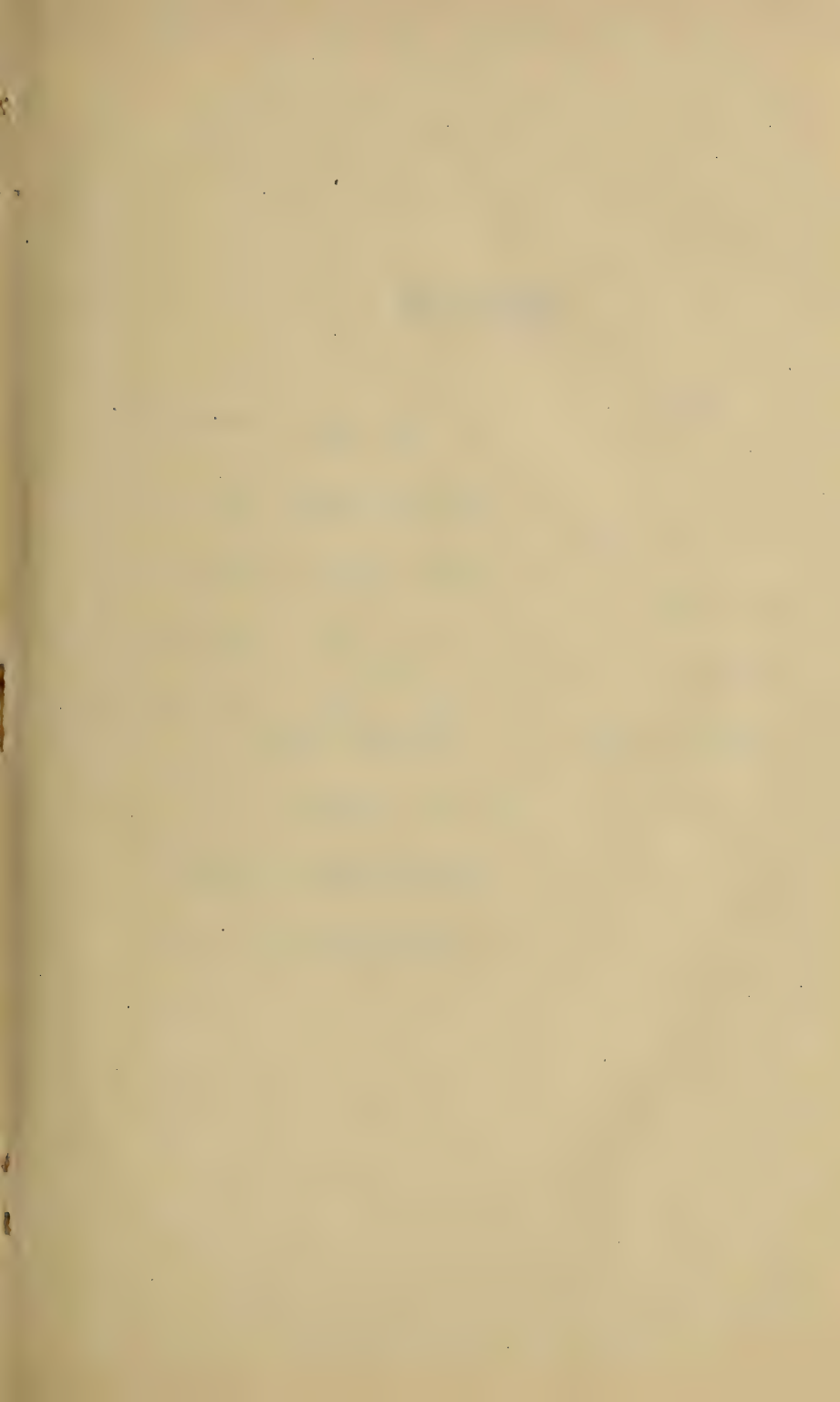
sacatos ás sentenças do Tribunal Supremo da Republica, reduzir á fallencia completa as instituições republicanas, fazendo perigar a segurança da patria, ateando a guerra civil, annullando de vez o Pacto Federal dos Estados Brasileiros, pois a continuar a malefica politica de intervenção "manu militari" sem os requisitos constitucionaes, a vingar sobranceiramente como vingou no Estado do Rio, em Pernambuco, agora na Bahia, brevemente talvez no Rio Grande do Sul, em Minas e São Paulo a federação fica realmente reduzida a frangalhos e dahi em deante imperará sem contraste e com omnimodo poderio o dictador Hermes, com toda a força de seus pretorianos, em que se querem transmudar os officiaes do exercito nacional, constituidos em poder deliberante na politica, em facção armada e revel, insurrecta contra todos os nossos estatutos legaes. Um patriota republicano, como eu, o antigo companheiro de Silva Jardim em muitas de suas gloriosas jornadas, de Barata Ribeiro, com quem a 1.º de Janeiro de 1889 na cidade de Barbacena fui saudar a aurora da revolução franceza, que com a explosão grandiosa do direito natural firmou os direitos do homem livre, creou o cidadão soberano, dentro da esphera dos seus direitos pessoaes, e aboliu o privilegio das classes nobres, que viviam de explorar o trabalho das classes conservadoras, escravisando-as effectivamente; o liberal de escola que me prezo de ser, adepto da forma republicana do governo como a unica compativel e scientifica para homens dignos e livres que procuram viver do seu honrado labor; o estrenuo defensor da Republica do Trabalho em

sua Patria, unica que reconheço como legitima e capaz de fazer a felicidade do povo brasileiro; um cidadão, finalmente, que assim pensa não pode fugir á responsabilidade de assumir a attitude de firme reacção contra a invasão sorrateira e machiavelica da Republica pelo despotismo militar e seus sequazes das classes civis, que tomam o partido de Caim contra Abel, no actual momento de crise politica agudissima, e em que apesar do tão falado e decantado accordo com o Estado de São Paulo, este corre o risco de ser invadido por esses vandalos modernos, que ha muito cobiçam as suas riquezas e especialmente a boa parte do "corner" do café paulista, que está na Europa representando muitas dezenas de milhares de contos de réis, de fortuna paulista legitimamente adquirida e que é o pesadelo constante dos Gargantuas, do partido opposicionista no Estado, que convém pereça em todas as demais regiões brasileiras, em pugnas homericas, luctas incessantes, entumescido o peito dos patriotas de verdadeiro amor da Patria e da Liberdade, illuminada a sua consciencia e armados os braços para pertinazmente enfrentar e vencer o inimigo terrivel, que quer reduzir á escravidão o povo brasileiro. A' semelhante situação nunca darei o meu voto de apoio. Ao contrario sou solidario com os que a combatem "totis viribus, totis armis". Eleito, caso mereça o apoio do importante e independente eleitorado do 3.º districto, emquanto fôr possivel a discussão, respeitando-se aos membros do Congresso Nacional o livre exame das opiniões e actos do executivo, discutirei com todo o desassombro o vasto plano de reformas que da

tribuna e da imprensa ha muitos annos evangelizo para o supremo bem e felicidade dos meus compatriotas, e espero acabar vencedor no sereno debate das ideias.

Quando não fôr mais possivel a discussão, quando aos representantes do Congresso não restar outro recurso senão o movimento revolucionario, carabina libertaria ao hombro, irei para o campo sagrado da guerra, em prol das liberdades patrias como soldado voluntario paulista, até o meu exterminio pessoal ou até o suspirado momento do triumpho magno das hostes liberaes, que com os seus hymnos de gloria guerreira terão tambem de entoar os canticos sublimes e festivos da fraternidade brasileira, unidos os irmãos para todo o sempre, em defesa de paz, do trabalho, para a conquista dos mais lucidos ideaes.

Dr. Alfredo Alberto Leal da Cunha.

Medico, residente em Batataes.

Errata

	LEIA-SE
A' pagina 4—linha 5 onde se lê: com alma pura	“como alma pura„
A' pagina 8—linha 9 onde se lê: mil e alguns contos	“milhão e alguns contos„
A' pagina 11—linha 29 onde se lê: noso stock	“nosso stock„
A' pagina 16—linha 20 onde se lê: custo da divida	“custo da vida„
A' pagina 38—linha 26 onde se lê: a doutrina e equitativa	“a doutrina equitativa„
A' pagina 79—linha 24 onde se lê: se fundara	“se fundará„
A' pagina 161—linha 21 onde se lê: direito de uma vida feliz	“direito a uma vida feliz„
A' pagina 178—linha 16 onde se lê: defesa de paz	“defesa da paz„